

WASTUS

Em. b 3

17

lutas dos povos oprimidos... A existência de pessoas na frega
América Latina Um jornal de aventuras, idéias reportagens e cultura **Gr\$ 20**
e não deve impedir o trabalho dos demais. Sera que DEZEMBRO - JANEIRO 1977-78 a

capaz de abrir os olhos de energúmenos que não entenderam qua

leve conciliar a... ânc... u tip de... usado por outra

N Br il, a ne... excessivamente... as com

lidadeg eleições... res... época; co

ção c... chaves de eleições parlamentares; comi

ncos, etc. Quando se... erar a rotina com nova

ções, as pessoas perdem a cabeça. O maior na er o sta

manter o bi... da... mant... costume

as tradi... política.



A luta de um partido de trabalhadores não é fácil. Ao c

io, exige a criatividade em momentos difíceis e nebulosos com

que vivermos. Não... criatividade... que pretende...

MÁRIO PEDROSA, PLINIO MARCOS, CORTAZAR, ALEANO, CHICO PINTO, ROZEMBERG, JOSÉ J. VEIGA



Luta Contínua

boletim do MDB/jovem RGS

UM PARTIDO SOCIALISTA NO BRASIL?

Mais uma contribuição de Versus ao debate político. Publicamos, nesta edição, três textos em que se discute a situação nacional: uma entrevista concedida por Chico Pinto ao nosso enviado a Brasília, Omar de Barros Filho; um depoimento de José Álvaro Moisés, sociólogo da equipe do CEDEC, órgão ligado à PUC de São Paulo; e uma entrevista com Fernando Henrique Cardoso.

Nos meios políticos e culturais de todo o País está colocada na ordem do dia a questão da criação de um Partido Socialista voltado para os trabalhadores, não burocrático e democrático. A discussão não é de hoje. Mas cresceu nos espaços abertos no País pela crise institucional, pelo debate, pelo enfraquecimento dos segmentos do poder interessados num congelamento da situação nacional. E pela crise da oposição.

Versus considera estes temas como diretamente ligados a todas as suas preocupações. Surgimos como um novo espaço de discussão, pensando a questão continental e defendendo a idéia da cultura como forma de ação. A partir de nosso número 7, assimilamos a linguagem e o pensamento sociológico. O número 14 de Versus é um novo marco: Almino Affonso, ex-ministro do Trabalho de João Goulart, quebrou um silêncio de treze anos em nossas páginas.

Versus se dispõe a integrar estas três linguagens: a da cultura como forma de ação, a reflexão sociológica e a discussão da instância diretamente política. Neste ponto, privilegiamos, agora, o tema dos partidos políticos. Em São Paulo, Rio, Brasília e Porto Alegre, o dilema se coloca nos meios oposicionistas: qual a forma de construir uma oposição com um programa político, social e cultural novo?

Afora as preocupações táticas com as futuras eleições, em que o MDB ainda é o espaço político da frente democrática, vem se colocando a questão do novo partido. Percebe-se uma primeira divisão de pontos de vista. Uns consideram que ele deverá ser o de um Partido Trabalhista por suas tradições de massas - outros pensam num Partido Socialista, ressaltando a necessidade de superar o intelectualismo doutrinário e a falta de princípios, característica dos partidos pré-64. No Rio Grande do Sul, o MDB colocou num boletim interno, recente, a necessidade da criação de uma Tendência Socialista dentro do atual partido oposicionista. Uma pesquisa entre os deputados estaduais do MDB do mesmo Estado mostrou que pelo menos nove deles estariam dispostos a participar de um PS.

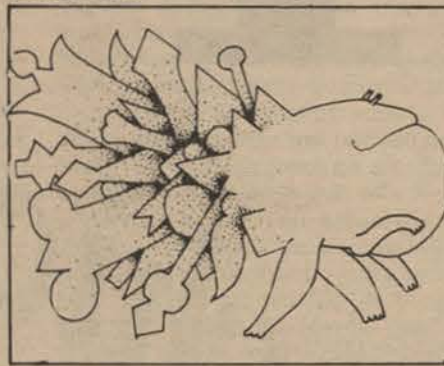
Ao mesmo tempo, alguns parlamentares do MDB em Brasília comentam nos corredores do Congresso, segundo registrou nosso repórter, a necessidade de levar às bases a discussão de um Partido com programa socialista, paralelamente à campanha eleitoral de 78. Setores vinculados direta ou indiretamente à Igreja também buscam o debate, como se verifica em São Paulo, por exemplo.

Na PUC, em São Paulo, o deputado João Cunha, do grupo autêntico do MDB, participou de um debate promovido pelo C.A. da Ciências Sociais, em torno do PS. Ele levou para Brasília a posição dos estudantes: «para os trabalhadores é fundamental uma organização independente, desatrelada dos interesses da classe dominante. (...) Sabe-se que está se rearticulando o Partido Trabalhista. Mas é só pesquisar a história deste partido para saber que ele está ligado aos interesses da burguesia e da burocracia ministerial. (...) Só o PS será capaz de representar os interesses dos trabalhadores. Acharmos que desde já deve-se criar comitês pela construção do PS. E que se consiga assim um expressivo movimento pela formação deste partido».

Versus publicará, no seu próximo número, depoimentos e análises em torno do Trabalhismo e do Populismo, continuando a análise dos caminhos da oposição. Concordamos com o editorial do número zero do semanário Amanhã, que está sendo lançado em São Paulo: a hora não é apenas das denúncias. Mas da discussão de perspectivas.



● Por um partido dos trabalhadores
pág. 4 a 6
Chico Pinto



● O dilema dos autênticos
pág. 7 e 8
José Alvaro Moisés

● A bionocracia
pág. 9 e 10
Fernando Henrique Cardoso



● Dolár Furado
pág. 12
Mouzar Benedito



● A instância tirânica
pág. 13 e 14

● A Copa da tortura
pág. 15 e 16
Marcos Faerman

● Carta de Barcelona
pág. 17 e 18
Eduardo Galeano

● Coração Americano/Flávio Tavares
pág. 20 e 21

● Turismo Necessário
pág. 22 e 23
Julio Cortazar



● Mário Pedrosa
pág. 25 a 27

● Boris Schnaidermann
pág. 28 e 29

● Artes plásticas
pág. 33
Jacob Klintowitz

● Fogo-Pagu
pág. 33
Antônio Risério

● Poesia
pág. 34 e 35

● Plínio Marcos
pág. 36



● AFROLATINOAMÉRICA
pág. 38 a 41



● CARTAS
pág. 42



Editores: Marcos Faerman, Omar de Barros Filho, Vitor Viera, Luiz Egypto, Mouzar Benedito (assistente), Hélio Godsztejn (assistente), Wagner Carelli (assistente), Percy Galimberti (assistente). Produção Gráfica: Renata Villás Boas, Glen Martins, Carlos Clémen, Jorge Patrício, José Antônio Luciano. Ilustração: Jaime Leão, Angeli, Jota, Chico Caruso, Alcy, Marlene, Ivone Couto, Edgar de Souza, Edgar Vasques, Tacus, Evandro Salles, Rico, Leib, Marcotín. Fotos: Rosa Gauditano, André Bocatto, Sandra Adams, Gilberto Rocha. Colaboradores: Cristina Ribeiro, Fernando Peixoto, Roniwalter Jatobá, Licínio Azevedo, José Miguel Wisnik, Francisco Weffort, Jorge Escosteguy, Fernando Moraes, João das Neves, Antônio Risério, Paulo Ramos, Plínio Dentzein, Maurício Kubrusly, Gianfrancesco Guarnieri, Claudio Bojunga, Cecília Thompson, Silvana Rodrigues, Marilsa Taffarel Faerman, Cremilda Medina, Maria Ester Gilio, Jacob Klintowitz, Percival de Souza, Oswaldo Camargo, Neusa Maria Pereira, José Carlos de Andrade, Nihomulo, Ndecaray Zulú Nguxi, Domingos Pellegrini Jr., Marisa Corrêa, Souzalopes, José Antônio Simch, Leda Beck, Antônio Carlos Moura, Sérgio Schaeffer, Dércio Marques, Julio Tavares. Revisão: Sérgio Kraselis. Rio de Janeiro: Luiz Rosemberg Filho, Mario Augusto Jacobskind. Rio Grande do Sul: Paulo Barros, Carlos Alberto Kolecsa. Pernambuco: Ivan Maurício. Amazonas: Márcio de Souza. Espírito Santo: Rogério Medeiros. Exterior: Eduardo Galeano, Eric Nepomuceno, Diana Belessi, Abrão Slavutsky, Alberto Villas, Galo Khalifé. Diretor Responsável: Marcos Faerman. Versus é uma publicação da Editora Versus Ltda. Administração e redação: rua Capote Valente 376, Pinheiros, São Paulo/SP, CEP 05409. Composto e Impresso na Empresa Jornalística AFA, av. Liberdade 704, tel. 278-9010. Ano 3 - Versus 17 - dezembro 1977. Distribuição: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., rua Teodoro da Silva 907, tel. 268-9112, Rio de Janeiro/RJ. Administração: Marilena Vieira, Maura Veiga, David Batista dos Santos. Departamento Jurídico: Márcia Ramos de Souza, Luiz Eduardo R. Greenhalgh.



1

chico pinto: pelo partido dos trabalhadores

entrevista a Omar de Barros Filho e
Paulo Santilli

O homem
que foi processado
porque discursou contra
Pinochet na Câmara, luta
hoje pela construção de
um partido amplo,
definido, socialista,
um passo à frente na
organização livre e
independente.



P — A partir de que momento você vê a necessidade da criação de um partido de esquerda, de caráter socialista, no país? Você surgiu no cenário político brasileiro lançado pelo PSD, um partido conservador. Quando se dá a ruptura em seu pensamento?

R — Desde que cheguei ao Congresso Nacional, em 1971, quando, com um grupo de parlamentares que tinham adotado um comportamento afirmativo durante a campanha eleitoral em '70, tentamos organizar uma frente parlamentar nacionalista. A frente não saiu, embora desses entendimentos tenha surgido o grupo autêntico, que despontava com propósitos bem diversos daqueles que caracterizavam a liderança anterior do MDB.

O grupo autêntico acabou se formalizando concretamente após um seminário do MDB em Recife, onde foi denunciado por alguns adesistas como um grupo formado por comunistas. Mesmo nessa ocasião, quase que por unanimidade, entendiam esses companheiros que a única solução para a sobrevivência real do agrupamento era a formação de um novo partido político. Tal fato não se concretizou porque a legislação eleitoral impunha enormes restrições à organização de um novo partido, estabelecendo inclusive penalidades para os parlamentares que abandonassem os atuais partidos, com a pena da perda do mandato.

A idéia ficou em gestação e mesmo agora é que ela ressurgiu, vigorosamente, com as informações detectadas na área oficial de que os atuais partidos políticos seriam extintos. Os políticos brasileiros agem, em geral, com muita emotividade, alguma dramaticidade irracional, e muito pouca dialética. Por isso se criou um estímulo quase juvenil entre os nossos congressistas que viajaram para o exterior, onde estes senhores mantiveram entendimentos com Willy Brandt, Mário Soares, Olof Palme e outros políticos europeus do Partido Socialista. Quando voltaram, pareciam firmes e decididos em organizar um partido no Brasil.

Mas, as primeiras críticas levantadas contra a criação de um novo partido, nas atuais circunstâncias da política brasileira, parece que arrefeceram o ânimo desses companheiros. Tanto isso é verdade que, do mês de julho a setembro, não se falava em outra coisa nos arraiais dos autênticos. A idéia tem sido esquecida, em que pese vários setores da sociedade comecem a dar consequência a ela, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul, envolvendo intelectuais, estudantes e trabalhadores.

P — Durante o Império, no Brasil, dizia-se que nada mais era tão parecido com o Partido Liberal do que o Conservador. Na República Nova, afirmava-se que nada se parecia mais a UDN do que o PSD. Ainda hoje, não há diferença substanciais entre os programas da Arena e do MDB. Qual a fórmula, então, para estabelecer um divisor de águas entre partidos políticos?

R — Seria o estabelecimento de um programa definido em nível de classe. A crítica que os teóricos burgueses, que os analistas da burguesia, a serviço dela, fazem desses partidos, é profundamente paradoxal. Afinal de contas, se só existem partidos burgueses, como querer que eles se diferenciem substancialmente? Nesse período de caças às bruxas, de regime policial, o próprio

presidente reconheceu — embora não tenha sido esta a intenção — que existe luta de classe no País, quando disse que *não havia luta de classe no Brasil*. Obviamente, ele reconhece que as classes existem, ele parte de uma premissa verdadeira... Se elas existem, o correto para atender aos reclamos e às críticas, quer dos teóricos burgueses, quer das elites dirigentes, quer dos trabalhadores, seria a criação de um ou dois partidos que defendam a conciliação de classe, um partido mais radical que defenda os interesses da burguesia, e um partido dos trabalhadores. Como condição necessária para o ingresso dos trabalhadores no partido, exigir-se-ia o compromisso de que o filiado defendesse, com exclusividade, os interesses da classe operária.

Isso não quer dizer que o partido não tivesse flexibilidade, maleabilidade, que não assumisse compromissos, que não participasse de sindicatos reacionários, que não fizesse acordos ou pactos, que não fosse capaz de ir e vir nos momentos necessários, que não analisasse a força do adversário e sua própria força e estabelecesse as alianças indispensáveis à tomada do poder. Essa seria uma posição tática, mas que não poderia sacrificar os objetivos maiores da classe operária.

P — É possível esse partido de esquerda, hoje, no País?

R — Essa pergunta, se fosse dirigida a Adolf Hitler, na época em que a Alemanha vivia formalmente sob um regime democrático, ele responderia que seria possível criar um partido que defendesse a ditadura do capitalismo mesmo num regime democrático. Do lado oposto, se perguntassem a Lenin se era possível criar um partido bolchevique de trabalhadores na ditadura do czar, ele responderia que sim. E o fez.

Atrelar a situação atual aos desígnios do governo é uma fórmula cômoda para não se definir, para se continuar jogando no partido da burguesia que é o MDB. A dúvida que surge quando se fala em Partido Socialista é se esse partido, que se quer criar, seria também um partido conciliador, um partido de acomodação, de amaciamento, tudo o que caracterizou o antigo PTB em sua maioria.

Deflagrado o movimento em favor da convocação da Assembléia Nacional Constituinte, mesmo antes da tese ser consagrada pela convenção do MDB, em setembro, chamávamos a atenção para a ressurreição do «diálogo petroniano». Dizíamos que, desta vez, ele teria características diferentes das anteriores. O propósito não se resumia somente em neutralizar e imobilizar a oposição, mas ia mais além. Pretendia-se dar consequência às decisões dos que, nas atuais circunstâncias, decidem que querem alterações no modelo institucional brasi-

leiro. Se são mudanças insuficientes, o tempo dirá.

Das vezes anteriores, o diálogo levou ao pacote de abril. Ele tinha o propósito de conseguir o aval do MDB para as eleições indiretas a governador, e como contra-prestação de serviços prestados pela oposição, no retrocesso efetuar-se-ia a revogação do AI 5 e a inclusão dos mecanismos de defesa do Estado na Constituição. Tirar-se-ia o caráter de temporalidade do ato institucional, além de seu caráter excepcional, para conferir um caráter legal e permanente.

Como se vê, o diálogo tinha o objetivo de fazer retroceder. Agora, constitui-se num pequeno passo à frente. Isso não são conjecturas colhidas na filosofia do *achismo* («eu acho que...»), mas em informações detectadas na área própria de decisão. O perigo no diálogo (existiram outros) é que o MDB seria atacado pelos flancos, isto é, conquistaria áreas afins não vinculadas ao Partido, como por exemplo a OAB, CNBB, sindicatos, ABI... áreas que não temessem o risco de um diálogo, que poderia conduzir a novas frustrações e que independessem do voto popular para sobreviver.

Os pontos ganhos foram suficientes para diminuir um pouco o impacto em favor da Constituinte. Em relação, porém, à criação de um novo Partido, teve um efeito desalentador, ao menos na área parlamentar. Depois do entusiasmo inicial, sobreveio o cetismo, acompanhado de argumentos contrários à idéia original. Idéia que não surgiu de cabeças iluminadas, mas de uma prática diuturna e constante com a atual estrutura emedebista e com a realidade nacional.

P - Alguns parlamentares apontam três objeções contra a criação de um novo partido: não dividir a oposição antes da redemocratização do País; que a fundação de novos partidos levaria ao isolamento da esquerda; que não se pode pensar em criar novos partidos enquanto existirem pessoas afastadas do processo, porque tiveram seus mandatos cassados, direitos políticos suspensos, cumprindo pena por delito político, ou mesmo banidos. Você pensa assim?

R — O primeiro argumento estabelece um pré-requisito para que se pense em uma nova organização partidária: a redemocratização plena. É uma preocupação: a divisão do MDB. Quanto ao pré-requisito, é necessário que se defina o que é redemocratizar, para sabermos se a definição satisfaz a todos os sabores. Diz-se, por exemplo, que existia plena democracia no Brasil de 46 a 64. É o caso de se perguntar: aquela democracia seria suficiente para a criação de um novo partido? Onde estavam, então, na época, os diversos partidos comunistas, senão na ilegalidade e alguns de seus membros na prisão? Dir-se-á que o quadro era diferente. É óbvio, mas não é fácil estabelecer agora o que é necessário, insuficiente, em realidade diversa. Há cerca de três anos, quando a situação política era mais fechada e o espaço mais estreito, muitos parlamentares do MDB satisfaziam-se com a abolição do AI 5, 477, e o retorno do «habeas corpus». Os mecanismos de defesa do Estado, por exemplo, foram defendidos pelo Partido em nota oficial de seu diretório nacional, por ocasião das cassações dos bravos deputados Lisâneas Maciel, Nadir Rosseti e Amaury Muller. O que poderia ser considerado de duvidosa viabilidade era criar-se um partido, um partido de esquerda, sem razoáveis alterações na legislação excepcional e sem um abrandamento nas exigências estabelecidas na Lei Orgânica dos partidos.

Quanto à preocupação com o fracasso do MDB, e preciso considerar que a divisão não se verificará de um lado só. Atingirá a Arena também. Não se poderá dizer com seriedade que um partido de centro, que pregue a conciliação de classe, que se formará possivelmente sob o comando do senador Paulo Brossard, Teotônio Vilela, Ulisses Guimarães, Tancredo Neves, e muitos outros, fique a serviço do governo atrelado a projetos autocráticos. O partido de centro, liberal, oscilará inevitavelmente da direita para a esquerda, aliando-se com esta em muitas oportunidades. Além disso, a instituição do pluripartidarismo, quatro ou cinco como se prevê, com interesses divergentes e conflitantes, embora não antagônicos, facilitará o campo de manobra para um partido de esquerda, cujos membros hoje se encontram prisioneiros de um único partido burguês, o MDB.

O segundo argumento, alicerçado em um possível isolamento da esquerda, peca pela visão parcial de uma verdade geral. Quem se isola verdadeiramente é quem perde o contato com os trabalhadores. Isolar-se da burguesia monopolista não é isolar-se, é definir-se. E definir-se deve ser uma preocupação constante dos que não pretendem fazer política iludindo a todos, enganando a todos, mistificando sempre, com o objetivo de fazer carreirismo político.

O terceiro argumento é esfarrapado e sem antecedentes históricos nas lutas dos povos oprimidos...

Cenas de uma campanha eleitoral.
Chico Pinto na Bahia em 76.

No Brasil, as pessoas estão excessivamente desabitadas com a legalidade: eleições mais ou menos livres, dependendo da época; composição cômoda da classe, através de eleições parlamentares; comícios públicos, etc. Quando se precisa alterar a rotina com novas posições, as pessoas perdem a cabeça. O mais cômodo é manter o status, manter o bipartidarismo, manter os hábitos, costumes e formas tradicionais de atuação política.

A luta de um partido de trabalhadores não é fácil. Ao contrário, exige a criatividade em momentos difíceis e nebulosos como os que vivemos. Não a criatividade dos que pretendem tirar fórmulas do cérebro para fazer alquimia social. O cérebro não vai inventá-la, mas descobrir e captar fatos novos, buscá-los na realidade; é a tarefa das lideranças políticas e de um partido que se proponha a ser vanguarda da classe operária.

A função de um partido de trabalhadores é saber aquilatar as condições de um momento, de elevar o nível geral de consciência das massas oprimidas, e isso não é cedo para fazer. Pode ser cedo para os oportunistas, para os que não querem arriscar-se ao relento, assumindo riscos enormes, mas indispensáveis na luta árdua e difícil para se chegar à hegemonia dos trabalhadores.

P — Algum dia você acreditou no MDB como força real de oposição? As cassações mostram que o partido viveu sempre divorciado das massas, sem raízes profundas na classe trabalhadora. O MDB aparece com um partido burguês, meramente eleitoral. Em que medida a criação de um Partido Socialista modificaria essa situação?

R — O problema não é propriamente de crença no MDB... nem de fé. O MDB cumpriu seu papel. Vem cumprindo a duras penas pelo cerceamento da legislação excepcional, de um lado vendo rolar muitas de suas cabeças

mais consequentes e, ao mesmo tempo, tendo que conviver com o adesismo mais desenfreado e o oportunismo mais ridículo que medra nas suas fileiras.

No cumprimento de seu papel, o MDB sofreu desvios inevitáveis porque sua cúpula submete os parlamentares e seus filiados mais consequentes a uma mini-ditadura. E se transformou num partido-eleitoreiro. Tanto isso é verdade que, em 76, alguns de seus mais legítimos representantes, legitimidade de cúpula, se assim se pode dizer, defendiam que o MDB deveria perder as eleições municipais para poder garantir as eleições diretas para governador de estado em 78.

O Partido Socialista não poderá se confundir nessa linha arrivista. Não poderá pensar em alcançar prefeituras e governo de estado, ou mesmo o gover-

serviço do capitalismo. Isto nos ocorre exatamente porque as chamadas empresas públicas na verdade não são públicas no sentido amplo, mas privada em seu objetivo porque tem como meta o lucro do Estado, do estado burguês, que se aproveita desses lucros para injetar oxigênio nas empresas privadas. As empresas chamadas «públicas», no Brasil de hoje, são empresas que não são dirigidas pelo público, pelos trabalhadores, nem por aqueles que participam da sua produção, que não são beneficiários da sua riqueza.

P — Geisel pede o fim do AI 5 e a incorporação à Constituição dos mecanismos de salvaguarda. Isso significa que a luta por um partido da classe trabalhadora deve ser intensificada para que as forças políticas mais conse-

caram na revolução burguesa, estavam sendo rasgadas. Pregava-se internamente as liberdades formais, o direito de greve, a liberdade de imprensa, a representatividade parlamentar, a participação popular nas eleições. Ao mesmo tempo, sustentava-se na América Latina e, em todo mundo, governos discricionários, autocráticos e violentos, que esmagavam os movimentos de massas através de banhos de sangue como ocorreu no Chile, ou de torturas medievais como vem ocorrendo em muitos outros países que vivem dependentes dos EUA.

Para a recuperação da imagem do país democrático, levantou o presidente Carter a bandeira dos direitos humanos, que não é dele, mas de todos os povos civilizados, e que é particularmente nossa, da América latina, das vítimas de governos que não souberam compatibilizar as liberdades formais com o regime capitalista... Aliás, todas as vezes em que o capitalismo se encontra ameaçado, prefere sacrificar as liberdades, que são consideradas abstrações, para manter a propriedade. Isso ocorreu na Alemanha nazista e na Itália fascista.

Isto vem ocorrendo em quase todos os países da América Latina. Liberdades formais permitiram uma maior conscientização das massas e uma maior participação delas no processo. Isto é considerado como uma ameaça à propriedade, e entre esta, que é concreta, e as liberdades, eles preferiram ficar com a que. De desgaste em desgaste, de retrocesso em retrocesso, de prestígio do governo reacionários e retrógrados, sentiram os EUA que era hora de defender, perante o mundo, aquilo que internamente defendem em caráter excepcional, pelo seu próprio governo.

Claro que, num país que submete os demais países a uma exploração permanente, é mais fácil fazer concessões à classe trabalhadora. Agora, contudo, com a bandeira dos direitos humanos, que nos interessa, com os ventos liberalizantes que começaram a soprar em nossa direção, os EUA ganham uma nova dimensão, e não é sem razão de ser que seus mensageiros, quando visitam os países oprimidos, não são mais recebidos com protestos populares e queima de suas bandeiras. Dentro desse contexto, o governo ditatorial de Banzer, na Bolívia, já defende uma Assembleia Constituinte e eleições diretas para presidente de República. O mesmo ocorre no Peru, em que pese numa situação interna diferente.

Somoza e Baby Doc abriram as portas de suas prisões, liberaram a imprensa da censura e revogaram o estado de sítio. Até mesmo Pinochet já fala numa abertura gradual, que teria desfecho em 1982. O Brasil não poderia fugir a essa regra. O que se lastima é que seus dirigentes não tivessem visão de estadistas para assumir a liderança desse processo liberalizante.

É claro que não foi só a interferência dos EUA que levou a um processo de abertura, mas também o descontentamento incontrolável das massas, da pequena burguesia, de intelectuais, da Igreja e dos estudantes, que forçaram, inaludivelmente, a abertura pretendida. O último discurso do presidente Geisel, em que pese as críticas e frustrações que provocou, não se pode deixar de reconhecer que foi um passo à frente. Quando fala que os instrumentos excepcionais «já podem se tornar dispensáveis, substituindo-os por adequadas salvaguardas que permitam garantir a manutenção de um melhor funcionamento do regime democrático e a ordem», claro que está se referindo ao Ato Institucional, porque o Decreto 477 e a própria Lei de Segurança, sendo decretos, podem ser revogados e não haveria a necessidade de serem incorporados à Constituição.



no central, com o objetivo de calçar ruas, estender linhas de energia elétrica, abrir estradas, tentar uma melhor distribuição de riqueza nacional... O PS deverá descer ao âmago da questão, isto é, questionar se é válido, que os meios de produção fiquem controlados por uma minoria da nação. Questionar se a propriedade privada é a solução para o desenvolvimento da nação brasileira. E se ainda se deve manter a posição, que me parece hoje equivocada, de combater a burguesia alheia e defender a «sua» própria burguesia. Questionar se, dentro dessa perspectiva, utilizar a poupança do Tesouro Nacional para expropriar ou mesmo indenizar as empresas monopolistas internacionais, e entregá-la ao comando da burguesia nacional, seria justo. Ou se mais justo seria que se utilizasse da poupança pública para estatizá-las. Não seria a estatização atual, isto é, o que se poderia chamar de capitalismo de estado, de um estado que está a

quentes do País ocupem o espaço político aberto pelo movimento de massa e pelas próprias necessidades do imperialismo que procura rearranjar suas relações na América Latina. Como você vê a questão?

R — De algum tempo para cá, a sociedade norte-americana iniciou uma autocrítica das posições assumidas pelo seu governo. O que estava prevalecendo no mundo era a imagem dos EUA que invadiu o Vietnã, a Coreia, a Baía dos Porcos, os EUA de Watergate. A imagem do país estava seriamente comprometida. Havia necessidade de se restaurar a liderança do país que representa, basicamente, o capitalismo no mundo, a imagem dos EUA de Lincoln e Jefferson. Seus discursos, suas plataformas de companhia, foram desenterrados e redefinidos para que os EUA voltassem a ocupar sua posição profundamente ameaçada. As grandes bandeiras do liberalismo político, que bus-

O DILEMA DOS AUTÊNTICOS



Uma análise
do sociólogo
José Álvaro
Meisás

marlene

«O impasse enfrentado pela oposição parlamentar, em face das iniciativas que o regime autoritário vem tomando no Brasil para conquistar setores da sociedade civil para o seu projeto de institucionalização, que é elitista, se deve a dois fatores. O primeiro, que explica este impasse, está relacionado com o fato de que o governo, através da missão Portela, do diálogo que não é diálogo, tenta responder a um momento de ofensiva adotado pela oposição parlamentar, quando propôs a tese da Assembléia Constituinte. Com o diálogo, o governo tenta de alguma maneira esvaziar esta tese, buscando alguns setores da sociedade civil, como é o caso da OAB, a Igreja, como noticiou a imprensa. O governo teve habilidade suficiente para ir buscar os setores que digamos assim, se constituíram em pontos críticos da oposição ao regime.

Esta iniciativa do governo, de alguma maneira, imobilizou a oposição. O discurso do presidente Geisel se insere nesse contexto quando vem e reconhece que os setores mais esclarecidos da nação almejam a democracia, por outro lado, que já se cogita em por um fim às leis de excessão. O que fez o presidente? Reconheceu que na sociedade civil existe uma reivindicação pela liberdade e pela democracia e, ao oficializar a missão Portela, introduz uma cunha numa seara que era, na realidade, da oposição. Por que isto ocorreu?

Esta iniciativa no governo pôde se enraizar na medida em que a oposição de alguma maneira tornou abstrata a sua tese pela Assembléia Nacional Constituinte. A oposição, que vinha de uma divisão interna, encontrou nesta proposta uma espécie de desaguadouro comum. Entretanto, como se visava resolver um impasse provocado pela divisão interna, ela não foi capaz de especificar as formas possíveis para o homem comum brasileiro, para o trabalhador unificar o problema da sobrevivência, e portanto o problema do salário, com a questão da Assembléia Nacional Constituinte. Ao invés do MDB buscar exatamente os setores que a missão Portela procura, criando uma espécie de diálogo oposicionista, diálogo verdadeiramente democrático, de bases, o MDB propôs a tese em abstrato. Adotou, de certa maneira, a postura de quem senta e espera que a tese cresça por si mesma. Sem se dar

conta que a função de um partido oposicionista, num regime como o brasileiro, mais do que simplesmente esperar o apoio da sociedade civil às suas teses, é de articular setores desta opinião pública que o apóia e que ainda não tem consistência suficiente.

Isto explica em parte o impasse, e é nesse quadro que é preciso compreender a perplexidade com que, por exemplo, um setor como os autênticos do MDB recebeu o discurso de Geisel. Deputados que são importantes, certamente muito representativos nos seus Estados, se limitaram a apor ao discurso uma resposta de tipo negativa, dizendo o que o discurso não foi, o que ele não é, sem indicar aquilo que a oposição apresenta como alternativa política para o próprio discurso.

Este é o grande impasse vivido por todas as oposições democráticas e progressistas hoje no país. Todos nós que estamos na oposição, de alguma maneira continuamos a insistir nas teses liberais, de impor limites às arbitrariedades do Estado, de pôr um parêntese ao desrespeito dos direitos humanos, de impedir certas leis que obstaculizam a livre manifestação do pensamento, a organização partidária, a organização para a defesa econômica, etc.

São teses que valeram para um determinado momento da evolução política brasileira. Neste momento em que o próprio regime está em crise, é preciso sair da simples negativa, sem jogá-la fora, sem jogar fora a criança com a água do banho, e adotar outra perspectiva, que propõe e explica.

Por que desejamos a Assembléia Constituinte? Quando falamos de democracia, que tipo de democracia pensamos? Que mecanismos tornam possível a incorporação de todos os setores hoje marginalizados das decisões políticas no processo de decisão da vida coletiva brasileira?

O grupo dos autênticos do MDB, que historicamente tem ligações muito mais consistentes com o conjunto das classes subalternas do país, com os assalariados, com aqueles que usaram o voto como arma de protesto em 74, caiu na perplexidade. Não creio que isso se dê por falta de liderança dos setores

autênticos. Isso em parte está relacionado com uma incapacidade que diz respeito ao conjunto do MDB de transformar o apoio eleitoral em apoio orgânico. O grupo autêntico, embora venha realizando em alguns Estados um trabalho muito importante de ligação com outros setores da oposição, não conseguiu se constituir, mesmo dentro do partido, em uma alternativa própria. Não conseguiu identificar-se para o conjunto da opinião pública brasileira, como um grupo que fosse não apenas mais progressista que os moderados, mas que também tivesse propostas claras para os desafios políticos colocados pela conjuntura vivida ultimamente. O grupo não foi capaz de elaborar um projeto próprio para sua atuação dentro do MDB e da sociedade brasileira.

A articulação de novas organizações partidárias significaria romper a frente democrática expressa pelo MDB? Não penso assim. Ela é uma frente que dá conta dos problemas enfrentados pelas diversas correntes, num período em que o autoritarismo é vigente. No momento em que ele, por uma crise interna e pela falta de apoio da população, começa a desmoronar, esta é a hora exata para se pensar em novas legendas que venham dar uma especificidade maior para esse conjunto de correntes que formam o MDB. Fala-se muito hoje da organização de um partido trabalhista e de um partido socialista. Creio que isso é muito importante porque um dos grandes problemas da democracia do período de 45 a 64 é que a classe trabalhadora não estava representada na política por um partido próprio, que representasse seus interesses específicos. Ela estava representada por partidos que eram alianças populistas, que incluíam além da classe trabalhadora, a classe média e muitas vezes o empresário nacional.

Nesse sentido, falar em partido socialista e falar em partido trabalhista é alentador, na medida em que essas duas legendas historicamente se referem à classe trabalhadora e a outros setores populares do Brasil. A grande questão que se coloca é se estes partidos e particularmente o socialista, serão capazes de contar desde o seu início com a participação de representan-

tes das classes subalternas.

Não podemos pensar em articular um partido a partir do Ministério do Trabalho, Secretaria do Trabalho, ou mesmo de certas instituições intelectuais que têm muito peso na vida brasileira, mas que nem por isso são representantes dos setores subalternos. Qualquer partido que diga respeito à classe trabalhadora, se efetivamente desejar representar seus interesses, tem que se organizar com a participação de novos líderes operários, novos líderes populares, novos líderes estudantis, novas líderes dos movimentos femininos, dos movimentos como os dos negros em São Paulo e Rio. Se esses partidos não formarem o seu consenso nessas novas lideranças, serão partidos vazios que tenderão a fracassar.

Um outro perigo é a volta do populismo. Pode ocorrer que um partido que proponha uma perspectiva de tipo nacionalista, ao velho estilo do período populista, tenha condições de se articular mais rapidamente do que esses novos partidos, que nós esperamos que tenham uma participação operária mais forte.

Não devemos simplesmente reproduzir velhas fases, velhos processos de manipulação, em que os temas do nacionalismo apelam para certas reivindicações populares, sem todavia especificar a forma como os representantes do povo vão definir este próprio tema nacionalista e as próprias reivindicações populares.

Temos que articular alternativas com a participação das bases desde o início. Pensar um partido socialista, hoje no país, significa pensar num partido que seja democrático, capaz de incorporar as dimensões populares que estão postas pelo tipo de desenvolvimento capitalista brasileiro. Um partido que seja capaz de demarcar claramente as suas diferenças tanto com as experiências socialistas entre parênteses da social-democracia européia como as de tipo burocrático. Chamo a atenção para este ponto porque muitos temem que o partido socialista venha a se transformar no dedo da social-democracia holandesa ou alemã no Brasil. Não creio que isto possa ocorrer. Não creio que este perigo seja real, isto por razões de natureza histórica. A social-democracia na Europa se enraizou numa longa tradição em que movimentos operários, que depois se transformaram em partidos socialistas, deram origem a correntes que estavam mais à direita e que se propuseram à tarefa de administrar o capitalismo.

No caso brasileiro a situação é inversa. As classes trabalhadoras e as classes subalternas em geral não têm nenhuma forma de participação na política, elas não têm canais próprios e nenhuma organização que dê vazão às suas possibilidades de intervenção na política. Então não se trata de pensar a possibilidade de uma corrente reformista, pois não temos sequer um partido que organize de maneira global. A possibilidade de uma social-democracia só existirá depois que nós tivermos um amplo movimento capaz de propor o socialismo de forma democrática.

Propor novos partidos significa propor o tema da democracia. O encaminhamento é que ainda não está claro. Uma das hipóteses seria constituir desde já uma comissão provisória que tratasse de propor para a opinião pública brasileira a organização de uma corrente socialista democrática, e na medida do apoio e da adesão que esta comissão tivesse, este partido poderia nascer e crescer. Ou então enfatizando a necessidade de manter a frente democrática representada pelo MDB, mas ao mesmo tempo aceitar a idéia de uma sublegenda, com uma identidade todavia distinta do conjunto da frente. Esta corrente poderia ser formada pelos autênticos.

No caso do suposto partido trabalhista há informações da imprensa de que haveria um secretário de Estado e mesmo algumas lideranças sindicais envolvidas na articulação desse partido. Se estes setores souberem transformar sua proposta numa proposta consensual, eles terão sucesso. A perspectiva do partido socialista também começa a ser discutida em amplas correntes da opinião pública brasileira. Na medida em que essa discussão se generalizar, em que essa discussão ganhar profundidade, e se articular concretamente, esta alternativa ganhará consistência e poderá também ter sucesso.

Não creio que devemos temer a possibilidade do surgimento de dois partidos ligados à classe operária. Entretanto, o que podemos prever é que terá sucesso aquele partido que souber recuperar a tradição de luta da classe trabalhadora no Brasil, fazendo a crítica das fases populistas, em que estes setores estiveram envolvidos em uma política que não era sua».

michelle

O QUE É ISSO?



PRECISO AGREDIR ALGUÉM



POR QUE?



A CIDADE ME DEIXA IMPOTENTE, O TRABALHO ME DEIXA IMPOTENTE



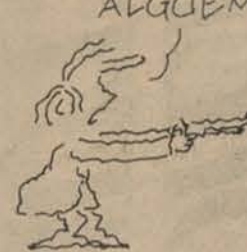
O TRÂNSITO, A POLÍCIA, A TELEVISÃO, A SITUAÇÃO



TUDO ME DEIXA IMPOTENTE



POR ISSO PRECISO AGREDIR ALGUÉM



POR QUE A MIM?



POR QUE VOCÊ É TÃO IMPOTENTE QUANTO EU



PAM!



PRECISO AGREDIR ALGUÉM

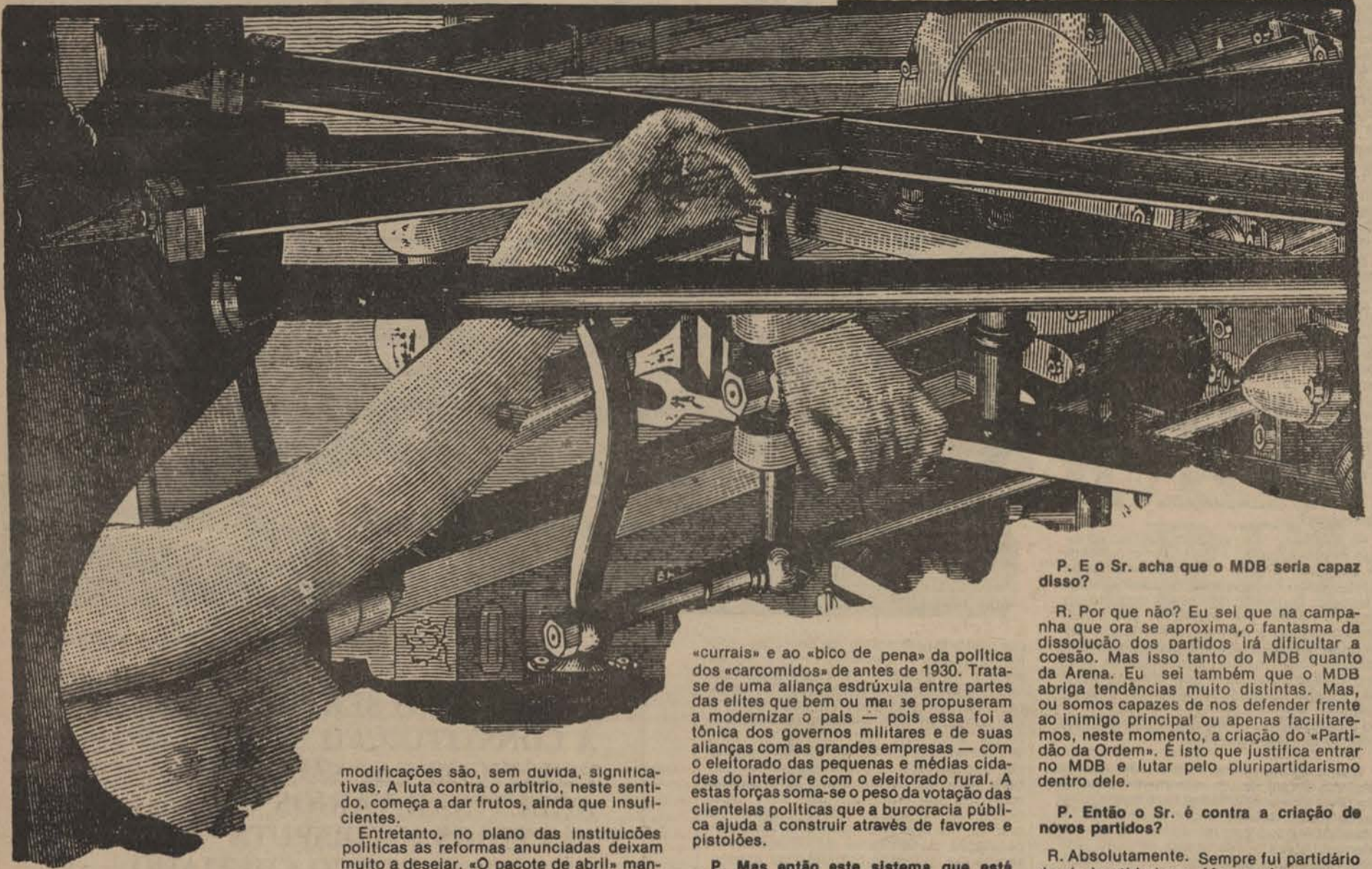


MICHELE

A BIONOCRACIA

entrevista a Cristina Ribeiro e Neusa Maria Pereira

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO



3

modificações são, sem dúvida, significativas. A luta contra o arbítrio, neste sentido, começa a dar frutos, ainda que insuficientes.

Entretanto, no plano das instituições políticas as reformas anunciadas deixam muito a desejar. «O pacote de abril» mantém-se integralmente. Que quer dizer isso? Quer dizer que o Senado, onde o MDB contaria com os 16 senadores eleitos pelo voto direto em 1974, e disputaria em 1978, 42 vagas dos senadores eleitos em 1970, que saem agora, contra os 5 da Arena eleitos em 1974, disputará apenas 21 cadeiras pelo voto direto. As outras 21 serão ocupadas por senadores «bionicos» designados pelas assembleias e pelos representantes da Câmara de Vereadores. Deste modo a Arena «elegerá» 20 «bionicos» contra 1 do MDB (do Rio de Janeiro). Portanto, ao invés de partir de 16 x 5 favoráveis ao MDB, parte-se agora de 25 x 17, favoráveis à Arena. Além disso, esta disputa, assim como a da Câmara dos Deputados e das Assembleias Estaduais, far-se-á sob o controle da Lei Falcão, que impede a propaganda pelo rádio e pela TV, dificultando a difusão das idéias oposicionistas, pois o governo dirá sempre que ele não é a Arena e usará a TV, a vontade. E assim por diante.

Se, ainda por cima, for estabelecido o voto distrital, as forças do localismo, em geral mais governamentais, terão um elemento adicional para restringir os alcances do voto popular. É isso a «democracia restrita».

Convém recordar, por fim, o que talvez seja o elemento explicativo fundamental para o empenho no estabelecimento dessa oligarquização política: é que ela é proposta no momento em que, por um lado estão assentadas as bases da economia oligopólica de estado e, por outro, quando a relação entre estado e grande empresa se tornou mais difícil por causa da recessão. Propõe-se, assim, um mecanismo político para abrigar as disputas entre facções das classes dominantes, tratando de evitar que as camadas populares tenham peso no sistema «democrático» de decisões.

P. Qual a base eleitoral para implementar este tipo de reforma?

R. Basicamente as reformas que estão sendo cozinhadas dificultam que a votação das grandes cidades — mais sensíveis aos canais de informação de massa e à pregação oposicionista — dêem a tônica do sistema político brasileiro. Volta-se, numa formulação contemporânea, aos

«currais» e ao «bico de pena» da política dos «carcomidos» de antes de 1930. Trata-se de uma aliança esdrúxula entre partes das elites que bem ou mal se propuseram a modernizar o país — pois essa foi a tônica dos governos militares e de suas alianças com as grandes empresas — com o eleitorado das pequenas e médias cidades do interior e com o eleitorado rural. A estas forças soma-se o peso da votação das clientelas políticas que a burocracia pública ajuda a construir através de favores e pistolões.

P. Mas então este sistema que está sendo montado é pouco viável, pois é anti-progressista?

R. Depende. Se o que se anuncia como já estabelecido é verdade — a volta dos caciques criados pela revolução de 1964 aos governos estaduais, mais ênfase na política agrária, a máquina estatal a serviço do partido do governo etc. — eles podem construir uma espécie de «Partido da Ordem Estabelecida», um PSD sem o doce charme do estilão rural genuíno dos coronéis do interior, mas com a eficácia do coronelismo burocrático. As oposições têm de entender a força do minotauro burocrático e precisam ser capazes de levantar as palavras de ordem que as transformem em partido da modernidade e do futuro. E isso não é fácil.

P. E o Sr. acha que o MDB com a palavra de ordem sobre a Constituinte está atendendo este desafio?

R. Francamente, não. A Constituinte é o alvo de todos os democratas, na medida em que ela significa a reivindicação básica de que só o voto popular direto e sem restrições dá legitimidade para reformas a fundo. Mas eu temo que o MDB não esteja sendo capaz de conduzir a luta política no sentido de prestar atenção à travessia. É preciso ligar a reivindicação geral da Constituinte do Estado de Direito, com as reivindicações sociais e econômicas, e é preciso dar à campanha o tom de reivindicação contemporânea. O coronelismo ressurgente do Governo deve ser posto em cheque na prática por proposições oposicionistas que politizem os grandes temas da massa urbana: a qualidade da vida, a poluição, o sistema de transportes, a falta de lazer adequado, o cansaço e a irritação produzidos por um estilo de vida que refere em si a exploração do trabalhador, a discriminação contra as mulheres, os problemas dos negros e das minorias etc., deveriam constituir — junto com a questão dos salários, da inflação e do custo de vida — a espinha dorsal da luta pela Constituinte. Uma Constituinte contra a carestia e pelo Estado de Direito, por uma vida mais decente onde a liberdade fosse também a expressão concreta do acesso ao trabalho com salários capazes de proporcionar um padrão decente e contemporâneo de vida.

P. E o Sr. acha que o MDB seria capaz disso?

R. Por que não? Eu sei que na campanha que ora se aproxima, o fantasma da dissolução dos partidos irá dificultar a coesão. Mas isso tanto do MDB quanto da Arena. Eu sei também que o MDB abriga tendências muito distintas. Mas, ou somos capazes de nos defender frente ao inimigo principal ou apenas facilitaremos, neste momento, a criação do «Partido da Ordem». É isto que justifica entrar no MDB e lutar pelo pluripartidarismo dentro dele.

P. Então o Sr. é contra a criação de novos partidos?

R. Absolutamente. Sempre fui partidário do pluripartidarismo. Mas, assim como no futuro serei favorável à constituição de Blocos Políticos capazes de aglutinar vários partidos na disputa contra o Bloco chefiado pelo Partido da Ordem Estabelecida, acho que é possível agora, dentro e fora do MDB, constituir os germens dos futuros partidos sem que disso decorra a desmoralização da grande frente opositora que é o MDB.

P. Mas o Sr. acha que deve ser criado um P.S. ou um P.T.B.?

R. Depende. O que eu acho básico é evitar as tendências que podem perturbar a formação do que eu chamo de um Bloco Político em Defesa dos Assalariados. Essas tendências são a da criação de um partido de intelectuais de mãos puras, ideologicamente íntegro mas sem povo que o apoie e, no outro lado, um partido populista, sem ideologia, clientelístico, que representaria a repetição, do lado da oposição, do estilo de partido de clientela que o governo está montando. Hoje é difícil o populismo, porque não existem mais os setores do aparelho de estado à disposição dos líderes populares. Mas, um arremedo disso poderia ser tentado e dificultaria a formação de um partido verdadeiramente enraizado no interesse dos assalariados.

P. O Sr. está pensando num partido dos trabalhadores?

R. Não é bem isso. Eu acho que por razões históricas e estruturais, as tendências favoráveis à formação de partidos estritamente operários no Brasil têm fracassado. Não é porque inexistam grupos e pessoas com vontade de fazê-los, especialmente entre intelectuais e pequenos burgueses. Ocorre, entretanto, que a industrialização brasileira e a formação da classe operária dão-se entre nós sob a égide do capitalismo oligopólico. Este cria trabalhadores e cria um mercado de consumo de massas ao mesmo tempo. Até a década de 50-60 ainda se poderia imaginar que a história da classe operária brasileira repetiria a da França ou mesmo a do Chile. Hoje, só quem não está atento às transformações do mundo pensa assim. O capitalismo aqui é, por assim dizer, «ameri-

cano» e não «europeu». Por certo ele cria uma classe de trabalhadores e estes são explorados. Tem conflitos e podem ser combativos.

Mas o combate será travado nos termos que esbocei vagamente acima: contra os efeitos de uma civilização que priva os trabalhadores e os outros assalariados das condições de vida digna e decente. A ligação entre os interesses dos trabalhadores de fábrica e os dos empregados de escritórios, das repartições públicas etc, é imediata. E todos estes segmentos da população, embora não operários, são assalariados. Muito frequentemente as pessoas chamam de «pequenos burgueses» a setores da população que são apenas empregados e, neste sentido, são também explorados. A pequena burguesia, como o nome diz, é uma «burguesia pequena». Na França, por exemplo, até hoje o sistema de comercialização é em grande medida pequeno burguês. No Brasil, os supermercados é que cumprem crescentemente esta função; e assim por diante. Existe uma estrutura mais «moderna», quer dizer, mais oligopolítica, entre nós, que altera a relação entre as classes e seu sistema de alianças políticas.

P. E o Sr. exclui as outras classes do seu Bloco?

R. Não todas, nem a todo instante. Existem, por exemplo, as várias camadas agrárias que deverão jogar um papel na política do futuro. E não se deve pensar apenas nas classes exploradas. A questão nacional e sua relação com a questão popular deverão ser objeto de novos debates. Partes da burocracia (do exército) e mesmo da burguesia local, poderão apoiar reivindicações específicas dos assalariados, na medida em que estes constituem o fundamento da nação.

P. E isso descaracterizaria os partidos populares?

R. Aliança é instrumento político ambíguo mas faz parte do jogo. Tudo depende da pergunta básica: qual é a orientação fundamental do movimento político, ela é a favor ou contra os interesses dos assalariados? Assim, por exemplo, em certas circunstâncias a normalização democrática pode ser desejada por parte do empregado. Tanto melhor. Desde que ela sirva aos assalariados para que eles ampliem seu espaço político. Note-se que o autoritarismo também serve — e como! — ao empresariado e impede a participação política dos assalariados.

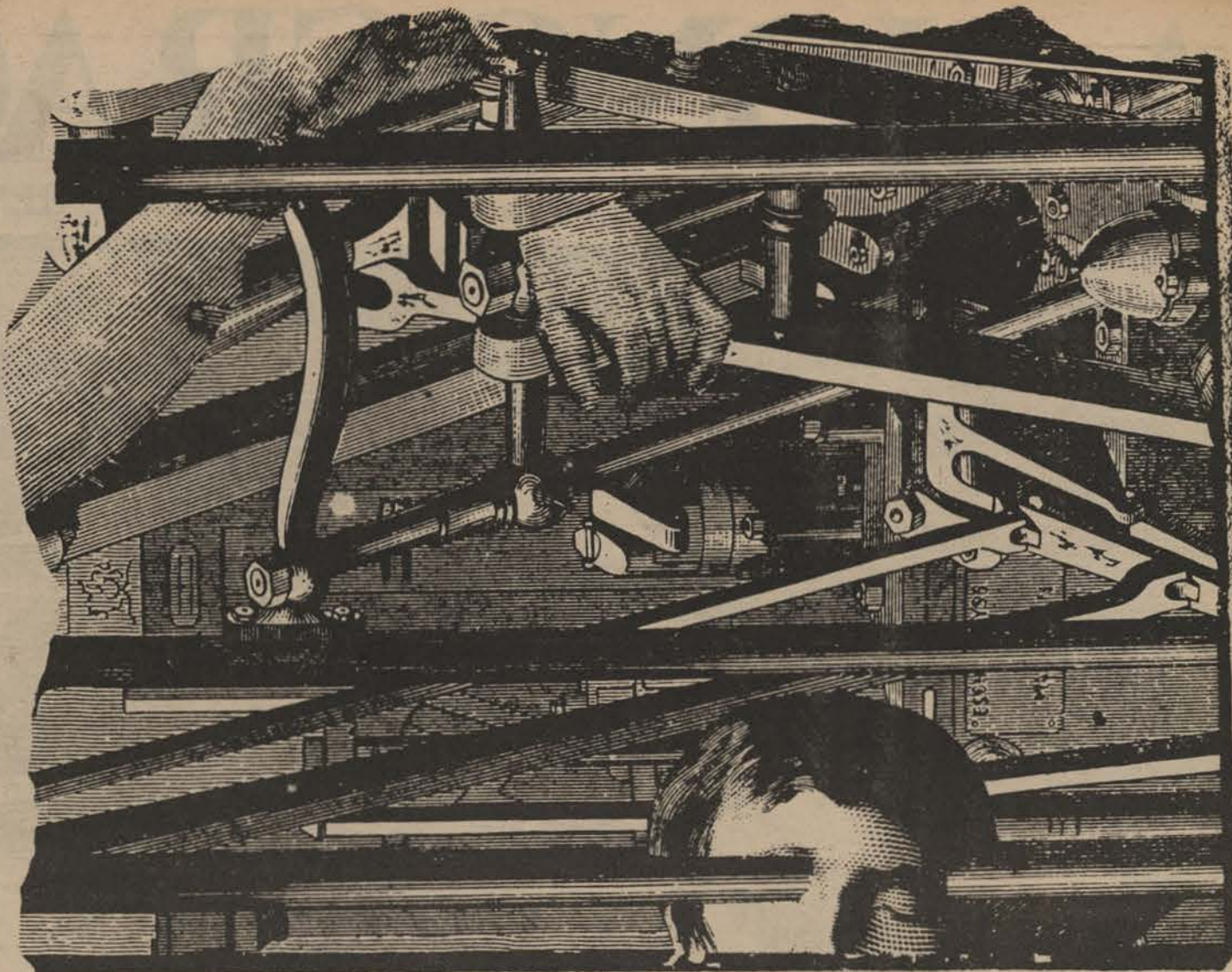
Quero deixar claro, entretanto, que a espinha dorsal de um movimento popular em favor dos assalariados será constituída pelos trabalhadores e por suas associações. Apenas, é preciso evitar o «reducionismo classista» que expõe a ação política várias dimensões da vida dos trabalhadores e dos assalariados em geral, que se desenrolam no plano do consumo, da habitação, das condições gerais de vida. E trabalhadores neste sentido são também os «bóias-frias». No momento eu vejo dois riscos de reducionismo: existem os que definem os problemas dos assalariados apenas em termos das relações imediatas de trabalho, ao nível da fábrica, e supõem que estão com isso preservando a herança política dos movimentos de vanguarda, assim como existem os que pensam que a verdadeira ação popular só pode dar-se «fora da política», nas associações de base, ao nível da comunidade. Ambas as posições são estéréis politicamente: uma porque deixa à margem boa parte da população e dos problemas populares — embora não proletários — que afetam também as classes trabalhadoras; outra porque se esquece que sem que exista um movimento popular ao redor de interesses sociais específicos e a nível político arriscam a girar à margem das questões reais de rodar. É este o risco maior de boa parte dos movimentos organizados em torno de associação da sociedade civil, como as Igrejas, que são capazes de mobilizar apólos em função de temas específicos, mas nem sempre dispõem dos veículos para dar curso político geral às demandas que criam.

P. E não haverá conflitos?

R. Naturalmente que sim. Política implica em luta. Em primeiro lugar, contra o Partidão do Atraso, contra o imperialismo, contra a exploração, etc.

P. Mas então não pode haver alianças...

R. Só se você tiver uma visão mecanicista da política dirá que não. Um partido baseado no apoio dos assalariados e orientado por seus objetivos terá, naturalmente, que discutir a questão da propriedade e entrará em choque com os interesses dos proprietários. Mas esta formulação é abstrata. Só vale nos limites. E nós não estamos numa situação politicamente agônica. Logo, ao invés de fazer formulações doutrinárias abstratas — que



por certo fazem pulsar os corações intelectualizados — é melhor discutir os aspectos da questão da propriedade que sejam politicamente relevantes. Por exemplo — em um país onde 1% dos proprietários controlam 75% das propriedades agrícolas, algo está mal. Isso é um tema relevante e resulta numa situação inaceitável, não só para os socialistas, mas também para os democratas, para setores militares que entendem que sem nação coesa não há estado estável e assim por diante. Também nas cidades há uma concentração de milhares de apartamentos vazios nas mãos de proprietários especuladores. E assim por diante. Alguns dirão que se trata de paliativos. Outros entenderão que é preciso deslanchar o processo de transformação das mentalidades para levar adiante reformas fundamentais e que de pouco valem politicamente, desmantelar em bloco com a crítica teórica o sistema mas não ser capaz de somar forças políticas para mudar qualquer de suas partes.

P. Mas não é isso o que propõe a social-democracia?

R. Não. A social-democracia existe quando há uma forte classe operária, um movimento sindical ativo e uma burguesia poderosa cujas lideranças fazem um pacto. Ao invés de lutar por transformações estruturais, a liderança operária aceitará compartilhar o poder e fará reformas parciais na sociedade. Ora, no Brasil não se tem nada disso. Nem forte movimento operário nem empresariado poderoso e disposto a pactuar com os trabalhadores independentemente do estado. É preciso tomar cuidado, portanto, para evitar que a mentalidade imitativa trate de nossos problemas como se estivéssemos na Europa ou nos Estados Unidos.

Qualquer reivindicação aqui, por modesta que seja, assume um conteúdo político muito mais conflitivo do que nas social-democracias européias.

Eu acho que é possível pensar um horizonte socialista para os partidos dos assalariados e não numa social-democracia. Mas acho também que a democracia é parte constitutiva deste horizonte. Nós não estamos, digo outra vez, no século XIX. Não podemos iludir-nos e pensar que as reformas sociais e econômicas trarão como subproduto a democratização da sociedade. É preciso lutar por ela como um valor que deve ser patrimônio popular. Não sei quem inventou o conto que a democracia é «burguesa». Democracia burguesa foi aquela proposta no século XVIII, a partir dos círculos restritos dos parlamentos, dos quais a burguesia ascendente queria expulsar a aristocracia. Mas a democracia baseada no sufrágio universal foi, na Europa, tanto como é

«NO FUTURO SEREI FAVORÁVEL À CONSTITUIÇÃO DE BLOCOS POLÍTICOS CAPAZES DE AGLUTINAR VÁRIOS PARTIDOS NA DISPUTA CONTRA O BLOCO CHEFIADO PELO PARTIDÃO DA ORDEM ESTABELECIDA»...

hoje aqui, o resultado de uma luta popular contra o interesse das classes dominantes que queriam manter os padrões da «democracia restrita».

P. E como seriam, do ponto de vista da organização interna, os partidos de tipo popular a que o Sr. alude?

R. Seriam confederações de movimentos sociais, relativamente independentes, enraizados em suas bases. Os movimentos das comunidades de base das Igrejas, as associações de bairro, os sindicatos autênticos, a imprensa alternativa quem sabe jornalistas da outra também os centros de pesquisa e trabalho, o movimento estudantil, as associações de empregados, de professores, de mães, os clubes ecológicos, os movimentos das minorias, etc., formariam o tecido vivo destes partidos. Os núcleos políticos dele teriam de impor-se no debate com todas essas forças, levantando temas, indicando linhas políticas que se imporiam no debate. Não seriam partidos de quadros exclusivamente; desse tipo de quadros políticos que pensam que sabem o que as massas querem — nem de burocratas social-democratas. Como eu não sou espontaneísta, acredito que as lideranças e inclusive a intelectualidade (organizada, por exemplo, em núcleos socialistas e outros) teriam que apresentar suas alternativas políticas e confrontar-se democraticamente com o tecido vivo dos partidos, composto pelas associações da sociedade civil. Haveria uma simbiose entre a sociedade e os partidos. Estes antecipariam na sua vida interna o tipo de estado e de sociedade democrático, participatório e socialmente igualitário que constitui o modelo a ser construído. E muito antiburocrático.

P. Mas isto não é utópico?

R. Já disse várias vezes — meu realismo é utópico. Eu acho que há bases reais para algo na direção que expus acima. Mas se nós não criarmos com a imaginação e a vontade um horizonte de alternativas, o realismo se transforma numa atitude cinica de acomodação com tudo o que existe. É difícil, mas não é impossível. Mais ainda: temos a chance de, ao invés de imitar e de repetir os velhos debates da esquerda nos termos do século XIX e inícios do século XX, propor algo novo.

P. Diante de tudo isso, como fica o diálogo do senador Portela?

R. Pelo que disse já se vê que as especulações de alguns jornais sobre um possível encontro meu com o senador Portela a partir da «visão realista» que eu apresentara em debate público não tem fundamento. O diálogo do senador Portela abre caminhos para uma «democracia restrita». Esta, eventualmente, permitirá alguns passos na direção da criação de um espaço para as oposições substantivamente democráticas. Mas eu, pessoalmente, tenho interesse é no debate público, pela imprensa, sobre as oportunidades de abertura de novas alternativas políticas para as oposições. Sendo apenas um intelectual, sem representações partidária de qualquer espécie, não teria qualquer motivo para dialogar com os que estão cuidando das reformas institucionais. Tenho sempre presente que o papel do intelectual de oposição na política brasileira deve ser antes de mais nada o de um articulador de temas para o debate público, e não o de um articulador de jogadas nos bastidores.

E A CENSURA?

Apesar de todas as promessas democratizantes, ainda permanecem sob censura várias publicações como o jornal católico «O São Paulo», «Movimento» e «Tribuna da Imprensa». Este último jornal inclusive foi apreendido mais uma vez em dezembro, coroando com fecho de ouro as realizações da censura em 1977.

É para não perder o hábito, dizem alguns. É uma completa burrice, dizem outros! O que não se compreende é a perfeita contradição, muito frequente, entre os pronunciamentos da cúpula e os atos dos comandados! Pode ser que tantos anos de silêncio tenham gerado algum problema de surdez coletiva, que só não ocorre quando o grito é muito alto e reúne vozes de mais.

Cristina Ribeiro

ENTRE BOTOS

77. o ano anal

Nos salões o piano toca sem o pianista. Somos raças exímias do processo cultural. Ao aderirmos a IMITAÇÃO como modelo entregamos nossa consciência ao sistema, interessado em nos manter embruteado pela mensagem programada nos gabinetes da CIA e divulgadas nos «shows» da TV. Valerão chegou elogiando Bruninho. É um puxa... É uma flor... É um gesto... É um saco... É sempre uma possibilidade de se dirigir a algum CADÁVER de Hollywood. «Xika's» é um «SUDO» Ibraim ao Avellar: uma possível CORUJA para todos. «Asuntina», o anti-ilusão, foi interdito no DESEJOSO silêncio «democrático». O HUMOR está proibido. O homem se sentiu perseguido. O Poder distribuiu migalhas de alegria, prometendo a redemocratização, Pacotes, Constituinte, fim de AI-5; mas até agora não se viu NADA. O desejo SEXUAL seguiu sendo condenado como sendo parte de uma estrutura pornográfica. Não conseguem perceber que pornográfico é a «moralidade» do sistema em que vivemos, onde o AMOR foi banido da reação entre as pessoas. Onde a escuridão histórica engole o sentido do VIVER. Onde o fluxo POLÍTICO do esperma não mais jorra com prazer. Onde casais sem amor, representaram o cortejo OCIDENTAL. Ruy Guerra é CONDENADO por falar verdades. Não é mais um brasileiro ATOA, na maré baixa do capitalismo. Virou burro, reacionário, anti-democrático por não mais ACREDITAR no engodo da política cultural. Filme OPERÁRIO: coisa de comunista... Na Cúrcia dos «DOMINADORES» quem reivindica pão é ido como FAMINTO. Pobre é sempre um EXAGERADO. Quem pensa é PERSEGUIDO. Aquele que, apesar de tudo, ainda consegue fazer é imediatamente TRITURADO nos corredores da burocracia estatal, onde você é humilhado, desrespeitado, esculhambado, diminuído, mutilado, esquartejado por insignificantes burocratas a serviço da mais baixa repressão. Só dormindo ainda você pode sonhar com a LIBERDADE. Em 77, liberdade foi sinônimo de AGITAÇÃO: vários ESTUDANTES em cana. A todo ano temos interromper o FLUXO de vida existente entre os JOVENS. Carlos Guilherme Mota é o BODE de 77: escreveu um LIVRO importante. Cerveim-lhe a cabeça... Pensa-se na volta ao IMPÉRIO. Reverências a «atriz» que chega da Europa, falando bobagens. Nada de IMPORTANTE no mundo ocidental. O Congresso entrou em polvorosa com os MUGIDOS do Rei Pelé: «O POVO NÃO SABE VOTAR»... Quem sabe de MIM sou seu. Viva o RABO do tatu. No espaço se baila o UIRAPURU. Carlos Gomes é citado como um exemplo a ser seguido. Os escarros culturais se multiplicam ao som do Fantástico. A nova GERAÇÃO na TV: belos e incompetentes. Quem não gosta da TV é burro: a TV molda, já, o FUTURO cultural do Brasil. Em breve, em vez de ATRIZES teremos «estrelas» como na Holly-

wood do passado sempre presente. «O Espelho Mágico», o bostão CULTURAL de 77, esqueceu de retratar o REAL estado do nosso processo cultural. Pobre, faminto e orgulhoso, o «nosso» TEATRO conseguiu se manter de quatro. Diz que ainda existe: ONDE!?!?!? As montagens oficiais ou as peças mantidas na CENSURA, desmentem a sua existência. Só se está fazendo o que não incomoda: populismo, magia, anarquismo, ingenuidade... Dessas categorias só escapa o ASDRUBAL e o João Das Neves. O resto é silêncio... O baile engloba urubus e papagaios. Gavilões e Passarinhos. Opressores & Oprimidos. «A música não é POLÍTICA»... Pois viva o que existe. Não RESISTE nada. O silêncio ENGLUBA, FATURA, IDENTIFICA & ILUDE... Falar de 77, é falar de um ano sujo. IMPAR na história de todos nós. Nada se tem a elogiar quando o real nos demonstra a fome galopante, a violência como desejo, o desemprego em massa, a má distribuição de rendas, a ociosidade, o analfabetismo como ideologia, uma tristeza permanente nos olhos do povo, medo, angústia, ódios, raíções, cassações, o silêncio político, a censura como corpo desejado, perseguições, torturas, dores, lixo cultural, nossos «intelectuais» como palhaços de salão, a reverenciar os novos dominadores: o ESTADO. Suas peças ideológicas com os seus discursos vazios, velhos e populista: o paternalismo estatal. Ou o esconde — esconde da luta de classes. No mundo um ano de FILMES medíocres. No Brasil excluindo «Ladrões De Cinema», «Tenda Dos Milagres», «Primeiros Cantos», «Tessuru Da Juventude», mas três ou quatro filmes, a banalidade cinematográfica, predominou: se vendeu melhor o produto «MULHER». Exportamos para África & América Latina, o padrão brasileiro da mulher: um OBJETO lucrativo, pois fatura na alinação da cada um. Pagaremos a nossa dívida externa com as bundas das pornochanchadas. Que ao menos 1978 corresponda a um corte radical com a nossa Idade Média. Se 1977 representou o sofrimento como POSTURA, que o novo ano seja uma esperança de começos de vida com a Abertura política, com a Anistia, com o encerro da Censura, com o respeito aos Direitos Humanos, com a descoberta de filmes-manifestos como «Gordos & Magros», «25», «Asuntina das Américas», «Ai De Ti Copacabana», «A Queda», «Crônica De Um Industrial», «Nôie Sem Homem», «Delmiro Gouveia», «JK», «Encarnação», «O Rei Da Vela» e «A Idade Da Terra». O resto é expectativa... O que vier pra melhor será bem recebido. Sera-o-fim/Serafim...

F
I
M

Luiz Rosemberg Filho.



DE REI A REI

Em nome de quem o rei fala para o Rei?

O rei repete a fala do Rei. Falá-CIA-§ políticas do rei Pelé: «O povo brasileiro é pouco interessado em política e despreparado para a escolha dos seus dirigentes. Entendo por isso que o povo não pode exigir de seus dirigentes, se ele não soube escolher».

A premissa («o povo não soube escolher») supõe uma nação permitida («o povo pode escolher») e praticada (o povo escolheu). O argumento se apóia numa premissa falsa e conclui com afirmações que endossam a tutela paternalista pretendida pela classe dominante.

O veredito do rei dentro da lei:

O veredito do rei na tribuna do Senado ratifica a fala tutelar instituída por Atos & Pacotes do Soberano.

A concessão da palavra é agradecida com um discurso de reverência ideológica ao Grande Pai, numa troca de poderes, favores e benefícios, trocados em palavras /senhas de ingresso ao Poder.

O rei repete a fala do Rei no eco de um discurso messiânico, que endossa a concepção fatalista e mítica da história dirigida por uma elite de iluminados e predestinados para guiar o rebanho...

«Eu acho que a salvação é uma volta às religiões»...

«O povo precisa de um ídolo, eu felizmente acho que transmiti um bom exemplo.

Você é ídolo porque é, você não sabe porque.

Deus é que te põe esta responsabilidade e você tem que arcar com ela. O gênio nasce feito».

Quem fala atrás desta fala?

O ídolo fabricado pela indústria cultural, que alimenta e produz o consenso burguês?

O empresário, produto desta indústria e acionista do sistema capitalista?

O cidadão Edson Arantes do Nascimento, Ex-Pelé, que com o futebol conseguiu «Fama/Glória/Dinheiro» e quer preservar tudo isto pela manutenção do sistema?

...

O rei virou a casaca a traiu seu povo. Só que no silêncio do Estádio, do outro lado da gema, na face oculta do ouro, sem lei, nem Rei, nasce o povo, escondido na casca do ovo.

Cecília Flosi

democratas de última hora

Interessante observar a insistência dos aplausos - duraram um minuto - dos deputados arenistas ao trecho do discurso do presidente Geisel que se referia à extinção do AI-5. Os mais desprevinidos não puderam evitar a surpresa. Mas, como já é de praxe, tocaram a bola para a frente e mandaram ver: foram os mais efusivos!

Caindo em desgraça o AI-5, a maioria dos arenistas ficarão mais à vontade. Afinal de contas, hoje em dia, com o desemprego, a inflação e o fortalecimento das oposições, fica difícil defender o indefensável. Mas, por incrível que pareça, certos deputados arenistas não ficaram nada satisfeitos! Justamente aqueles que fizeram do arbítrio sua bandeira, se apegando às excessões para esconder sua incapacidade política. Bem, como palavra de rei não volta atrás, o jeito é dizer sim e vestir a nova camisa, que apesar de larga e mal acentada, com jeitinho dá para disfarçar. Principalmente quando as eleições vêm aã

Cristina Ribeiro

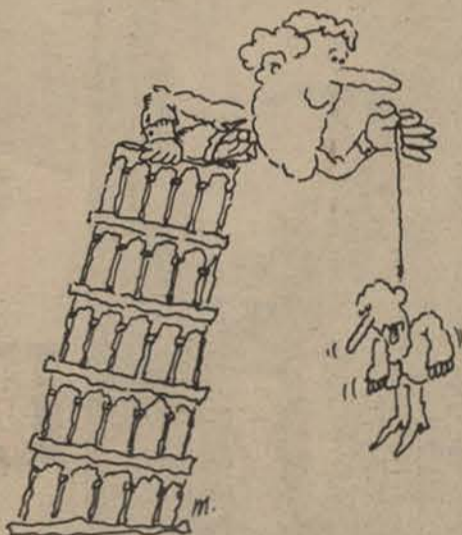


DOLAR FURADO

Mouzar Benedito

balanço econômico de 1977

Conforme pudemos observar, com a nossa presença física, a economia brasileira esteve, em 1977, o tempo todo balançando. Se fôssemos entrevistar os responsáveis por ela, no meio de um emaranhado ininteligível de fórmulas, perceberíamos a mensagem central, que seria mais ou menos isso: «balançou mas não caiu», em palavras ditas com muito humor por quem está por cima e se dispõe a plagiar até o antigo programa de rádio. Já os céticos, os eternos críticos, os inconformistas, enfim, nós, diríamos que não caiu *mais* porque já estamos no fundo do poço.



os supérfluos em 1978

Arroz, feijão, carne, leite, ovos, óleo e outros produtos supérfluos, que acabam consumindo todo o dinheiro do operário inconsciente, serão pesadamente taxados e, em alguns casos, retirados do mercado. A produção, assim como a distribuição de produtos perigosos, como o macarrão, por exemplo, será reprimida e os contraventores serão presos e processados, sendo sujeitos a penas de 5 a 10 anos de reclusão, pela produção, e 3 a 5 anos, pelo tráfico. O consumidor, ou melhor, viciado em alimentação, estará sujeito a pena de seis meses a um ano.

bum! previsões para 1978

Continuando um plano traçado em 1964 e executado com perfeição até o corrente ano, em 1978 a economia estará aparentemente estável: as dívidas continuarão na sua ascensão gradual (mas não lenta), o custo de vida continuará progredindo (êta progresso), e os salários continuarão se subdesenvolvendo (eh subdesenvolvimento). Tudo isso deverá ser creditado aos ideais de 1964 que, ainda numa fase de organização, num regime provisório de 13 anos, já nos colocou entre os maiores devedores do mundo e nos tornou a vanguarda de uma opção política que vai sendo incorporada por toda a América do Sul, a começar pela Bolívia, pelo Uruguai, Chile e Argentina.



vontades para 1978

Vontade significa mais ou menos o mesmo que apetite e, por isso, ela será abolido no próximo ano, para quem ganha menos de dez salários mínimos. As multinacionais não só terão direito à vontade, como serão proclamadas «Coordenadoras Gerais da Vontade», no que terão o auxílio de todos os publicitários. Anuncia-se também a exportação de vontades ao países do já famoso Cone Sul da América Austral e, talvez, para outros países que se dispuserem a ingressar no internacionalismo consumista.

as saídas para 1978

Contrariando as pretensões dos sádicos que insistem em ver pessoas que se detestam unidas por laços eternos, tudo dava a

entender que o divórcio vinha aí. E vem mesmo, só que - para não fugir do statu quo - ele não será nada democrático: o custo de um divórcio litigioso será de mais de Cr\$ 14 mil. Para sair de um casamento, portanto, o custo será quase o mesmo de uma saída do país. Como se vê, a vida do brasileiro está mesmo ficando literalmente um beco sem saída.



30 dias INTERNACIONAL

Eduardo Galeano

A VIOLÊNCIA INVISÍVEL



No Uruguai, os inquisidores se modernizaram. Curiosa mistura de Idade Média e sentido capitalista do negócio. Os militares já não queimam os livros: agora os vendem às empresas papelarias. As papelarias os picam, os convertem em polpa de papel os devolvem ao mercado de consumo. Não é verdade que Marx, Freud ou Piaget não estejam ao alcance do público. Não estão em forma de livros. Estão em forma de guardanapos.

A Argentina se converteu em um matadouro. Técnica das desapareições: não há presos que reclamar nem mártires para velar. A pena de morte se incorporou ao Código Penal em meados de 76; mas no país se mata todos os dias sem processo nem sentença. Na sua maioria, são mortos sem cadáveres. As ditaduras do Chile e Uruguai não demoraram a imitar o êxito do procedimento. Um só fuzilado pode desencadear um escândalo mundial: para milhares de desaparecidos sempre fica o benefício da dúvida. Parentes e amigos realizam uma perigosa peregrinação inútil, de prisão em prisão, de quartel em quartel, enquanto os corpos apodrecem nos morros e nos depósitos de lixo. A terra traga os homens e o governo lava as mãos: não há crimes a denunciar nem explicações para dar. Cada morto morre várias vezes e no final só te fica, na alma, uma névoa de horror e incerteza.

Quem está contra ela, ensina a máquina, é inimigo do país. Quem denuncia a injustiça, comete delito de lesa-pátria.

Eu sou o país, diz a máquina. Este campo de concentração é o país: esta podridão, este imenso terreno vazio de homens.

Quem acredita que a pátria é uma casa de todos, será filho de ninguém.

A única coisa livre são os preços. Em nossas terras, Adam Smith necessita de Mussolini. Liberdade de investimentos, liberdade de preços, liberdade de câmbio: quanto mais livres andam os negócios, mais presas estão as pessoas. A prosperidade de pouca maldiz todos os demais. Quem conhece uma riqueza que seja inocente? Em tempos de crise, não se tornam conservadores os liberais, e facistas os conservadores? A serviço de quem cumprem sua tarefa os assassinos de pessoas e países?

Um ministro da Economia declarava no Uruguai: «A desigualdade na distribuição de renda é que gera a poupança». Ao mesmo tempo, confessava que se horrorizava com as torturas. Como salvar essa desigualdade senão a golpes de maricota? A direita ama as idéias gerais. Ao generalizar, absolve.

O torturador é um funcionário. O ditador é um funcionário. Burocratas armados, que perdem seus empregos se não cumprem com eficiência sua tarefa. Não são monstros extraordinários. Não vamos presentear-lhes essa grandeza.

A máquina acusa os jovens: prende, tortura, mata. Eles são a prova viva de sua impotência. Manda-os embora: vende-os, carne humana, braços baratos, ao estrangeiro.

A máquina, estéril, odela tudo o que cresce e se move. Só é capaz de multiplicar os cárceres, alcaguetes e polícias, mendigos e desterrados.



Ser jovem é um delito. A realidade o comete todos os dias, ao amanhecer; e também a história, que cada manhã nasce de novo.

Por isso a realidade e a história estão proibidas.

No Uruguai se inaugura uma prisão por mês. É o que os economistas chamam de Plano de Desenvolvimento.

Mas, e as jaulas invisíveis? Em que comunicado oficial ou denúncia de oposição figuram os preços do medo? Medo de perder o trabalho, medo de não encontrá-lo; medo de falar, medo de escutar, medo de ler. No país do silêncio, pode-se terminar num campo de concentração por culpa do brilho do olhar. Não é necessário mandar embora a um funcionário: basta fazê-lo saber que pode ser destituído sem justificativa e que ninguém lhe dará nunca um emprego. A censura triunfa de verdade quando cada cidadão se converte em um implacável censor de seus próprios atos e palavras.

A ditadura converte em cárceres os quartéis e as delegacias, os vagões abandonados, os barcos em desuso. Não converte também em cárcere a casa de cada um?

De cada cem crianças que nascem vivas no Chile, morrem oito. Acidente ou assassinato? Os criminosos têm as chaves dos cárceres.

A comida é mais cara no Chile que nos Estados Unidos. O salário mínimo, dez vezes mais baixo. Os motoristas de táxi de Santiago já não compram dólares dos turistas: agora oferecem garotas que farão amor a troco de um jantar.

O consumo de sapatos reduziu-se em cinco vezes, no Uruguai, nos últimos vinte anos. Nos últimos sete, o consumo de leite em Montevideu calu à metade.

Os presos da necessidade, quantos são? É livre um homem condenado a viver perseguindo trabalho e comida? Quantos têm o destino marcado pela frente desde o dia em que surgem no mundo e choram pela primeira vez? A quantos se nega o sol e o céu?

Não se esgota na lista de torturados, assassinados e desaparecidos a denúncia dos crimes de uma ditadura. A máquina te treina para o egoísmo e a mentira. A solidariedade é um delito. Vitória da máquina: as pessoas tem medo de falar e de se olhar. Que

ninguém se encontre com ninguém. Quando alguém te olha e mantém o olhar, pensas: «Vai me encrenar». O gerente disse ao empregado, que era seu amigo:

— Tive que te denunciar. Pediram as listas. Tinha que dar algum nome. Perdoa-me, se pudeses.

Por que não figura na crônica vermelha o assassinato da alma por envenenamento?

Persigo a voz inimiga que me ditou a ordem de estar triste.

Às vezes, dá para sentir que a alegria é um delito de alta traição, e que sou culpado do privilégio de continuar vivo e livre.

Então me faz bem recordar o que disse o cacique Huillica frente às ruínas: «Aqui chegaram. Destruíram até as pedras. Queriam fazer-nos desaparecer. Mas não conseguiram, porque estamos vivos e isso é o principal».

E penso que Huillica tinha razão. Estar vivos: uma pequena vitória. Estar vivos, ou seja: capazes de alegria, apesar dos adeuses e os crimes, para que o desterro seja o testemunho de outro país possível.

A pátria, tarefa por fazer, não vamos levantá-la com tijolos de merda. Serviríamos para algo, na hora do regresso, se voltássemos quebrados?

Requer mais coragem a alegria que a pena. A pena, no final das contas, estamos acostumados.

Pleno de extermínio: arrasar a erva, arrancar pela raiz até a última plantinha ainda viva, regar a terra com sal. Depois, matar a memória da erva. Para colonizar as consciências, suprimi-las: para suprimi-las, esvazia-las do passado. Aniquillar todo testemunho de que na comarca houve algo mais que silêncio, cárceres e tumbas.

Está proibido recordar.

Existem aduanas de palavras, incineradores de palavras, cemitérios de palavras.

Formam-se turmas de presos. Pelas noites, os obrigam a cobrir com tinta branca as frases de protesto que em outros tempos cobriam os muros da cidade.

A chuva, de tanto golpear os muros, vai dissolvendo a pintura branca. E reaparecem, pouco a pouco, as teimosas palavras.

(Tradução: Luiz Egypto)



**ARTISTA EUROPEU PREGA O BOICOTE À COPA DO MUNDO NA ARGENTINA,
FALANDO DA ALEMANHA DE ADOLF HITLER.**

por Marcos Faerman

A COPA DA TORTURA

De Marek Halter eu sempre lembro os desenhos com que conta a história de Maio de 68. Paris. As ruas ocupadas. As pedras como armas. Os helicópteros e as pistolas da repressão. Os tanques. Os guardas. A fábula moderna dos lobos e dos cordeiros (quem é cada um?). As formas de uma utopia possível que se desdobra em quantas cidades do mundo? A revolução passa por dentro dos seus desenhos e de alguma coisa que posso chamar de vida: o pintor que nasce na Varsóvia pisoteada pelos nazistas. A fuga pela Europa. A passagem pela URSS. Depois: o judeu-polonês-francês-planetário-internacionalista que defende os direitos dos palestinos sem recusar o direito dos israelenses. A luta por uma paz que pode ser chamada de revolucionária. Marek Halter me repetindo tudo isso, agora, em 1977, na casa de seu amigo, o marchand de artes Guy de la Cavalerie, em São Paulo. Marek me dizendo que iniciou na França uma campanha, pelo boicote à Copa do Mundo na Argentina.

Este judeu-polonês-francês-qualquer coisa é mesmo um intrometido? Por que pede o boicote da Copa do Mundo? Futebol? Tem muito a ver com o Brasil, é claro. Marek Halter me diz: há um problema... «Os jogadores deverão tapar bem os ouvidos para não ouvir os gritos dos torturados. Um dos principais centros de tortura fica a algumas centenas de metros do principal estádio de Buenos Aires...»

O que pensará disto - torturas - o senhor João Havelange, o lorde que manda, hoje, no futebol mundial, depois de alguns anos de poderes feudais no trono da CBD? penso nisto, enquanto Marek conta a sua história. Nele, a biografia intromete-se a todo o momento em suas telas, em suas posições políticas. Buenos Aires? Um polonês em Buenos Aires? Sim.

1945/55...

Seja como for, aquele rapaz que tinha tudo para ter sua pele de garoto num abajour ariano, em 54-55 foi parar em Buenos Aires. Lá ele teve amigos, amores, algumas exposições, as primeiras, e algum sucesso. Num próximo livro ele vai contar experiências desta época.

1955. A Guatemala vive uma débil experiência de liberação nacional. A burguesia e os pequenos burgueses que estão à frente deste processo fraquejam. Vem a contra-revolução e seu banho-de-sangue preventivo. O jovem Marek Halter e outros jovens aprovam a criação de um batalhão de solidariedade latino-americana, que jamais zarpará.

Agora, é a história, a grande história que registra: Castilho Armas, que a CIA dirá mais tarde: foi nosso agente, vence Jacobo Arbens. Paz no Império da UNITED FRUITS e da grande burguesia bananeira guatemalteca agente do Lumpen-Desenvolvimento, o desenvolvimento do subdesenvolvimento, o desenvolvimento marginal. E Marek Halter?

Ele não era argentino, fez «política», foi expulso do país. Nem ao menos lhe valeu ter conhecido Perón, que marchava em seu segundo governo, eleito, e que disse, uma vez, ao jovem europeu, que pretendia levar seu país a uma Idade do Ouro cultural... Seis meses depois, na Europa, Marek Halter leu nos jornais que Perón tinha caído. Lá na Europa, a Argentina já era apenas uma sombra: o lugar onde tinha plantado algumas raízes, a aventura do primeira viagem escolhida (e não fugindo dos nazistas), os primeiros trabalhos em jornais, como ilustrador... Vinte anos depois, em 74, ele voltava aquele país.

1974... Então...

Em seu livro, ele vai escrever sobre este tempo; história romanceada, sem a busca de objetividade de seu O BOBO E OS REIS, que a Símbolo lançou, agora, e que descreve as peripécias do individualista Marek, na luta pela paz no Oriente Médio. O que ele descobriu neste tempo, e na sua volta à Europa? «Que as palavras não são inocentes; que as coisas que tinha ouvido de tantos jovens, em 54-55, em 74, se tornavam realidade. Alguns jovens eram direitistas, outros eram esquerdistas, todos tratavam de levar à prática suas teorias».

Marek chega a tempo de ver o naufrágio do peronismo, o impasse do populismo como tática e estratégia de poder, o constrangimento, o impasse, a busca de novas idéias dos peronistas revolucionários, o momento em que na Plaza de Mayo o grande coração argentino encontrou-se diante da mortal parede da História, em que só Tragédia tinha as tintas nas mãos.

Os revolucionários peronistas pedindo ao Velho que voltasse ao peronismo - e ele os chamando de estúpidos. Dois anos depois, o pintor seria testemunha do que pode ser chamado de, com perdão dos dogmas, de fascistização do Estado Argentino, tudo com maiúsculas, como pede a grandiloquência do Discurso Totalitário. «Pior do que o Chile - me diz Marek - pior do que Pinochet é a raça dos Videlas. A violência na Argentina não vem só do aparelho de estado, vem também da sociedade civil».

Num quarto de hotel

Há oito meses atrás. O pintor polonês-francês-qualquer coisa está num hotel de Buenos Aires. Como nos filmes. Toca o telefone. Alguém lhe diz: *você quer viver? Pega a mala, vá embora em 24 horas.*

Ele queria viver. Os dois homens com aquelas capas de chuva dos filmes policiais, com as armas sugeridas, que o seguiram até o Aeroporto de Ezeiza viram que ele queria viver, por isto fugia. Vinte e quatro horas foi o suficiente para ele cheirar o clima da Europa Ocupada pelos nazistas. O discurso do medo estava em todas as falas, havia também o discurso do olhar das pessoas, as informações sussurradas, a realidade dos sete mil assassinados pela repressão do Estado, do braço civil chamado AAA; havia os 25 a 30 mil presos políticos. O que ele me fala agora: «os seis campos de concentração... «As mulheres chamadas Loucas da Praça de Maio que pedem notícias dos filhos desaparecidos. Os campos de tortura, como aquele próximo aos estádio do River Plate.

(Argentina. Futebol. O povo é calmo. Lia nos restaurantes. Lia jornais com calma, como quem quer aprender. Os locutores de futebol da Argentina são dos mais velozes do mundo. O futebol argentino é clássico, de grandes homens no meio-campo, de grandes paixões, de grandes goleiros, de grandes invasões do gramado, e o autor desta reportagem foi apaixonado pelo Independiente, [Los Rojos de Avellaneda, vocês já ouviram falar nestes mestres?])

Agora, Marek Halter diz que ali, perto do campo do River Plate, existe um centro de torturas. Os gritos não são ouvidos nos estádios, mas poderíamos imaginar o Grande Coração Argentino, se escutasse os gritos que sabe que são pronunciados ali, na Escola de Mecânica da Marinha. Cada dia os helicópteros erguem vôo com os corpos dos mais fracos, dos mais torturados. Nossos mortos: argentinos, latino-americanos; mortos próximos, muito próximos, que nos invadem e nos falam. Nossos mortos. Nossos torturados. «O fascismo pode entrar em nossa casa», escreveu Marek Halter ao *Le Monde*.

Na Sinagoga

Em seu artigo ao jornal da burguesia liberal e da pequena burguesia intelectual francesa ele contou uma história de judeu.

Vou contar para vocês o que ele escreveu. Ele falou a respeito da noite de Kippur. É a noite em que são rezadas orações nas sinagogas, pelo perdão. A única em que o céu se abre para deixar passar todos os nossos desejos.

(Luis Rosenberg/cineasta amigo/discurso antiburocrático que assusta os burocratas/filmes proibidos: o Cineasta do Desejo. Pense, Luiz, na força desta noite em que Os Desejos Humanos poderão subir até o Poder, assaltar o céu... Lembro disto pelo que você escreveu em seu cartão-de-Natal pro Versus: você fala exatamente nisto, você nos deseja bons Desejos em 78. Volto a Marek).

Volto a Marek. A sua história da sinagoga... E o céu se abre para deixar passar todos os desejos. Mas um desejo deve ser bastante puro para forçar o céu. Então, todos os judeus falam, pedem, e o céu continua fechado. Os místicos empregam toda a sua sabedoria, e o céu continua fechado. Aí, vem um camponês pobre, que não sabe ler, que mal sabe falar, ele vem, e grita, e o céu se abre.

Os leitores

«Interessante - diz Marek - é que chegaram, imediatamente depois do texto em que eu denunciava as torturas na Argentina ser publicado, 222 cartas ao jornal. Uma senhora escreveu: eu quero gritar junto com você. Dois meses depois, o pintor soube que um casal de primos havia desaparecido na Argentina; um casal de sociólogos. Os corpos foram jogados à porta da casa dos pais. Eram de um ramo da família que tinha escapado - o único - dos nazistas na Europa. Marek escreveu para o *Le Matin*, matutino ligado à revista socialista *Nouvel Observateur* uma vez mais: «A

raiva que eu quero partilhar», este era o título de seu artigo. As palavras valem alguma coisa? As palavras matam e fazem viver. O assunto Argentina-Tortura começou a ser mais discutido na Europa. Era preciso que o corpo de alguém muito próximo de todos, como um pintor famoso, fosse ferido, maltratado, assassinado, para que a Argentina fosse mais do que uma abstração. Como na Segunda Guerra o campo de concentração era uma abstração, o que tínhamos a ver com eles? Os fantasmas são mais fracos do que nossa boa vida. Quantos intelectuais brasileiros que, em nome da «crítica cultural ao latino-americanismo», esquecem que os campos de concentração existem, e que as levadas de refugiados deveriam condenar o poder intelectualismo que os adormece na tarefa da denúncia?

O BOICOTE

Então, Marek Halter pediu o boicote à Copa do Mundo na Argentina? E fez um paralelo com a Olimpíada de 1931, em Berlim, «quando meu pai, nossos pais, fizeram apelos, sem sucesso, pelo boicote à Olimpíada em Berlim; apelos sem sucesso, porque os desportistas foram à Alemanha e fizeram o *Hiel Hitler*. Ele sentiu-se mais forte ainda - abençoado pelos Heil Hitler dos Esportistas - para logo depois partir para a Noite dos Cristais, para a Guerra».

O artigo despertou uma polêmica. Alguns achavam que o boicote não era justo, afinal, o futebol é uma coisa, política outra... Outros diziam que não, que «não há uma distinção entre tudo o que é da vida cotidiana e o que é política». A Suécia - diz Marek - resolveu não participar da Copa do Mundo. O assunto começa a ser discutido na Espanha, na Alemanha, começam movimentos de boicote... «e no Brasil» - pergunta ele.

O COMPUTADOR

«O governo argentino trouxe da Alemanha alguns computadores para controlar todos os que vão participar e assistir a Copa do Mundo... Cada pessoa terá um bilhete computadorizado... uma ficha no computador... porque a entrada vai ser nominal. Ela não poderá ser trocada, em hipótese alguma. É a primeira vez que isto acontece na história do esporte».

O EMBAIXADOR

Um grupo de intelectuais que vivem em Paris - de Juan Goytisolo a Claude-Mariac, a Ionesco, foi, há poucas semanas, falar com o embaixador argentino na França, o senhor Thomas de Anchorena, pedindo especialmente pelos escritores e jornalistas desaparecidos... Foi lembrado ao senhor Anchorena que Rodolfo Walsh - o autor de Operação Massacre, narrativa de uma história dos anos de 56, da Revolução Libertadora de 56, que massacrara operários peronistas, era um destes escritores... Ah, o senhor Anchorena negou tudo: não existiam estes 115 desaparecidos, os comunistas eram grandes ficcionistas, grandes intrigantes, que pretendiam que a civilizada Argentina era capaz de ter 7500 presos políticos com a ponta do fuzil em suas bocas, e que a lista que os intelectuais europeus carregavam era pura mistificação... Este Rodolfo Walsh - disse ele - estava morto.

-Mas quem o matou? - perguntaram.

-Ah, os guerrilheiros.

-Mas se ele era - segundo o senhor - pró-guerrilheiro?

-Foi uma confusão entre dois grupos guerrilheiros, coisas banais entre terroristas.

E o senhor embaixador derramou-se em explicações. Ele era um liberal, autêntico liberal, ligado a Balbin, um grande liberal...

-Mas Balbin não apoia Videla, então o senhor não é ligado a Balbin - disse Marek.

O embaixador disse que não estava ali para ouvir insultos contra seu país e seu povo, nem contra seus governantes; disse que os escritores e intelectuais tinham sido recebidos porque eram homens do Grande Mundo Intelectual Europeu. Anne Philipe, que estava no grupo, mulher do maravilhoso ator francês Gerard Philipe, já morto, disse que o embaixador é que era mal-educado, mentiroso e pouco nobre. E todos foram embora.

É isto que Marek Halter nos pede: lutar pelo boicote à Copa do Mundo no país em que mais se tortura, hoje, na América Latina.

É isso que ele nos lembra: que o grito pode varar o bloqueio dos céus.

Dois psicanalistas uruguaios analisam a maneira como a opressão política na AL pesa na alma, nos sonhos, nos fantasmas interiores, na subjetividade do homem do continente. Assim chegaram ao que chamam de «A Instância Tirânica».

Nós, psicanalistas latino-americanos, queremos testemunhar os efeitos da ditadura sobre o mundo interior dos indivíduos. Mas como fazê-lo sem usurpar outros discursos que a combatem - Os condenados ao silêncio pela miséria, pela morte ou pela tortura?

Talvez porque ela se situe no campo da palavra, o poder político concede à instituição psicanalítica uma certa impunidade aparente. O preço é que cada psicanalista se submete na prática às proibições estabelecidas.

Mesmo se o discurso que o analista ouve é sublinhado pelo sangue, pela lama da repressão, ele deve se calar. O analista deve fazer como se as relações entre o poder e o desejo se realizassem em um espaço mítico, sem qualquer ligação com o poder político real.

Ao poder totalitário não basta exercer a repressão sem um fora que ordena e prescreve minuciosamente as normas de vida de cada membro da comunidade. O poder totalitário deve se impor violentamente no dentro, como um sistema de controles, de hierarquias e de vigilâncias, e se tornar, como tal, instância estruturante do indivíduo.

É, talvez, a mais arcaica e velada forma do poder. Ele se inscreve em uma interioridade que o dissimula, ele assume aí o movimento de uma instância tirânica, e age sem escândalo aparente.

João tem oito anos. Ele começa a se analisar por problemas de inibição no aprendizado. Sua conduta inicial é de reticência, de mutismo, de imobilidade corporal e de afastamento afetivo.

O trabalho analítico sobre suas dificuldades no manejo das tendências escotofílicas lhe permite liberar pro-

gressivamente sua capacidade exploratória, e exprimir as pulsões sádicas que interferem sobre sua capacidade de pensar. João se expressa através de um jogo no qual guerrilheiros e militares disputam o poder pela posse da força e da razão. João utiliza a atualidade política como uma tela. Através de um jogo de identificações alternativas, ele adquire um domínio crescente sobre aspectos cruéis de seu self que antes o espantavam e o paralisavam.

A atualidade política, uma tela projetiva?
 Um dia, a tela se anima. João escuta na TV que um senhor que ele não conhece, o Senhor Governo, um senhor que está em toda parte, nos jornais, na rua, na escola, na creche de sua família, que este senhor, que deve ser forte, vai pôr na cadeia todas as pessoas que têm qualquer coisa a ver com os guerrilheiros, todas as pessoas que falam deles, todas as pessoas que não os denunciam.

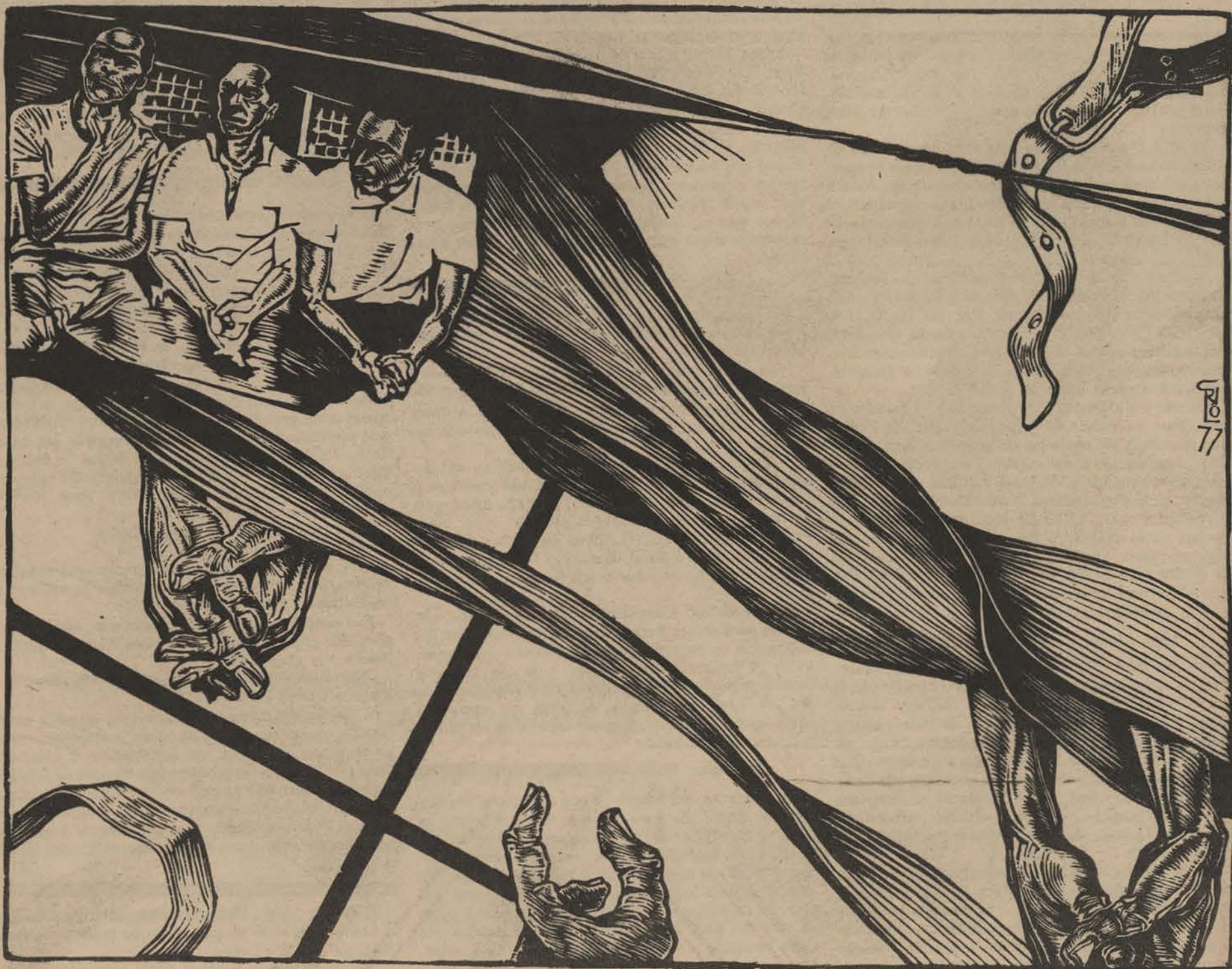
João entra em pânico. Ele se sente controlado por um agente misterioso e estranho, cujo poder é incomensurável. Que podem seus pais, seu analista, sua frágil capacidade de discriminação entre realidade e fantasma para defendê-lo deste poder onipresente, que tudo pode saber e tudo pode vigiar?

João se opõe verdadeiramente à continuação de sua análise; seu prosseguimento, de acordo com a sua percepção da realidade, implica em se expor à morte, à prisão.

Seriam necessários longos meses de trabalho analítico para aprofundar a experiência psicótisante de encontrar legitimidades no fora, para um poder que é para João

A INSTÂNCIA TIRÂNICA

Horatio Amigorena e Marcel Vignar



inominável, indefinível, os fantasmas aterrorizantes do dentro.

Qual será, no futuro, a relação entre João e o poder?

Jorge chega à sua casa. Tenta abrir a porta mas não tem chave. Logo, ele está em seu interior e a encontra cheia de intrusos, nem homens nem animais, que estão instalados na casa deles. Ele não pode fazer nada, ele fica petrificado. Logo depois, ele se encontra de novo diante da própria casa, um homem lhe abre a porta. Ele se obstina em voltar, ele encontra sua família, mas sua casa é agora a casa de seus pais. Todos falam mas há um silêncio sepulcral que trai os gestos.

Espaço onírico, espaço social?

Na véspera, Jorge deu com o laboratório universitário, onde ele é pesquisador há dez anos, fechado por «ordem superior».

O seu sonho foi um simples resto do dia?

Se bem que ele esteja literalmente na rua, a situação não é traumatizante. Jorge pode continuar seus estudos em uma universidade estrangeira.

Contudo, o sonho o leva a se interrogar sobre sua relação pessoal com o poder que o ignora, como os intrusos do sonho.

Ele se sente dilacerado entre duas verdades que não pode nem enunciar, nem articular. Se ele é fiel ao seu projeto de emigrar, sente que assim mutila irremediavelmente alguma coisa de si próprio. Se ele insiste em «defender sua casa», ele arrisca sua segurança pessoal, sua posição econômica, social, talvez mesmo sua vida. Como e com quem se comprometer?

Por caminhos diferentes, João e Jorge se viram confrontados pela mesma experiência: encontrar instaladas em sua interioridade a inquietante presença do que nós chamaremos a instância tirânica. E por razão igualmente diferentes, nem João nem Jorge podem reconhecê-la inscrita como representação de um poder exterior que adquiriu uma função significante. Para João, ele tem sua idade, e o impacto é fulminante. Para Jorge, os obstáculos são diferentes. Além de sua estrutura patológica individual, aparecerão os limites de sua identidade de classe social, a cegueira de um projeto de vida alienado no espaço pessoal, a adesão a uma ideologia dominante na sociedade liberal que vigia as ramificações intrusas do poder.

A instância tirânica parece vir se acrescentar ao superego, e se aliar aos seus aspectos mais severos e mais arcaicos. A falta que ela sanciona é a livre disposição de agir e de pensar, e os interesses que ela defende não são

nem os do indivíduo, nem os da comunidade, mas os da classe social que detem o poder.

Reconhecimento exemplar: eu perceber que entre mim e minhas escolhas existe um outro - indesejável - que me substitui.

Presença intrusa, lugar do insólito da interferência, a instância tirânica age no sentido da desposse dos aspectos criativos do self. Reconhecimento e desconhecimento se alimentam ao mesmo tempo da crença e da rebelião.

No curso de uma sessão de psicanálise de grupo, Pedro, 12 anos, desenha em uma parede um enorme pênis de onde saem lágrimas e balas. Eric, angustiado, diz se sentir pessoalmente exposto: ele se precipita para vestir o pênis com um uniforme e escreve em cima: «apagado pelo poder executivo».

Mas a submissão ou a rebelião contra a instância tirânica não são termos antagônicos de uma relação mecânica de oposições e diferenças.

A submissão restitui um novo tipo de equilíbrio cuja eficácia dissimula a inevitável mutilação do self; ela nos permite conjurar momentaneamente o risco de um insight, que nós pressentimos catastrófico

José, 35 anos, procura uma «ajuda psicológica» porque ele sofre de episódios de «impotência sexual».

«Eu sempre estive muito bem com minha mulher. E não é que bruscamente isto cai em nossas cabeças? É a primeira vez na minha vida. Meu médico me disse que é «psicológico» mas eu tenho bom caráter, eu sou sociável, não tenho preocupações, eu aproveito a vida, não tenho problemas de dinheiro, meus filhos e minha mulher me amam. A gente forma como que o mundo a parte. Não me acontece nada».

Nada acontece a João, salvo episódios de impotência, uma irrepreensível sonolência quando ele não trabalha, algumas noites acordado, alguns pesadelos que ele não consegue recordar. Seu discurso se ouve durante muitas entrevistas, monótono e letárgico.

Um dia, o analista escuta uma outra vez:

«É idiota-diz José mas seu sobrenome é igual ao de um vizinho que não vive mais».

«Eles não vivem mais?», pergunta o analista, mais preocupado com o lugar da transferência do que com a vida destas pessoas.

«Sim - diz José - eles viviam ao lado de minha casa, um dia a polícia caiu em cima deles, eles executaram toda a família, eles mataram os pais, os filhos, mataram até a lembrança deles. Eu só os conhecia de vista: bom-dia,

boa-noite, às vezes a gente tomava um mate juntos, nada mais. Como é que eu vou dizer... eles eram estranhos... E quando eles os mataram, eu disse à minha mulher, o melhor é a gente não se meter nisto, não falar, não pensar nisto, como se não tivesse acontecido nada. E eu não tive problemas quando a polícia veio fazer perguntas por lá... Eu estava tranquilo em minha casa, eu não tinha nada a me reprovar, nada de mau a esconder, eu não tinha medo. Eu respeito a autoridade, doutor, em cumprimento com o meu dever».

— Talvez José não possa sentir medo, talvez não possa pensar que tem medo. Ter medo, para José, já seria se revoltar. Seu self está alienado na instância tirânica introjetada, a qual José oferece sua virilidade, talvez para tranquilizar o momento em que o assassinato dos seus amigos poderia levá-lo a colocar em questão sua relação com o poder.

É preciso distinguir dois momentos na institucionalização e proliferação da repressão. Em primeiro lugar, a repressão é seletiva: se persegue e se mata aquele que se insurge. O governo tolera ainda uma certa e tímida oposição.

Matilde diz, quando se ouve ao longo de uma sessão o ruído de uma bomba: «A gente não consegue estar tranquila nem durante uma sessão psicanalítica. O que é que eu tenho a ver com esta guerra? Por mim, que ganhem uns ou outros, mas que isto acaba de uma vez por todas!»

Matilde é espectadora e o psicanalista também. Ele escuta no discurso dela uma guerra que se trava em outro campo.

Uma certa lógica-lógica de classes, guerra de classes ordena a relação entre o poder e seus contestadores.

A indiferença é ainda possível se ela anuncia já a submissão. Ela não tem ainda o caráter extremo do fenômeno que nos ocupa.

Em segundo lugar, a repressão parece proliferar de modo anárquico. Nenhuma relação legal preside a relação entre opressores e oprimidos. É estimulada a desconfiança, a delação, o suborno. A tortura se torna uma prática costumeira. Não se castiga apenas a revolta mas qualquer transgressão: se condena um adolescente de 15 anos a 18 anos por ter ousado insistir na frase «tremel tiranos» quando canta o hino nacional no ginásio.

A desproporção entre punição e transgressão adquire um caráter fantástico. Um tipo de crueldade localizada habitualmente no espaço dos sonhos, no delírio, ou no fantasmático perverso, se desloca no espaço social e de lá age sobre o interior das pessoas.



FLO

No curso de uma entrevista preliminar, a mãe de um adolescente de 13 anos diz: «Antes, eu raramente batia em meu garoto. Agora é diferente, eu prefiro que aprenda a obedecer em casa. Eu tenho muito medo que eles o levem porque ele tem cabelos compridos, parece hippie, então, a menor insolência eu lhe aplico uma boa sova».

Assim, o aparelho repressivo encontra seus colaboradores e cúmplices sem ter necessidade de recrutá-los. O aparelho repressivo sacode sem grandes esforços as pretensas aquisições do Eu adulto. Os assim ditos princípios e valores que habitualmente regem as relações do indivíduo com o mundo em uma sociedade liberal caem como os despojos grotescos de um ego pusilânime.

O professor N. é dono de um serviço hospitalar. Sua formação científica, suas pesquisas, sua honestidade e sua proibição pessoal o levam a ocupar uma posição de prestígio em seu meio. Alguns de seus colaboradores imediatos são contestados pela autoridade ministerial em razão de suas idéias políticas. O professor N. deve escolher entre se desolidarizar deles ou defendê-los.

Visto sua posição social, ele não corre muitos riscos. Mas a decisão é mais radical: se submetera um poder que

ele despreza equivale a perder a estima e reconhecimento daqueles que foram até então seus discípulos, quase seus filhos.

«Eu não posso dormir - confessa a um colega psiquiatra - eu passo as noites vomitando bilis, é o pior ataque gástrico que já tive nos últimos dez anos. Quando durmo, o mesmo pesadelo se repete cada vez, monstros invencíveis, vermes enormes me sufocam até o estrangulamento. Eu não sou o «super-macho».

Finalmente, o professor N. opta pela submissão infamante: mas não é ele que decide: é o medo, a ilusão de se desembaraçar dos seus perseguidores internos, sua necessidade de apaziguá-los decidem por ele.

O fora opressivo não somente legitima e confirma as crenças relativas aos objetos primitivos cruéis, mas ele coloniza o mundo interior e utiliza os dispositivos mais arcaicos do aparelho psíquico para imobilizar o self. O Eu cede o lugar de «machão» à instância tirânica.

O professor N. poderia dizer: «Eu me submeto fora porque não posso não me baixar dentro», mas a transação, também perversa, não é menos ilusória.

O rebelde é aquela que descobre o jogo do poder: «a arte do aprendizado pela astúcia», que o poder utiliza se

servindo como isca da relação submissão-proteção. Se revoltar é descobrir o caráter de logro da submissão.

Eu escuto agora este adolescente que me diz que, perturbado pelas injustiças, hesita entre prosseguir seus estudos ou se engajar na luta política.

Em outro país diferente do meu, poderia ter uma escuta aberta para o seu dilema. Aqui, se eu permito que este jovem fale de sua paixão, de sua angústia, se eu permito - e que é isto senão analisar que ele jogue em palavras os desejos e as transgressões que o ajudaram a se tomar ele mesmo, eu dentro com ele em uma cumplicidade delitosa diante do poder político.

Talvez se analisá-lo durante anos eu possa ouvi-lo estando consciente do risco real que nós corremos de sermos aprisionados os dois. Qual é o lugar aqui, na minha prática, da instância tirânica? Como se alimentam em torno dela a submissão e a rebelião? E a mesma questão se coloca para os pais, para a ama, para o padre, para o professor... Neste contexto, a instância tirânica aparece no mundo interno do indivíduo como a necessária referência de um mecanismo adaptativo do eu: a conduta de submissão, alienação na identidade social adquirida.



a noviça

A política de Carter para a América Latina

Um assunto de grande interesse para os latino-americanos, e que hoje está na mesa, é a política que o presidente Carter conduz com relação à América Latina, especialmente no campo dos direitos humanos. São conhecidas suas declarações antes e depois de ser eleito. Entre outras coisas, afirmou que a política exterior norte-americana deveria mudar em alguns aspectos. Por isso suas críticas a Kissinger durante a campanha eleitoral.

No que diz respeito ao tema dos Direitos Humanos, da Casa Branca ele manifestou que seu governo não manterá as mesmas relações cordiais com governos que os violem. Para a América Latina, hoje convertida em um rosário de ditaduras militares, com raras exceções, essas declarações se transformaram em grande fonte de esperança, principalmente nos centros democráticos e progressistas do continente, embora encaradas com reservas.

Fundamentalmente, Carter pensava tomar duas atitudes: bloqueio diplomático, através do esfriamento de relações com os regimes ditatoriais; suspensão da venda de armamentos a tais países, procurando debilitar esses regimes na ordem interna e pressioná-los para que mudassem sua política e se encaminhassem para a democracia.

O congresso norte-americano gostou muito. Principalmente depois das revelações sobre a participação da CIA e do Departamento de Estado na América Latina e da responsabilidade em diversos golpes militares ocorridos nas últimas décadas. Sem dúvida, estas revelações deixaram a consciência norte-americana muito sensibilizada...

As intervenções norte-americanas na América Latina, sudeste da Ásia, Oriente Médio, etc..., violando a soberania e o direito de autodeterminação dos povos, não davam autoridade moral a um país que

sempre se pretendeu aparecer como o campeão da liberdade e da justiça no mundo inteiro. Portanto, pelo menos da boca para fora, era necessário adotar um novo repertório, capaz de recolocar os Estados Unidos à frente, mais uma vez, como principal defensor do «mundo livre e ocidental» e, por consequência, respeitável defensor dos direitos do homem e das nações, então capazes de decidirem livremente sobre seus destinos.

Desta forma, e só desta forma, os Estados Unidos pretendia recuperar seu prestígio internacional, de país democrático por excelência. Ora, e quem melhor do que Carter, o Pastor Presidente, o moralista, o místico, para encaminhar esta missão?

Mas muita água passou por baixo das pontes desde as primeiras declarações de Carter. O problema das vendas de equipamento bélico torna a ressurgir. A promessa de reduzi-las ficou na palavra. O xá do Irã que o diga. E um pronunciamento recente de um alto funcionário norte-americano, pretendendo uma revisão da posição a respeito de vendas de armamentos para a América Latina, começa a baixar o véu. Tem o dom de revelar o tipo de pressões que Carter começa a sofrer da parte dos grandes fabricantes, aflitos desde que perderam o generoso mercado do Vietnã.

Qual a significação que tem esta indústria na dinâmica da economia norte-americana? Não esquecer: em primeiro lugar, este setor, muitas vezes, funcionou como o xarope que alivia a tosse insistente. Ou seja: uma possível crise nos Estados Unidos. Harry Magdoff, um desses bem comportados economistas norte-americanos, dizia certa vez: «O único papel dos gastos militares é que permite aumentar e manter a produção e a ocupação em níveis altos».

Magdoff falava mais coisas reveladoras. E todos os elementos que ele fornecia serviam para que nós concluíssemos: os gastos norte-americanos no setor de defe-

sa são chaves mestras para o desenvolvimento da economia da «mãe pátria», assim como também decisivos na escolha da política, ou das políticas, postas em marcha por qualquer governo norte-americano. Em Washington não está assentada, verdadeiramente, outra coisa que não seja aquilo que o sociólogo Wright Mills chamou de «elite do poder». É ela que efetivamente controla os cordões do poder, das decisões.

E Carter não decide nada sozinho. Um só homem não pode decidir, por melhores que sejam seus desejos. Quem decide é o poder das multinacionais, das grandes corporações. Só, e tão somente só, a política destas empresas é que imprime o verdadeiro caráter à política do Departamento de Estado. Ou alguém acreditaria que é o cartel-caipira do amendoim da Geórgia que estaria por trás da política de Carter?

Muito bem: o que tudo isto tem a ver com a América Latina?

A ajuda militar norte-americana continua sendo, hoje, um instrumento essencial de apoio aos interesses dos Estados Unidos na área latino-americana, desde que os políticos de Washington resolveram aplicar a política que dava aos militares um papel de primeiro plano na vida política da América Latina.

Mas os interesses estratégicos dos Estados Unidos exigem atualmente uma mudança de rumo. Já não é necessária a intervenção direta em países de sua área de influência. Começa a ser desenvolvida, hoje, a política de descentralização de responsabilidades regionais. E a tese do aliado preferencial completa esta política. Traduzindo: agora, um país, ou grupo de

países, passará a desenvolver o papel que os Estados Unidos sempre desenvolveram. Ou seja: este país, ou países latino-americanos, chamados de aliados prefe-

renciais, serão os policiais regionais. Como se vê, a política de salvaguarda não é obra recente da imaginação criadora.

Por enquanto, o único aliado preferencial já escolhido por Washington é o Brasil. Portanto, livrando-se do papel de policial, os Estados Unidos poderão falar à vontade em direitos humanos. Não aparecerá mais envolvido abertamente na construção de aventuras golpistas e conseguirá resgatar sua imagem frente à opinião pública mundial.

Muda o embrulho, permanece o mesmo produto. Se as primeiras atitudes de Carter tiveram um significado para a América Latina, hoje, a complacência do Departamento de Estado para com o anúncio de Pinochet, marcando eleições em seu país para daqui oito anos, já não deixa margens à dúvida.

Poderíamos acreditar nas boas intenções de Carter. Mas, será que ele decide sozinho? E além disso: será que ele se tornou candidato a presidente depois presidente apenas por acaso, ou por ser um bom orador? Talvez não, se levarmos em conta suas atividades anteriores. Em 1949, já fazia a ligação entre a Marinha norte-americana e a Comissão de Energia Atômica; e não foi ele quem supervisionou a construção dos submarinos atômicos, feitos pela Westinghouse e pela General Motors? E este trabalho não era um absoluto segredo de Estado, desses que não são confiados a qualquer um?

Carter era um desconhecido? Não. Os postos que ocupou demonstram que sempre esteve em estreito contato com as multinacionais da guerra e com os círculos militares norte-americanos. Por tudo isso é que alguns comentaristas políticos dizem a respeito dele: «É como as noviças descritas pelos enciclopedistas franceses cheias de virtudes públicas e vícios solitários».

DISCOS MARCUS PEREIRA



FINALMENTE DISCO É CULTURA

Finalmente Você encontra em todas as lojas os discos mais premiados do Brasil.

MÚSICA POPULAR DO NORDESTE — 4 discos

Prêmio Estácio de Sá — 1973
Prêmio Noel Rosa — 1973
Melhor do ano — 1973, "O Estado de São Paulo"
Entre os 25 melhores de todos os tempos — "Revista Status"

MÚSICA POPULAR DO CENTRO-OESTE/ SUDESTE — 4 discos

Os melhores do ano — 1974, "Jornal do Brasil"
Os melhores do ano — 1974, "Veja"
Entre os 25 melhores de todos os tempos, "Revista Status"
Os melhores do ano — 1974, "Fatos e Fotos"

MÚSICA POPULAR DO SUL — 4 discos

Os melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"
Os melhores do ano — 1975, "Veja"
Os melhores do ano — 1975, "Jornal da Tarde"
Os melhores do ano — 1975, "O Globo"
Entre os 25 melhores de todos os tempos, "Revista Status"
Entre os 25 melhores de todos os tempos, "O Pasquim"
Os melhores do ano — 1975, "Correio do Povo"

MÚSICA POPULAR DO NORTE — 4 DISCOS

"Os melhores do Ano", 1976, Jornal do Brasil - Destaques Música Popular em 1976, Jornal da Tarde - Destaques do ano 1976 - O Globo

HISTÓRIA DAS ESCOLAS DE SAMBA — 4 discos

Os melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"
Os melhores do ano — 1975, "Jornal da Tarde"
Entre os 25 melhores de todos os tempos, "Revista Status"

ARTHUR MOREIRA LIMA INTERPRETA ERNESTO NAZARETH — 2 discos

Os melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"
Os melhores do ano — 1975, "Jornal da Tarde"
Os melhores do ano — 1975, "Revista Veja"
Os melhores do ano — 1975, "O Globo"
Os melhores do ano — 1975, "Correio do Povo"

ARTHUR MOREIRA LIMA INTERPRETA ERNESTO NAZARETH n.º 2 — 2 discos

CARTOLA

Os melhores do ano — 1974, "Jornal do Brasil"
Os melhores do ano — 1974, Associação Paulista dos Críticos de Arte
Entre os 25 melhores de todos os tempos — "Revista Status"
Os melhores do ano — 1975, "Revista Veja"
Os melhores do ano — 1974, "Fatos e Fotos"

CARTOLA II

"Golfinho de Ouro", 1976, Música Popular Brasileira - "Os Melhores do Ano", 1976, Jornal do Brasil - Destaques Música Popular em 1976, Jornal da Tarde

QUINTETO ARMORIAL

Melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"
Melhores do ano — 1975, Associação dos Críticos de Arte de São Paulo
Melhores do ano — 1975, "Revista Veja"

QUINTETO ARMORIAL "ARALUME"

"Os melhores do ano", 1976, Jornal do Brasil

OS TÁPES

Melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"
Melhores do ano — 1975, "Correio do Povo"

DISCOS DE CHORO

BRASIL, FLAUTA, CAVAQUINHO E VIOLÃO

BRASIL, FLAUTA, BANDOLIM E VIOLÃO

BRASIL, SERESTA

BRASIL, TROMBONE

O melhor solista do ano — 1974, Associação Paulista dos Críticos de Arte

BRASIL, SAX E CLARINETA

SOM DE PRATA, FLAUTA DE LATA

Melhores do ano — 1975, "Jornal da Tarde"

PIXINGUINHA DE NOVO

Melhores do ano — 1975, "Jornal da Tarde"

QUINTETO VILLA LOBOS

Interpreta choros clássicos

TODO CHORO

Gravado ao vivo no "1.º Encontro Nacional do Choro"

CANHOTO DA PARAÍBA

O violão brasileiro tocado pelo avesso

HISTÓRIA DE UM BANDOLIM — LUPERCE MIRANDA

ALTAMIRO REVIVE PATÁPIO E INTERPRETA CLÁSSICOS

CHÃO DA GENTE — CARLOS POYARES

* * * * *

A MÚSICA DE PAULO VANZOLINI

Melhor letrista do ano — 1974, Associação Paulista de Críticos de Arte

PAULO VANZOLINI — ONZE SAMBAS E UMA CAPOEIRA

A MÚSICA DE DONGA

Entre os 25 melhores de todos os tempos, "Revista Status"
Os melhores do ano — 1974, "Fatos e Fotos"

FREVO AO VIVO

VAMOS SAMBAR

OS MELHORES SAMBAS DE TODOS OS TEMPOS

PORTUGAL HOJE

FADOS BRASILEIROS

PAPETE, BERIMBAU E PERCUSSÃO

LECY BRANDÃO

Os melhores do ano — 1975, "Jornal do Brasil"

A MÚSICA DE CARLOS PARANÁ

TEMAS n.º 1 — FIM DE CASO/ RECONCILIAÇÃO/ SOLIDARIEDADE

TEMAS n.º 2 — ROTINA/ BOEMIA/ SOLIDÃO

TEMAS n.º 3 — COMEÇO DE VIDA/ AMOR PROIBIDO/ RESIGNAÇÃO
"Temas", outra lição de MARCUS PEREIRA, Jornal da Tarde, 28/10/74

INSTRUMENTOS POPULARES DO NORDESTE

"Os Melhores do Ano", 1976, Jornal do Brasil - Destaques Música Popular em 1976, Jornal da Tarde

LEO KARAN - "URBANA"

ARTHUR MOREIRA LIMA - INTERPRETA CHÓPIN
"Balanço 1976", Música, Jornal do Brasil

BAHIA, GRUPO ZAMBO

MARCUS VINICIUS - TREM DOS CONDENADOS

"Os Melhores do Ano", 1976, Jornal do Brasil - "Os melhores do Ano", 1976, Visão
"Os Melhores do Ano", 1976, O Pasquim
Destaques Música Popular em 1976, Jornal da Tarde

PIANO BRASILEIRO — ISABEL MOURÃO INTERPRETA OSWALDO LACERDA

PIANO BRASILEIRO A 4 MÃOS — DUO KAPLAN-PARENTE

DILERMANDO PINHEIRO
Batuque na palhinha

DISTRIBUIDOS PELA



★ CORAÇÃO americano



o passageiro

por Wagner Carelli

Do aeroporto de Ezeiza a Buenos Aires, tudo parecia igual. Então, começavam as diferenças. Claro, eu estava cansado. Era essa a razão: os portenhos não poderiam ser aqueles personagens melancólicos que eu via perambular pelas ruas. Era o cansaço. E antes de discutir com o motorista de táxi por sua extremamente subjetiva interpretação da tarifa, ele desfizera as dúvidas numa amigável conversação. Che, los milicos? No pasarán. Aquí no pasa nada. Em frente à Casa Rosada, meia dúzia de velhinhas gritava o nome de Isabel. Algo estava errado. Mas era mais fácil acreditar no motorista, e dormir. Um sono curto: de madrugada, eu abria a janela do hotel e via passar pela avenida de Mayo o golpe que me despertava, e a cidade, montado em seu ruidoso aparato bélico.

Fiquei envergonhado. Os militares golpeavam a Argentina e eu, repórter, dormia. Aquela hora não podia nem descer à rua. Saí de manhã e segui a pé à única opção possível de passeio: o caminho que me separava do escritório de Julio Delgado, correspondente de «O Estado de S. Paulo» em Buenos Aires. Para mim, ele era ainda o Julio Delgado, conforme a assinatura que precedia suas meticulosas e originais aná-

lises da situação argentina. E ele próprio devia ser argentino, com esse nome que eu mentalmente pronunciava como se o jota fosse castelhano e, assim, soasse igual ao erre português. Na rua Corrientes, à entrada do 456, perguntei por ele. Ninguém conhecia. Especifiquei que eu era jornalista, ligado a um diário brasileiro. «Ah! O Flávio? Quarto andar, ao lado da agência Latin».

Flávio? Bem, não pretendia aumentar a confusão. Subi. No quarto andar as portas estavam todas abertas à passagem de repórteres e fotógrafos afobados. A que eu buscava estava em frente ao elevador. Dava para uma sala pequena, com duas mesas, uma estante de poucos livros, um telex que recebia mensagens sem parar, algumas cadeiras e um grande mapa da América do Sul pendurado numa das paredes. Uma secretária de expressão eficiente me vê e eu aponto com a cabeça um homem magro, de óculos e gravata desapertada, sentado atrás de uma das mesas sem tirar os olhos e as mãos da máquina de escrever. Ela quase grita:

- Flávio!

Ele se ergueu rapidamente e ainda sem desviar-se da máquina disse uma saudação

qualquer.

- Oi. Você é o Julio Delgado?

- Ou Flávio Tavares.

Explico que sou repórter de «O Estado», de passagem por Buenos Aires, e que tropecei desavisado com o golpe. Se for necessário, posso ajudar em algo. Ótimo! A idéia o empolgava à medida que ele descrevia as dificuldades com que trabalhara nos dois últimos dias, sem dormir, sem poder ajudar efetivamente aos jornalistas cercados pelo exército nas dependências da Casa Rosada, sem poder terminar o enorme perfil de Isabelita que preparava para o «Excelsior» mexicano. E falava rapidamente, me dando toda atenção possível, mas fazendo na realidade, um balanço para si próprio dos últimos acontecimentos.

Eu descobria aos poucos: Julio Delgado era brasileiro, se chamava Flávio Tavares e era também correspondente do «Excelsior». Nele, nada revelava algo além do bom jornalista, seguro de suas informações e excitado com o momento, a notícia. Depois haveria mais para descobrir, naturalmente. Era tão jornalista, por exemplo, que parecia absolutamente alheio à própria pessoa diante do que ocorria. E havia

bons motivos para um mínimo de preocupação: a partir do golpe, todos os estrangeiros com problemas políticos em seus países de origem passavam à dramática categoria de personas non gratas. Eu ainda desconhecia seu passado, mas era fácil supor que descaminhos o levaram ao exterior.

Nada, contudo, o afastava da ação profissional, que exercia como se houvesse um entendimento tácito entre ele e a história, que disse-cava nos últimos instantes de um de seus episódios. Só a mulher o lembrou por algum tempo da caça às bruxas, ao vê-lo no escritório depois de dois dias distantes. Flávio brincou com o filho, Camilo, e a ela parecia estar transferida toda a trágica experiência do marido com maus momentos e fugas. Ele não se surpreendeu com o nervosismo da mulher, disse que fosse embora despreocupada e então percebeu que o alheamento ao próprio destino não era bem isso: Flávio Tavares, na verdade, estava acostumado a passar ao largo do medo.

Haveria tempo para saber mais. Alguns me falariam de seu presumível passado guerrilheiro, na Serra do Capara, comandando uma coluna sob o nome de Dr. Falcão. Nem me atrevi a perguntar, claro. Aliás, já haviam cometido a indiscrição, anteriormente, e ele negara a acusação com firmeza e sem constrangimento. Me diriam também de sua prisão, por essa suspeita, e de sua inclusão entre os prisioneiros trocados por um embaixador sequestrado. O quadro fornecia uma imagem de total incongruência com o amigo fácil que me segurava o braço na rua, à maneira de um compadre

gaúcho, me perguntava pelo Versus e lamentava as matérias que não pudera enviar-nos. Ria muito entre acessos de tosse que duravam vários minutos, apontava a lanchonete onde encontrara João Goulart pela última vez - comendo faminto um cheeseburger salada -, voltava a rir e a tossir, me prometia o endereço de Cris e uma apresentação a Paulo Schilling, brasileiro exilado, dizia que o México era bom para viver desde que não se passasse lá mais de um ano («os mexicanos são cafonas, não dá, são cafonas demais»), voltava a rir e a tossir, a tossir, a tossir, até que não podia mais falar e perdia parcialmente o bom humor.

Flávio Tavares gostava dos matambres nos movimentados, simples e excelentes restaurantes portenhos. E era aí que ele se estendia na sua própria história, falando sempre como se tudo não houvesse passado de contingência, sem amargura ou aflição. Falava das torturas sofridas e da razão de sua tosse, ria dos sonhos que o transportavam de volta ao martírio e dos sustos que por vezes passava. No México, costumava sonhar, antes de qualquer viagem, que tomava um avião por engano e era levado ao Brasil. Quando mudou-se definitivamente para Buenos Aires, o sonho quase se tornou verdadeiro: numa escala em Caracas, os passageiros foram obrigados a mudar de aparelho e na confusão ele por pouco não toma um voo da Aerolíneas Argentinas para o Rio de Janeiro.

Não temia o Brasil. Mas tinha pavor de voltar a sofrer a violência e a angústia. E era na mesa do restaurante, em alguns segundos repenti-

nos, que ele parecia pensar sobre o que estava ocorrendo à sua volta, e que Buenos Aires não parecia a mesma. Os chiquilines lhe ofereciam balas para vender e ele primeiro ria brincando com o menino, como sempre, para depois lembrar que antes não havia disso. Nem lá, nem em Montevideu, nem em Santiago do Chile. A pobreza aparecia junto às mudanças, que nesses países se processavam sempre de acordo a um programa de poucas variações: arrocho, tortura, sequestros. Flávio via de novo o fascismo, e parecia sentir, de repente, o perigo na própria pele. Então voltava a comer o matambre com vontade, e falava criticamente do ERP, condenando sua autodenominação trotskysta («eles nem sabem o que é trotskismo»). Ou de geopolítica, qualquer coisa. Até de seu pseudônimo ele podia falar. «Ocorreu sem querer, quando me pediram para inventar um». E nos perguntava se na redação o pessoal não achava que escolhera Julio para puxar o saco do patrão.

Ele queria assinar o próprio nome, e já o fazia. Desde que se tornara correspondente quase exclusivo de «O Estado», ao romper com a nova direção do «Excelsior». Já assinava Flávio Tavares quando alguém me contou que o vira desmaiar à mesa de um daqueles velhos restaurantes portenhos, meses depois do golpe. A saúde era precária, tinha um pulmão quase perdido e a tosse o aturdiava por muitos minutos além dos costumeiros. Recuperou-se e voltou a escrever, a rir, a tossir. Não tinha tempo de temer a sorte, e estava correto. Mas seguramente não previa outros aeroportos para seus pesadelos.





LIVRARIA D'ADORIM
Literatura e ciências humanas

ÁFRICA E
AMÉRICA LATINA

PÇA. DOM JOSE GASPAR 106,
GALERIA METRÓPOLE
SOBRELOJA, LOJA 19 - TEL. 35-1071 SÃO PAULO

GRADIM

a revista
do
Henfil



**dê uma
olhadinha na
livraria zapata**

RUA CESÁRIO MOTA, 285
FONE: 222-2861

Na compra de 2 livros você ganha
um número do Versus de presente

ASSINE COOJORNAL

Leia o jornal de idéias e opiniões que estimula o debate.
Que expõe os assuntos polêmicos sem rodeios. Que abre as suas
páginas para os que estão pensando e analisando a realidade
brasileira.
Um jornal crítico e independente, dirigido às pessoas formadoras de
opinião.
Este é o Coojornal, editado pela Cooperativa dos Jornalistas de
Porto Alegre.

Cupom de assinatura

Nome: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura por doze edições: Cr\$ 110,00

Envie cheque nominal ou vale postal para:

Rua Comendador Coruja, 372 - Porto Alegre - RS - 90.000

Fones: 21-8984 e 24-0951 - Telex: (051)1605



LIVRARIA
LORCA
al. franca 616
tel: 287-2381

Vo-cê sa-be mui-to bem que eu sei tu-do quan-to-u-ma can-ção lhe traz
nos-sa rá-dio é fei-ta com a-mor dan-ce a dan-ça que qui-ser dan-çar
su-a mú-si-ca já-es-tá no ar na fre-quên-cia mo-du-la-da Ban-dei-ran-tes
na fre-quên-cia mo-du-la-da Ban-dei-ran-tes

A Equipe FM BAND está cantando e contando
com você todos os dias do ano.

BANDEIRANTES © FM 96.1 MHz

Mário Pedrosa



Luís Trímiano

EXÍLIO,

ARTE e IMPERIALISMO

entrevista a Omar de Barros Filho e Julio Tavares

Mário Pedrosa é Maiakovski, é Eisenstein, é Brecht. A paixão pela arte e pelo socialismo que a burocracia não conseguiu sujar. É isto que pensamos ao vê-lo. Pode falar do passado porque só pensa no futuro (que virá).

Timbaúba dos Mocós. Cheiro de cana de açúcar. Norte de Pernambuco. O pai virou senador pela Paraíba. E ele foi passar a infância num colégio da Suíça.

Os cabelos parecem de um maestro de história em quadrinho.

Nasceu no dia da Revolução Portuguesa. 25 de abril. 1900. O mesmo dia de Lívio Xavier. O mesmo ano de Lívio Xavier. Os dois estudariam juntos na Faculdade de Direito do Rio. Os dois, juntos, amando a arte e o socialismo que a burocracia não conseguiu sujar.

16 anos: idade de gostar de Ruy Barbosa.

1917. Dez dias que abalaram o mundo. John Reed. O Smolny construindo uma nova sociedade. Mais tarde, quando o «conservadorismo burocrático surgiu triunfante», Maiakovski suicidou-se, Eisenstein teve que violentar os fotogramas de seus filmes, os retratos dos velhos bolcheviques foram arrancados das paredes. Ficou mais do que a poeira.

A Revolução chegava pelos jornais como L'Humanité, comprados numa livrariuzinha do Rio. Nos tempos de Faculdade, lia, discutia, ouvia as lições de Edgar de Castro Rebelo.

Um dos seus mestres conheceria na Europa: Ho Chi Minh. Ele chegou em Moscou a tempo de ver Stalin destruir os últimos opositoristas. 1929. Smolny mudava de endereço. Depois de Moscou, Paris. A organização de uma nova esquerda. Amigos, como Andre Breton, escrevendo o Manifesto por uma Arte Revolucionária.

Uma paixão cada vez maior pela arte. Se a burocracia fechava os caminhos da política, a arte era uma libertação, naquele momento. Reflexões sobre a obra de Kathe Kolwitz, a amiga de Rosa de Luxemburgo, que fez da gravura o culto pelo perfeito. 1949: «A Arte e a Vida Social», reflexões dialéticas que tiveram que romper o circuito do direitismo conservadorista e da esquerda dogmática. (O caminho da vida passa ao largo, mais à frente). A descoberta da arte dos hospícios, de Rafael de Engenho de Dentro, ao lado de Nise da Silveira.

A paixão pela vida. Em 34, combates na Praça da Sé contra os integralistas. Em 68, o Exílio. O retorno em 77. Sempre o velho Mário Pedrosa, que sabe qual o caminho que leva ao rio.

(Marcos Faerman/Luiz Egypto)

P.S. - Estamos em São Paulo, na casa de amigos. O velho está sentado na cadeira de balanço, com os pés sobre a mesa do centro. A entrevista vai começar.

— Há nove anos não como goiaba.

O guardanapo pendurado no colarinho enquanto saboreia a fruta.



P - Já se passaram muitos anos desde a Semana de Arte Moderna... Agora você volta do exílio e propõe uma exposição de arte indígena...

R - Uma comparação entre a exposição de índios e a arte moderna é uma comparação difícil porque a exposição de índios é um projeto, e a arte moderna é uma realização histórica. O que eu posso dizer é que a exposição de arte indígena é, de certa maneira, uma reação ao que se faz hoje em matéria de arte dita moderna. É uma proposta para que os artistas brasileiros - não digo que se virem para a cultura indígena - tenham uma noção mais concreta de que a arte moderna é hoje em dia uma atividade de ordem cosmopolita. Função, digamos com muita brutalidade, do mercado internacional.

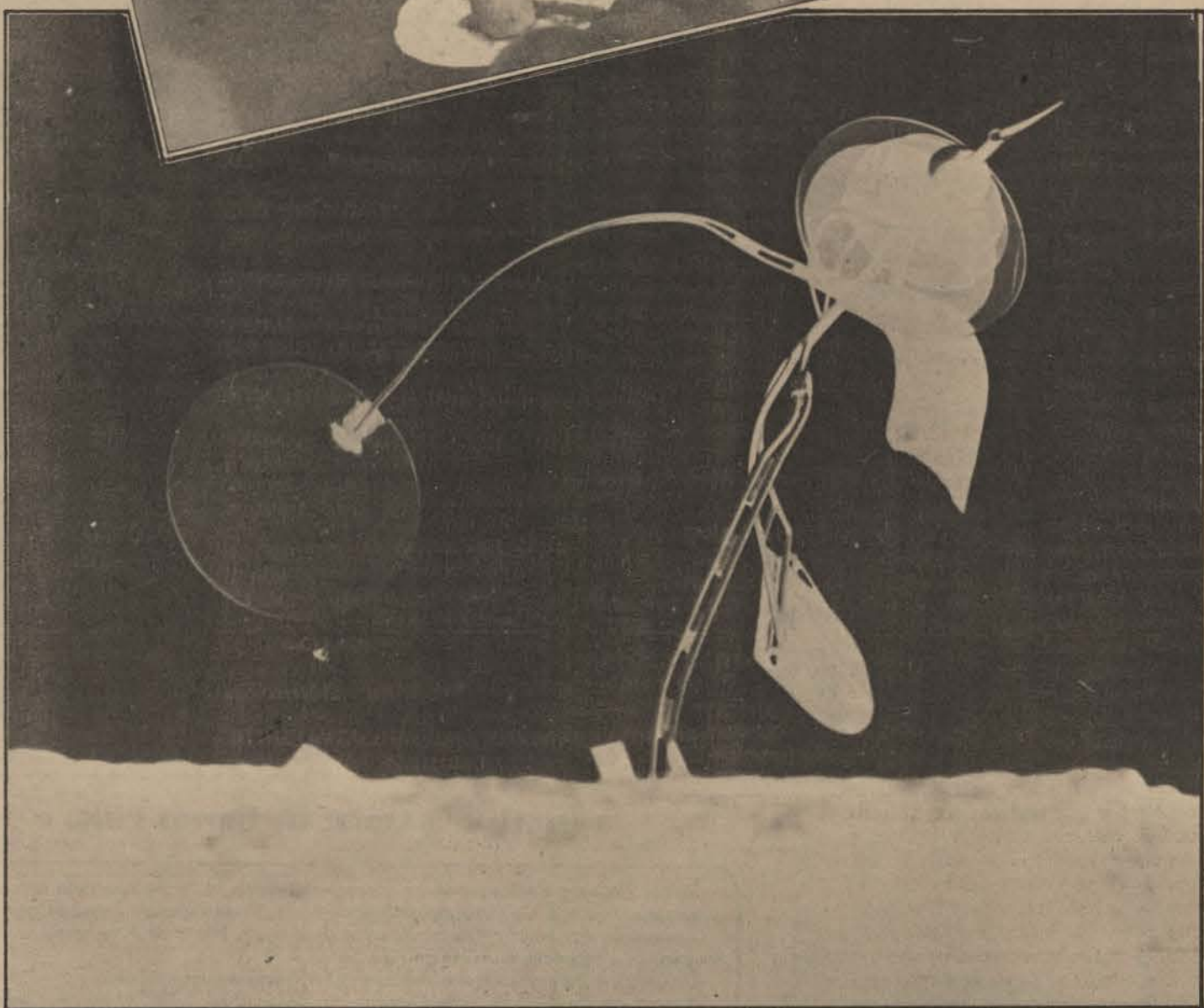
Outro dia me perguntavam sobre vanguarda, a noção de vanguarda. Eu não acredito mais em vanguarda, que era muito importante no tempo em que as proposições ditas de arte moderna tinham realmente valor de vanguarda. Era uma invenção de artista, era uma experiência válida em face do academismo, em face de uma escola de arte, de uma tradição, de uma maneira de ver a arte em função de uma burguesia exausta, atrasada na Europa. Havia essa contradição.

A arte moderna nasceu, hoje podemos dizer, em função do imperialismo, em função da expansão imperialista nos velhos países europeus. Nasceu da intervenção imperialista na África, por exemplo. Os naturalistas europeus - os antropólogos da época - descobriram nos países africanos atividades de ordem cultural de uma grande qualidade, de uma estranha qualidade. A arte negra que se descobriu então em Paris, teve uma importância enorme sobre o cubismo. Picasso mesmo teve influência da arte negra descoberta então na Europa.

Essa descoberta começa exatamente na época em que o imperialismo invadia os continentes africano, americano etc. Com espanto, os naturalistas descobriram uma atividade de povos fora da civilização européia, capazes de fazer artefatos, de fazer obras que eles não tinham coragem de dizer que eram obras de arte. Quando se reconheceu que na África e nos povos pré-colombianos se fazia arte, foi muito tarde, porque eles não concebiam que a arte pudesse ser produto senão de um desenvolvimento capitalista, burguês, como a arte européia, a arte greco-romana, a do Renascimento. Eles precisaram de um estudo, de um trabalho, de



fotos Percy Galimberti



Escultura de Kala

um desenvolvimento, pois eles não acreditavam que os povos subdesenvolvidos fossem capazes disso. Só há cinquenta anos, talvez menos, se começou a achar que os fetiches africanos fossem tão belos quanto as melhores esculturas européias. A Vênus de Milo, tão proclamada, hoje é considerada tão bonita quanto um fetiche africano. Hoje isso é uma banalidade, e a arte teve sempre um desenvolvimento prodigioso fora do desenvolvimento industrial europeu.

Esta é a causa de que hoje esse desenvolvimento da arte moderna - formidável numa época - está esgotado. Todas as grandes obras primas da Europa não são melhores que os grandes monumentos pré-colombianos. Esse é um fato real, importante, e não há porque hoje se discutir essas coisas. Porque então se levantava a hipótese de que os povos atrasados, os povos afri-

canos, as artes pré-históricas não eram importantes, porque não implicavam num desenvolvimento econômico, industrial, tecnológico, das velhas civilizações européias. E é por isso que se descobriu na arte grega, na arte arcaica, na arte egípcia, nas artes pré-colombianas, monumentos extraordinários em matéria de arte.

P - Mário, a exposição do socialismo realizado, que foi feita recentemente na Itália, colocou outra vez na ordem do dia a discussão da liberdade e da criação, e a própria discussão do que significa arte. O que significa liberdade de criação para o artista dentro do capitalismo e dentro dos Estados ditos socialistas? E qual a influência dessa exposição do socialismo-realizado dentro dos Estados ditos socialistas na luta pela democracia socialista? Como você vê isso?

R - Há um ensaio sobre o condicionamento na civilização burguesa, onde eu estudo o condicionamento da criação artística no capitalismo na época atual, partindo das pesquisas de Marx sobre a arte no pré-capitalismo. Na passagem do pré-capitalismo ao Renascimento, os artistas tinham uma classificação de trabalhador, de artesão. Na produção artesanal, quem dominava eram as corporações de artistas, em que o artesão ia para a corporação, trabalhava nela e a obra de arte que ele fazia não se traduzia no valor de mercado, não ia para o mercado.

Vocês sabem que a passagem de corporação para a manufatura foi um processo demorado. Na época da corporação onde havia um mestre, ele aprendia com o mestre, com um sapaiteiro, com um construtor, com um pedreiro, faziam um trabalho com o mes-

Gauguin, Van Gogh e Cézanne morriam de fome. Hoje, a burguesia não deixa que isso aconteça: ela absorve os artistas. Aceita todas as obras, polui, apodrece a criação. Sem forças para impor seus valores, inventou o marchand...

tre, acabavam também sendo mestres e poderiam vir a ser artistas importantes. Os grandes artistas, construtores de catedrais, um grande número deles, eram anônimos, porque eles não eram o artista individual que se sobressai a tudo. A passagem do regime artesanal para o regime de produção manufatureira, capitalista, se estendeu para a Europa inteira, Florença, etc.

Isto foi uma mudança radical que houve no estatuto das artes na Europa, e que durou alguns séculos, durou até o desenvolvimento capitalista europeu, que criou a sociedade industrial moderna em que a burguesia começou a ser o mercado, a consumidora dos trabalhos dos grandes artistas. Os artistas passaram a fazer obras para a sociedade capitalista. Aí, a sociedade capitalista criou seus museus, suas academias de belas-artistas, que nascem em um momento importante, com o estado burguês, com o estado absolutista, uma coincidência importante.

Aparece a fabricação das belas-artistas com um valor próprio que não tinha mais nada que ver com as antigas corporações em que os artesãos eram trabalhadores coletivos, anônimos como todo trabalhador. Agora o artista passa a ser um homem que faz uma obra especial, e que tem um mercado especial. Isto nasceu na Itália, na França e depois se espalhou por toda a Europa, e por aqui no começo do século XIX, com a missão francesa. Então havia regras para se fazer uma obra considerada pela academia como de alta beleza e isso codificou a profissão de artista, codificou a maneira de valorizar a obra, passou a existir uma obra de arte especial, o ideal de beleza passou a ser construído e até organizado de maneira que todos os artistas entrassem para a academia, onde terminavam fazendo um concurso com uma obra de arte determinada pelos professores.

A arte moderna no nosso século começou exatamente quando nascia o imperialismo, quando saíam e iam explorar os países coloniais. Não foi só uma coisa ruim porque daí, a partir da exploração da África, da América, começaram a descobrir que haviam obras importantes que podiam se igualizadas com as grandes obras ocidentais. Para que um naturalista, um antropólogo, ousasse comparar um fetiche africano com a obra grega, foi preciso um grande desenvolvimento intelectual, uma grande audácia.

A arte moderna foi essa arte nascida da decadência da arte acadêmica européia. Nós hoje estamos numa época em

que a própria arte moderna, que teve esse desenvolvimento enorme, também já esgotou o seu processo de crescimento. E então, como era uma arte que passou a ter um êxito formidável em toda parte, passou a ser dominada por uma categoria nova que não existia propriamente, que era a do *marchand*. O *marchand* passou a ter uma importância enorme na distribuição dessas artes modernas. E daí também nasceram os museus de arte moderna, as bienais, todos para o desenvolvimento dessa categoria nova.

A Semana de Arte Moderna de São Paulo é um produto do desenvolvimento da época. Hoje nós estamos numa outra época, em que o capitalismo chegou ao auge do desenvolvimento internacional, a um capitalismo internacional. O auge da dominação colonial chegou ao fim e novos horizontes se abrem para a cultura mundial. Basta ver a crise profunda que há entre o hemisfério norte e o hemisfério sul, entre os países da periferia e os países altamente desenvolvidos. Isso representa uma nova etapa no plano das artes. Nos países como o nosso, a arte moderna se desenvolveu, teve artistas bons, mas se repete porque o novo que se faz na Europa, pode ser o velho nos Estados Unidos, e o novo que se faz aqui pode ser o novo que se faz em Paris... As ligações são muito grandes e aí existe uma repetição de iniciativas. Há anos, os artistas modernos, os artistas da maior importância hoje para o mundo, morriam de fome como Van Gogh, Gauguin, o próprio Cézanne. Hoje, a burguesia parece que tem medo: ela foi acusada de deixar morrer alguns homens de gênio, só depois de mortos a obra deles era acolhida e atingia preços descomuns no mercado. Hoje ela virou liberal.

As artes perderam os valores intrínsecos do começo do século XIX, quando se desenvolveu o Renascimento, passou-se para o barroco, do barroco para a arte neoclássica. São todas escolas que desenvolveram-se pelo mundo. Hoje a burguesia age como o stalinismo na Rússia. O stalinismo destruiu as obras, esmagava as obras que eles não achavam boas. A burguesia, o liberalismo burguês apodrece, aceita todas, qualquer coisa ele aceita imediatamente, levantada como uma coisa moderna. Na bienais isso foi comum. No começo das bienais, alguns artistas modernos não eram recebidos, e hoje, as primeiras vanguardas que aparecem... As obras mais escandalosas são consideradas como obras de arte, vanguarda, e ganham prêmio. Antigamente a vanguarda dificilmente ganhava prêmio.

Hoje, as vanguardas mais estapafúrdias ganham prêmio imediatamente. O liberalismo tem a mesma função do stalinismo. O stalinismo destrói,

fisicamente, o liberalismo aceita todas as obras, polui, apodrece a criação. Ainda hoje perdura essa circunstância. A burguesia não tem mais força de impor os valores que são dela, ela aceita qualquer coisa porque tem medo que amanhã descubram que valha muita coisa.

P- O capitalismo destrói, na realidade, a possibilidade de existir uma arte livre, aberta, porque o capital prostitui a arte...

R- Isso é interessante porque quando começaram as exposições de arte moderna, as bienais, os países ditos socialistas começaram a participar nessas associações internacionais de críticos de arte, que eu fiz parte - nas bienais, nas grandes manifestações de arte internacional. No começo havia imediatamente uma imposição de ordem das autoridades deles para que os artistas seguissem a linha, digamos, da arte social, do realismo socialista. Pouco a pouco, com o desenvolvimento das organizações internacionais, com o êxito que tinham inclusive nos países ditos socialistas, os responsáveis pela arte nesses países não se sentiam com força para impedir que os artistas de seus países passassem a criar com liberdade como nos países do ocidente capitalista. Eu vi na Polônia, na Tchecoslováquia, artistas novos, rapazes que eram mandados para as bienais mas não tinham o beneplácito dos dirigentes. Uma vez eu fui convidado para uma espécie de exposição, digamos clandestina, de alguns artistas novos da Tchecoslováquia, antes da Primavera de Praga. Havia uma tendência a capitular da alta burocracia, isto no plano cultural. E eles levavam ao extremo a arte ocidental, muitos começaram a produzir arte moderna... Até na Rússia havia isso; por exemplo, a arte abstrata.

Estive na Rússia uma vez, quando dirigi a Bienal de São Paulo. Eu queria convocar a Rússia para participar da Bienal. A minha idéia era convocar a Rússia para participar e ao mesmo tempo pedir a ela os artistas não oficiais. Os artistas do início da revolução fizeram coisas formidáveis como Kandinsk, que ao lado de Maiakovski fizeram as ruas de museu. Esses artistas foram todos condenados quando veio o stalinismo e as suas obras ficaram nos porões dos grandes museus de Petrogrado, todo o tempo. E eu, no tempo que passei por Moscou, como era figura importante, diretor de Bienal e de Museu, fui recebido como uma autoridade, e não como velho militante... E então eu ia com o diretor do Museu de Petrogrado percorrer as salas cheias de gente e examinar as obras, e o diretor me explicando tudo com todos os detalhes. Eu pedi a ele que me mostrasse as salas onde estavam as obras dos artistas importantes. Então, ele me deixou na porta e foi embora. Eu entrei lá dentro, e estava uma senhora com uma filha mais moça que parecia um rato de porão, pálida como o diabo, parecia que não saía dali. Ela veio me explicar e eu vi coisas antigas do Petreakov, Maiakovski, do Kandinsk, do Chagall. Todos estavam lá, não se deixava sair. Muitos anos depois deixaram algumas coisas saírem para uma grande exposição em Paris.

A coisa engraçada foi que quando saí, fui falar de novo com a Ministra da

Cultura, com quem já tinha conversado antes. Eu dizia a ela: madame, nós vamos participar, a Bienal de São Paulo está fazendo o histórico de toda a arte moderna, já fizemos várias exposições, e falta agora a dos construtivistas russos que têm uma importância extraordinária para a história da arte moderna no mundo. Ela disse: quem? esses que estão lá embaixo? Ora, esses absolutamente não valem nada...

Diante da reação dela, eu retruquei: a senhora nos empresta as obras e nós expomos fora do pavilhão russo, quer dizer, deixamos com a senhora um espaço para sua seleção e expomos as outras em outro lugar, pois elas completam a história do movimento que nós estamos fazendo desde o começo, desde o cubismo e tudo. Ela disse: não pode ser, isso não tem importância, isto não é história. Eu repliquei: mas a senhora, que entende muito disso tudo, deveria saber que a história não se anula. Nisso, havia sobre a mesa umas figuras do Portinari na capa de um catálogo da Bienal que eu tinha mandado com antecedência, e ela comentou: mas isto é belo? o homem não é isto? Aí eu disse: madame, eu estou admirando muito que a senhora sustente opiniões que me parecem a de um Tolstoi, e não a de um marxista. E daí por diante eu escolhambeei bastante...

P- Quer dizer que ela não gostou do Portinari?

R- Ela achava tudo muito feio, muito deformado. Vocês vejam aí que a burocracia, que o stalinismo, têm o gosto de uma velha burguesia ocidental. O gosto deles é o mesmo da burguesia do século XVIII... Stalin gostava muito de colunas, colunas jônicas, dóricas, não sei o que... em tudo ele metia colunas. Quer dizer, era o gosto de uma velha burguesia que não tinha nada a ver com o gosto moderno. Nem criava o novo gosto, seguia os das velhas burguesias do Ocidente. Exatamente isso. Aliás, na Polônia, onde havia um clima de maior liberdade, escolhambavam o gosto do stalinismo.

Voltando à velha ministra. Num certo momento, quando voltei a encontrá-la para agradecer a cessão de obras, ela me disse: o senhor está satisfeito por conseguir as obras para sua exposição? Eu respondi: estou mas não estou de todo satisfeito por que eu sou um homem teimoso, como a senhora já me disse. É que a senhora não nos cedeu os construtivistas que estão aqui no Museu.

Depois, eu escrevi para ela: a senhora disse que essa gente não tem valor, que não tem valor nenhum, que se pode escrever a história da arte sem se levar em conta esses artistas. Então eu perguntei: por que que a senhora guarda isso? Por que não destrói? Eu proponho à senhora que me dê, em homenagem ao reatamento de relações do Brasil com a Rússia, e ceda para nós, para os museus brasileiros, que nós guardamos. Ou então venda, em igualdade de condições, que eu me proponho a comprar. Entreguei a carta ao cara que me acompanhava para cima e para baixo lá em Moscou. Era o meu burocrata. Ele era um sem-vergonha, gostava de me levar para passear, ver as bailarinas, as mulheres bonitas e tal. Bem, ele levou a minha carta e eu lhe perguntei como a ministra tinha recebido. Ele disse: *mister Pedrosa*, eu estou aqui para informar das *demarches* que o senhor faz, mas não estou aqui para informar das reações da senhora Ministra...



A PERPLEXIDADE DE UM NÃO-CONSPIRADOR

Boris Schnaidermann

O nome de Iefim Etkind é bem familiar para os que se dedicam ao estudo de poesia russa. Teórico do verso e da tradução poética em particular, tradutor de poesia, poeta, embora, ao que nos consta, sem obra em verso sistematicamente organizada, autor de um livro sobre Bertolt Brecht, ele aparecia com frequência nas publicações soviéticas especializadas e em capas de livros de considerável aceitação. Entre os não-especialistas, no Ocidente, tornou-se conhecido sobretudo pelo seu corajoso depoimento, na qualidade de perito, no segundo julgamento público do poeta Ióssif Bródski, em 13 de março de 1964, acusado de vadiagem, pois se dedicava a escrever versos e traduzir poesia, sem pertencer à União dos Escritores e sem ter recebido por este trabalho quantia apreciável. Agora, tendo deixado a União Soviética, Etkind surge assinando o volume *Zapiski Niezagóvórchchika* (Notas de um não-conspirador), edição em russo de Overseas Publications Interchange, Londres, 1977, que será seguida de uma tradução inglesa.

Desejando prestar o seu depoimento sobre a difícil experiência vivida, ele o faz num tom de marcada pungência. Desfilam pelo livro situações e mais situações de uma vida intelectual absurda, que pode ser caracterizada por uma paródia que circulou em Leningrado. Uma canção patriótica rezava: «Nascemos para tornar o fantástico realidade», e apareceu a versão: «Nascemos para tornar Kafka realidade», com a substituição de *skásku* por *Káfkú*, em *Mi rojdeni chtob skásku sdiélat. bíliu*. Realmente, que outro escritor pode vir mais facilmente à memória, quando pensamos em episódios como aquele do detrator do grande teórico da literatura G.A. Gukóvski, um aluno que muito contribuiu para a sua desgraça política e morte na prisão em 1950 e que recentemente publicou um livro comovido à memória do mestre? Como não pensar em Kafka, depois da narração que Etkind faz das inúmeras instâncias pelas quais passa um livro soviético, antes de ser considerado publicável? E o pior é que, depois de todas estas instâncias, ainda acontece ser retirado da

venda porque de repente se constata que determinada frase não é suficientemente canônica. E o que dizer de um policial da literatura, autor de uma biografia de Tchekhov?

Realmente, a experiência de Etkind é bem amarga e seu livro expressa esta amargura. Mas, se os fatos narrados são terríveis, que conclusões ele tira dessa experiência? Agora, não se trata mais dos problemas teóricos do verso russo, campo em que sua segurança é total, embora, no livro, se refira a este seu trabalho ora com orgulho, ora com certa modéstia reticente. Fora do seu campo específico, ele com frequência dá a impressão de estar um tanto atordoado com as novidades, um tanto desorientado. Ora, vale a pena acompanhar suas perplexidades, pois são bens sintomáticas de todo um grupo de pessoas, muito importante no mundo intelectual russo.

O livro de Etkind inicia-se com uma epigrafe tirada de um belo poema de Ana Akhmátova, e que é seguida das seguintes palavras: «No Ocidente, frequentemente nos chocamos com uma negação total daquilo que foi a vida da *inteliqüentzia* da União Soviética no decorrer de quase sessenta anos: de toda a literatura e todas as ciências humanas por ela criadas, de todas as suas buscas, a não ser quando estas tinham caráter declaradamente oposicionista. Alguns dos «russos estrangeiros» mais radicais fecham os olhos para a vida intelectual do País soviético, esforçando-se por não vê-la de vez, como se estas seis décadas nem tivessem existido ou no decorrer de todo este período histórico só tivesse acontecido o seguinte: a coação do poder estatal e partidário sobre as almas e cérebros dos cidadãos. É uma vulgarização e, por conseguinte, uma deformação da realidade, que leva a conclusões falsas e impasses lógicos. A cultura russa foi abrindo seu caminho, vencendo barreiras, que lhe colocavam no caminho os destruidores do pensamento, os arrasadores da poesia, os sufocadores do teatro, da pintura, da música. Direi mais: lutando pelo direito à respiração e à vida, a cultura se fortalecia. Este processo merece estudo: ele mal co-

meçou».

Depois destas excelentes palavras, era de se esperar um livro conseqüente, que relatasse a dolorosa experiência e, ao mesmo tempo, estivesse isento das simplificações e deformações a que o trecho citado alude. Mas não! O travo amargo nem sempre permite conservar a cabeça fria. E o professor seguro de sua matéria, o mestre na teoria e nos livros, tropeça a três por dois quando envereda pelos caminhos difíceis das opções ideológicas.

Parte considerável do volume é dedicada à posição do autor em relação a Soljenitzin. Este não é citada apenas com simpatia, há verdadeira exaltação de sua pessoa. «Homem de uma força de caráter titânica», ele «não conhece fraqueza, nem compromissos». E ao mesmo tempo, Etkind não esconde as suas divergências em relação a algumas posições do escritor. A atitude sem compromissos nem vacilações deste manifesta-se numa exigência de recusa total à participação do intelectual na vida soviética, e isto só pode levar ao isolamento, ao abandono das posições. Segundo Etkind, cada um deve fazer o possível para manter o contato com o público, os cargos na universidade, a penetração nos órgãos de publicação, e conduzir ali a «boa luta, apesar das limitações do meio. Ademais, a importância que Soljenitzin atribui ao espírito religioso, grego-ortodoxo, que seria inerente ao povo russo, é sem dúvida exagerada. Mas tudo isto se diz num tom de discussão delicada, quase pedindo desculpas pela divergência.

O caso, porém, é muito mais grave. Como não reconhecer em Soljenitzin um homem de direita e não se desvincular dele publicamente? O livro foi escrito em agosto-setembro de 1975, quando já estavam mais do que evidentes as posições diréitistas do «profeta». O fato de haver coisas erradas na União Soviética não elimina o perigo que a direita representa em nossos dias. E como é possível um homem já próximo dos sessenta, com uma sólida formação humanística, um estudioso de Brecht, não perceber que sua justa revolta contra injustiças

SR/RIO/ABC E AS OROPAS

Ao contrário do que disse, há poucas semanas a um jornal estudantil de São Paulo, um antigo mestre da imprensa alternativa, a hora não parece ser exatamente da «imprensa institucional». Mas uma leitura posicionista chega às bancas, «Amanhã», uma das dissidências de «Movimento». A outra, organizou-se em torno de «Em Tempo», como se sabe.

«Amanhã» pretende que a crise do regime autoritário coloque em questão novas necessidades para a imprensa crítica. Não bastam as denúncias das arbitrariedades. O debate das diferenças posições (que se reconheçam) é condição para a construção de uma frente democrática.

O primeiro número de «Amanhã» é forte e articulado — e cheio de demonstrações de que um peso pesado entrou no ringue.

«Repórter» é um mensário do Rio, «Hora H» um semanário do ABC. «Repórter» faz um jornalista de denúncias, «Hora H» procura uma linguagem popular. «Beijo» é outro jornal do Rio. Embora, às vezes, pareça de Paris. Sua fórmula: a seção cultural de «Opinião» multiplicada por 24 páginas.

O CRUZEIRO

Ressuscitar defuntos é um milagre que nem sempre dá certo. Defuntos superados, retrógrafos, não se adaptam aos tempos em que são ressuscitados.

A revista «O Cruzeiro», que foi muito importante e morreu de arteriosclerose, de velhice precoce, nos seus últimos tempos estava condenada às salas de espera de dentistas, já está morta há tempos — seu estilo não cabe nos tempos atuais — mas não percebeu e continua não dizendo nada em technicolor. Agora «O Cruzeiro» renasce e vai tentar dividir o mercado com a Manchete, passando então a haver mais uma possibilidade de opção também entre as publicações da subimprensa.

— Segundo o *Time*, de Nova York —

No mês de outubro começaram a circular em Vasóvia 1000 exemplares de um jornal clandestino, *Gloz (Voz)*, editado pelo Comitê para a Auto-defesa da sociedade (KSS, sigla em polonês). KSS é a denominação atual do organismo, surgido em setembro de 1976, logo depois das grandes greves de junho, reunindo no Comitê para a Defesa dos Operários (KOR).

A revista inclui um texto denominado «Manifesto do Movimento Democrático», que ataca a desorganização econômica, a decadência da autoridade e a desintegração da sociedade. Tudo isto é atribuído à «usurpação dos direitos dos cidadãos e ao roubo da independência da nação». O manifesto «pela democracia e pela soberania» reclama «liberdade de crença, pensamento, expressão, informação, reunião e trabalho». Especialmente insiste no direito à greve, liberdade sindical, abolição da censura e completa reforma do sistema eleitoral. Uma diferença substancial entre os dissidentes do Leste europeu e da URSS é que enquanto estes exigem respeito às leis do país, aqueles apelam por uma nova legislação. O manifesto do KSS é assinado por 110 poloneses.

e arbitrariedades Kafkianas pode ser usada de uma hora para outra (devido principalmente à ingenuidade com que ela é expressa) pelos que sustentam os francos e pinochês deste mundo? O esquema Kafkiano não funciona apenas em relação ao esteuropeu, mas o emaranhado das relações humanas no Ocidente parece que não é percebido por este recém-chegado de um outro planeta.

Quando um escritor francês alega pela imprensa, a propósito dos dissidentes russos, que, no Ocidente, existem as barreiras econômicas e que o intelectual muitas vezes também não encontra meios de dizer o que pensa, Etkind reconhece a justeza da asserção, mas continua insistindo em que no Leste é pior. Ora, o que sabe ele de nossa vida, da nossa terrível realidade editorial, de nosso sistema universitário, das nossas «máquinas de fazer doido»? Há um provérbio russo que diz: «A camisa da gente está mais próxima do corpo». Por isto, suas concepções sobre a vida ocidental são completamente distorcidas e falhas.

Ora, por que não lembrar que do Ocidente fazem parte países como Chile, Argentina, Paraguai? Por que não pensar um pouco na vida intelectual que é possível nessas terras? E a própria existência em países como a França e a Itália, sobre os quais se fixa o olhar de Etkind, não tem muito a ver com o que acontece nestes outros?

O livro contém um relato das conversas que ele teve na KGB, antes de partir para o Ocidente, e dos momentos aflitivos que viveu, esperando que terminasse o interrogatório de sua filha. Ora, em nenhum momento transparece nesse relato preocupação pela integridade física sua ou de seus familiares. E isto traz inevitavelmente, ao leitor sul-americano, a lembrança de interrogatórios muito mais drásticos, tão comuns em nosso continente.

Está claro que nada disso torna menos terríveis os fatos narrados, mas o paralelo é indispensável para se perceber em que mundo tudo aquilo acontece e para que não se absolutizem aqueles fatos.

Em mais de uma ocasião, o autor lembra com muito carinho a sua formação em Leningrado, onde estudou num ambiente marcado pela presença de figuras como Victor Jirmúnski, Boris Eichenbaum, G.A. Gukóvski, Mikhail Bakhtin, Victor Chklóvski, etc. e onde teve a possibilidade de desenvolver sua capacidade teórica. Algumas dessas figuras foram até seus professores e ele reconhece agradecido a sua dívida com eles. Lendo-se isto, não se pode deixar de pensar nas dificuldades que enfrentam os nossos estudantes, trabalhando oito a nove horas por dia para estudar de noite e fazendo sacrifícios tremendos para ir à universidade e receber o pouco que esta lhes pode dar. Depois disso, é possível continuar afirmando que o problema das dificuldades econômicas é secundário, em comparação com os enfrentados no Leste?

Deve-se reconhecer a favor de Etkind: o volume está marcada por um tom de conversa franca, que predispõe à confiança nos fatos narrados. Mas aqui e ali não deixa de haver certa generalização e linearidade, características que ele pretendia evitar, a julgar pelo que afirma nas primeiras páginas.

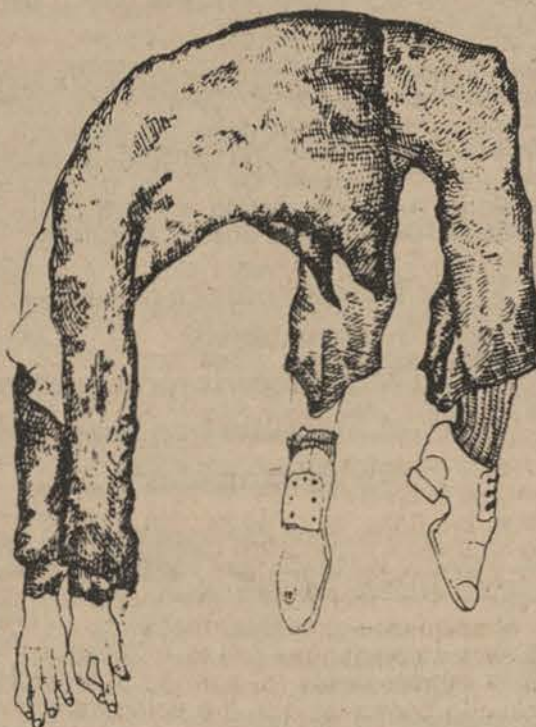
Aí vai um exemplo. Em relação ao turismo na Rússia, diz o autor que o turista só passa pelas ruas centrais, só vê o que está exposto nas principais lojas, só compra nas lojas especializadas e que vendem em moeda estrangeira, e não percebe o que se passa com a população. Ora, semelhante quadro só é verdadeiro em relação ao turista que não domina a língua e se vê obrigado a andar em grupo e com intérprete. Quando se conhece a língua do país, vai-se onde se quer, apenas com a restrição de pernoitar nas cidades onde existe hotel da Inturist (e que não são poucas). Na base de experiência pessoal, posso dizer que a formulação do autor sobre o assunto é pelo menos infeliz e acaba caindo justamente na generalização que pretendia evitar.

Mas o mais grave certamente é a desorientação que demonstra ao tratar de fatos políticos. Soljenitzin é, pelo menos, um reacionário consequente, um homem que fez a sua opção, e que atua de acordo com as suas convicções. Etkind vai ora para um lado, ora para outro, vacilante, indeciso, atordoado. Ao referir-se à sua atuação na União Soviética, reconhece frequentemente que se tratava de ação política. Em outras passagens, porém, afirma-se apolítico e parece voltar-se contra o excesso de ideologia no mundo de hoje.

Ela cita com indignação fatos que demonstram a ocorrência de espírito anti-semita na União Soviética, mas depois vai encontrar o anti-semitismo soberano em círculos de russos emigrados. Os mesmos órgãos de imprensa que acolhem ansiosos a colaboração literária dos que deixam a União Soviética, publicam pasquinadas racistas indignas. Que fazer? Sem aparentar maior identidade com o judaísmo, Etkind se apega à afirmação de que será judeu enquanto existir anti-semitismo no mundo e apresenta como ideal de grandeza humana a filha do grande compositor Scriábin, Ariadna, pertencente à nobreza russa, e que nos anos da ocupação nazista assumiu o nome de Sara e morreu num campo de concentração. Aparentemente, seu ideal de grandeza é um ideal de renúncia, de pureza moral.

Como não ligar o anti-semitismo que ele encontrou entre os russos no exterior com o velho direitismo russo, precursor do nazismo? E sobretudo, como não tirar conclusões um pouco mais fundamentadas politicamente, a partir da sua experiência?

Em 1932, em face da expansão da direita, Górkí perguntava aos intelectuais do Ocidente: «Com quem estão vocês, mestres da cultura?» Não é o caso de se fazer a mesma pergunta aos que deixam agora a União Soviética e têm diante de si opções de cuja complexidade eles, segundo parece, não suspeitavam sequer?



Clarice Lispector

Esta entrevista é um momento raro do jornalismo e da literatura. Clarice Lispector, a grande escritora que morreu no começo de dezembro, e que não gostava de falar, sendo entrevistada, no começo de 76, por nosso companheiro **Eric Nepomuceno**, texto inédito no Brasil.



“Mamãe porque voce não escreve uma história para a gente?”

Eela começou a escrever histórias infantis”.

«Foi na época em que vivíamos em Washington. Uma tarde, eu trabalhava enquanto meus filhos brincavam ao meu lado, como sempre. Escrevia com a máquina no colo e eles ali em volta. Então, um deles pediu: Mamãe, por que você não conta uma estória? Por que você não escreve uma estória para a gente?»

Nunca tinha me passado pela cabeça escrever uma história para crianças. Aquela foi a primeira: «O mistério do coelho pensante». Era um conto policial para crianças, escrito em inglês. Os garotos falavam inglês e eu queria que eles aprendessem bem a língua do lugar em que vivíamos, e esse lugar era Washington.

É uma mulher solitária, que tem pavor do fogo. Há alguns anos sofreu um acidente terrível: dormiu com o cigarro aceso. Os lençóis se incendiaram. O fogo deixou suas marcas no corpo e uma mão mutilada. Não gosta de lembrar. O fogo a apavora. Mas, quando se sente muito deprimida, escolhe a roupa com cuidado, se veste especialmente bem. E acende uma grande vela colorida e fica olhando sua chama. É uma mulher estranha. Tem um ar muito misterioso. Diz que é uma pessoa simples.

O cachorro tem um hábito raro: comer os restos dos cigarros. Há quem diga que o cachorro fuma. O visitante esquece o cigarro aceso no cinzeiro, vem o cachorro e o agarra. Clarice está sempre advertindo: cuidado com o cigarro aceso, por causa do cachorro.

O apartamento é amplo e confortável. Ela explica: «Foi um golpe de sorte. O edifício acabava de ser construído e o dono deste apartamento concordou em trocá-lo pelo que eu tinha até então, que era muito menor. Ele queria um apartamento menor que este. Trocamos. Duro foi, depois, pagar a diferença. Ninguém vive de literatura nessa terra».

Seu rosto estranho, anguloso, como talhado, foi retratado por muitos pintores importantes no Brasil e fora dele. Carlos Scliar tem uma ampla série de desenhos do rosto de Clarice. Portinari fez seu retrato a óleo. O italiano Di Chirico, em 1949, quando Clarice esteve na Itália, desenhou seu rosto.

Anota tudo em pequenos pedaços de papel, ou em alguns cadernos. A partir dessas anotações fragmentadas, reunidas ao longo dos anos, ela vai construindo seus livros. Tem pavor do fogo e da idéia de não tornar a escrever. «Você percebe o que é não poder escrever mais?»

Não digo este livro que estou escrevendo há tempos, digo não escrever mais, nunca mais».

«Outro dia fui ao correio. Nem lembro mais para quê. A mocinha que me atendeu, depois de conferir nome e endereço, perguntou: Clarice Lispector, a escritora? Puxa, que sorte conhecê-la...»

Isso me pareceu terrível. Me assusta a possibilidade de me transformar em uma pessoa... como dizer?... pública».

O apartamento no bairro do Leme, no Rio de Janeiro, tem uma sala ampla, confortável, luminosa, e suas paredes estão repletas de quadros. O visitante é recebido por uma Clarice retraída e por um cachorro exaltado. A mulher cautelosa, desconfiada, é autora de mais de 14 livros publicados. Alguns são considerados peças fundamentais na literatura contemporânea da língua portuguesa. Não há um só de seus livros que não seja chamado, pelo menos, de bom.

Uma mulher estranha, desconfiada, que ao falar mescla vestígios de algum idioma impreciso (ela nasceu na Ucrânia) com o acento modulado no nordeste brasileiro: quando tinha dois meses foi levada para o Recife, onde viveu até os doze anos. Depois foi para o Rio, onde vive até hoje. No tempo entre o Recife e o Rio, passou longas temporadas na Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Em todos esses países esteve com seu marido, um diplomata, do qual está hoje separada. Não conta nada de sua vida privada. Diz apenas que tem dois filhos grandes, Pedro e Paulo. Um vive com o pai, o outro com ela.

Hoje, apesar de todo seu medo em converter-se numa pessoa pública, Clarice é obrigada a aceitar sua singular posição na literatura de idioma português. Trabalha também - e trabalha muito - como tradutora. De vez em quando faz, para algum jornal ou revista, amplas séries de entrevistas. Diz que vive desses trabalhos.



“Não me parece estranho o que escrevo.

Me parece surpreendente.

A literatura que importa é a dos apoixonados”.

— *Todo mundo sabe que você não relê seus livros. Fala-se, inclusive, que você não esconde um certo desprezo por eles. É verdade?*

— Mais ou menos. O que sinto é que um livro, uma vez terminado, passa a ter vida própria. É como o filhote de um animal. A realização do livro, seja qual for seu conteúdo - um conto, ou uma novela - sempre é algo doloroso. Um processo angustiante. Terminado esse sofrimento, ou seja, consumado o parto, quero que

o livro saia por aí, que se arranje. Não burilo o estilo, não retoco nada.

— *Quais são as condições que você acha ideais para escrever?*

Entre seus livros há relatos para crianças, originalmente escritos para seus dois filhos.

Além disso, há também crônicas, novelas, narrações, entrevistas, contos. Segundo os entendidos, é o conto que ela maneja com rara, excepcional maestria.

— *Se com isso de condições ideais você quer dizer paz de espírito, tranquilidade material, sossego, devo dizer que para mim tudo isso é uma grande mentira. Não há condições ideais para escrever. No meu caso particular, começo um relato qualquer e termino completamente tomada por ele. Ai começa o processo, que para mim é muito penoso. Há um detalhe: esse processo se desenvolve ali, naquele sofá, onde sento com a máquina de escrever sobre os joelhos. Assim escrevo sempre, com a máquina de escrever sobre os joelhos. Quando meus filhos eram pequenos, escrevia enquanto cuidava deles, ou seja, com os dois pulando à minha volta. Sempre quis evitar que eles tivessem de mim a imagem de «mãe escritora». Escrevi, então, perto deles, tratando de não me isolar. É fácil imaginar o que isso significava: interrupções a cada instante, um que vinha pedir uma estória, outro que vinha com perguntas loucas, típicas dos garotos. Assim eu trabalho. As condições ideais estão dentro de cada um.*

— *Essa atitude que você assumiu em relação aos seus filhos, ou seja, a decisão de rejeitar a imagem da «mãe escritora», se estendeu ao mundo em geral? Quero dizer: você se nega, e se negou sempre em termos mais ou menos enérgicos, a assumir a posição da «mulher escritora». Por que?*

— Sempre rejeitei e evitei os chamados «meios intelectuais». Tenho amigos escritores que, em primeiro lugar, são amigos, e depois, escritores. Nunca me aproximei de ninguém pelo fato de que, como eu, escrevesse. Sinto repulsa pelo mundo superficial dos literatos, não me misturo com eles. Sou uma pessoa, amiga de outras pessoas. E há outra coisa que eu quero dizer: escrever, para mim, é uma coisa natural, embora extremamente angustiante e difícil. Sou uma mulher que escreve, porque para mim escrever é como respirar, necessário para sobreviver. Talvez por causa disso não goste de falar sobre meus livros. O que eu tinha de dizer está neles, e foi tão difícil escrevê-los...

Muita gente diz que você é uma escritora

«complicada». Como reage, frente a este tipo de observação?

— Muita gente veio me dizer: «que lindo aquele seu livro, mas que complicado! O que você quis dizer com tal frase, ou com aquela imagem?»

Eu sempre respondo com outra pergunta: «O que foi que você entendeu?» Não creio nem em soluções, nem em explicações absolutas. Acredito, isso sim, a interpretação de cada leitor. Na minha opinião, um livro - ou um quadro, uma



“Segundo os entendidos, é o conto que maneja com rara, excepcional maestria... Ela fêz histórias infantis”.

melodia, um filme - não pode, não deve passar despercebido. Eu quero que cada um entre no relato, no conflito. E que a partir de então, encare de um modo pessoal o que eu escrevi à minha maneira. Dá para entender?

— E o que acontece quando alguém dá um sentido diferente, até mesmo contrário, ao que você pretendia dizer?

— Isso é normal, acontece sempre.

— E você, como encara?

— Acho que está certo. Cada um tem que dar a interpretação que quiser. Cada um pode e deve entender as coisas à sua maneira. Ainda há pouco eu disse que há pessoas que vêm me dizer que algum livro meu é bonito, mas complicado. Mas, também existe muita gente que se aproxima para dizer que simplesmente não entendeu nada, ou que tudo pareceu demasiado confuso. A essa gente eu peço uma segunda leitura. Costuma acontecer que, passado algum tempo, alguém volte a um livro e veja tudo diferente. Porque as pessoas mudam, não é mesmo?

— Seus livros vendem muito?

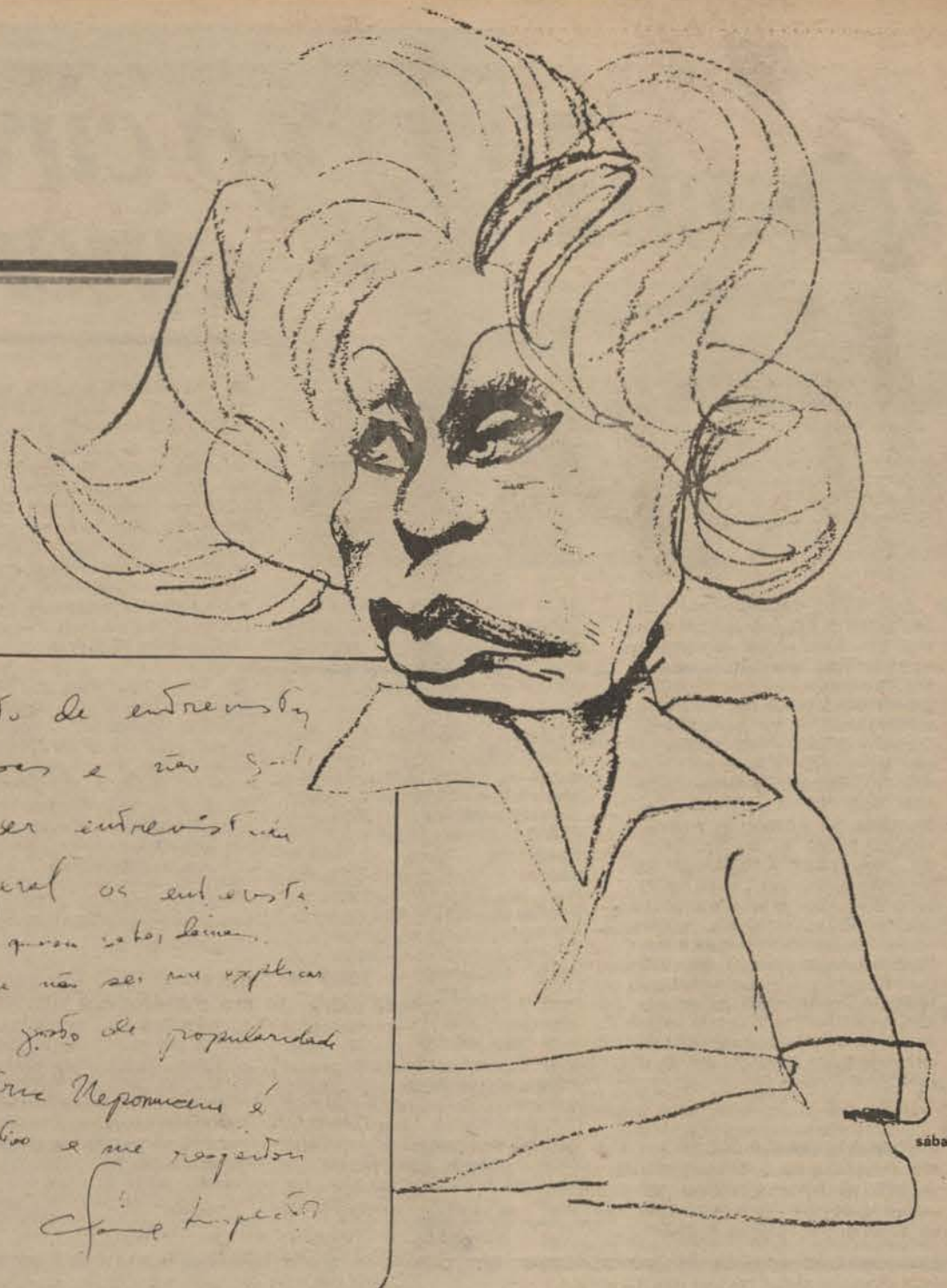
— Não sei, não entendo nada desse assunto. A venda dos meus livros não me preocupa muito. Já disse: quando termino um livro, entrego os originais ao editor e pronto. Sou como uma mãe animal, os livros são meus filhotes, logo me esqueço deles. Alguns editores insistem constantemente e em que devo publicar livros. Ando cansada dos livros, cansada de escrever, não quero pressões, datas, não quero nada disso.

— E seus livros fora do Brasil, como andam?

— Não sei. As vezes chega algum recorte de crítica. Quisera poder seguir de perto as traduções, porque esse me parece um ponto delicado. Soube de algumas críticas sobre alguns de meus livros que apontavam graves defeitos de tradução. Mas isso, claro, não pode ser generalizado. Acho bom ser lida em outros idiomas, fora do Brasil, mas nunca pensei muito no assunto.

— Como todo esse desprezo que você sente por seu livros, acho desnecessário perguntar se tem preferência por algum, em especial...

— É claro que gosto de meus livros, e muito. Acontece que não os releio nunca. São uma coisa acabada. De vez em quando me lembro de



*Conto de entrevistas
pernas e não gost
de ser entrevistada
Em geral os entrevista-
dores querem saber coisas
e eu não sei me explicar
É um jogo de popularidade
Mas Eric Nepomuceno é
simpático e me respeita
Clare Lispector*

um ou outro conto. Lembro, às vezes, até mesmo de longos parágrafos, na íntegra. Mas não fico nisso. Não analiso, não reavalio, não fomento em mim orgulhos falsos. É isso: não estou apaixonada pelo que escrevi.

— Sei que você está escrevendo. O quê?

— Nunca falo do que estou escrevendo. Ao contrário de alguns escritores amigos, que, ao falar, amudecem a coisa, se eu falar do que estou escrevendo, não posso depois continuar.

— Em termos de corrente literária, como você classificaria seus livros?



“Seu rosto estranho, anguloso, como que talhado, foi retratado por muitos pintores importantes”...

— Escute: eu só me considero escritora no momento exato em que estou escrevendo. Fora disso, não me senti nunca obrigada a pertencer a uma escola ou a estar em dia com determinadas obras.

— Você lê pouco?

— Depende. Atualmente, estou cansada de literatura. Cansada de livros.

— Deixando de lado as correntes literárias, você estaria de acordo, no que diz respeito à sua obra, em reconhecer que ela é, digamos, estranha?

— Não, não me parece estranho o que escrevo. Acho, isso sim, que é surpreendente. Não entendo como, com essa minha indomável impaciência, com esta inquietude selvagem que tenho, possa produzir 400 páginas de prosa. O trabalho, para mim, está feito de esperas. O trabalho maior é esperar. Uma pessoa acaba aprendendo a viver de suas esperas.

— A literatura é importante?

— Sim. Mas não a literatura dos literatos, e sim a dos amadores, dos apaixonados. Eu me considero amadora. Os literatos são os de fraque e cartola. Os outros, os que não são intelectuais, são os que têm a magia. Me considero amadora porque não sei escrever por obrigação. Só consigo escrever por inspiração. Odeio a popularidade, é algo pernicioso para os escritores.

— Como você trabalha?

— Para escrever, necessito me abstrair de tudo. Quando escrevo não penso em ninguém, nem mesmo em mim. A única coisa que me preocupa é captar a realidade íntima das coisas e a magia do momento. Minhas novelas e meus contos vêm aos pedaços, anotações sobre personagens, o tema, o cenário, que depois vou ordenando, mas que nascem de uma realidade interior vivida ou imaginada, mas sempre muito pessoal. Não me preocupo nunca com a estrutura da obra. A única estrutura que admito é a estrutura óssea.

(Crisis, número 39 - julho 1976)

O circo cinematográfico



● Fui muito criticado por um depoimento dado ao jornal Movimento. Vejo com amargura que o cinema brasileiro, que aos quatro ventos anuncia o «milagre» industrial, é na verdade, ainda uma tribo em frangalhos. Ou se reza pelo mesmo catecismo: submissão a otoridade, filmes «comerciais», sorriso Colgate nos dentes postiços, adulações no Antonio's, assinatura do ponto de Sol de Ipanema, reverências à futilidade no Meridian ou no caso de se negar tudo isso, você é logo marginalizado, tido com louco, fulminado, esquartejado. Agora a moda é bajular os bagos de qualquer tipo de ordem e, permanentemente, reverenciar a repressão, pois já não somos mais estudantes. Em outros tempos isso seria traição... E agora?????

● - Anselmo Serrat documentou em 16mm o show que o Milton Nascimento deu em sua cidadezinha de Minas. Segundo as pessoas que já viram o copião, garantem que o material é de pri-

meira qualidade. O cinema e a musicalidade do nosso povo têm muito em comum. Não se sabe porque ainda não pintou um grande filme musical.

● - Agora o «negócio» é o filme POPULAR... Ninguém sabe o que é isso, mas tá todo mundo arrotando o popular como meta. Se está achando que colocar o POVO baixando santo na frente da câmara ou filmar um literato circense é fazer cinema popular. Isso, pra mim, é manipulação errônea da REALIDADE do povo. É o POPULISMO não assumido, 30 anos depois. É o Sol de Ipanema, analisando o porquê do

lrajá!!!... Realmente é uma pobreza quer limitar o real a uma pequena afirmação pessoal. É preciso se dar um pouco mais de atenção ao significado do cinema, para que ele não seja reduzido a uma falsa PARTICIPAÇÃO política, quando na verdade o que se está fazendo é enriquecer ainda mais três ou quatro gangsters fantasiando o povo de palhaço.

● Wladimir Carvalho roda um longa documental sobre Brasília. O que é o capital do Brasil como fenômeno urbano como espaço político, como formação e também como ideologia???? É preciso não esquecer que sobre o mesmo tema, Joaquim Pedro fez um bellissimo documentário chamado, «se não se enganar» «Brasília: Contradições De Uma Cidade Nova». Esperemos pelo trabalho do Wladimir, que oficialmente é um dos nossos mais atuantes cineastas e que já nos deu documentos da maior importância como «A Pedra Da Riqueza».

● Nesse momento, que o Brasil tenta se tornar um real estado democrático, não se justifica se manter interditado filmes da importância de «Pais De São Saruê». «A suntuosa Das Américas», «Sem Essa Aranha», «Família do Barulho» e muitos outros. Nesta retomada das veias democráticas, do diálogo público, da liberdade como palavra de ordem, também o CINEMA precisa, organicamente, participar desta abertura. E também é essa abertura que poderá possibilitar o surgimento de novos cineastas. Hoje, para o Brasil, isso é uma necessidade.

● É importante que o exibidor entenda que o cinema brasileiro, pouco a pouco conquista o seu mercado. E nessa conquista de mercado, automaticamente o exibidor também é beneficiado. Sinceramente, eu acho que se pode dar um tratamento mais sério ao nosso cinema e ao mesmo tempo desejá-lo como discurso. Eu não sou contra os filmes de Losey, Pasolini ou Godardmas ocorre que o que vem pra cá é lixo. É cá entre nós, não seria uma boa ajudarmos na formação cultural de um povo desejoso de SABER!!!..

● Num contosto de contradições como o nosso, nota-se que a repressão é muito mais desejada que a Constituinte, Liberdades Democráticas ou o que seja. Digo isso pois acho muito curiosa a posição de TODOS os pensadores em relação aos quatro filmes, estupidamente interditados na mordomia afrontosa do festival de Brasília de 1977. Fora a ABRACI, individualmente, ninguém mais se manifestou, favoravelmente, a uma luta aberta contra a censura, o que de certo modo me faz crer que essa aliança com a repressão, repressão esta que procura negar terminantemente a função social e política do cinema, possibilitará a todos, uma posiçãozinha de destaque nos quadros oficiais de alguma escola de samba, ou algum financiamento de um milhão de dólares. Quer dizer, em função de uma lasquinha pobreza, se trai coletivamente uma velha luta pela liberdade de expressão... S.O.S... S.O.S... S.O.S... S.O.S...

● 1977 foi para todos, um ano de EXTREMA dificuldade. Sobrevivemos, pois já estamos na tripé via coruja, vendo mesmo na mais profunda escuridão histórica. O novo ano se aproxima, e tradicionalmente se espera uma melhora para todos. Da minha parte, eu gostaria que essa melhora fosse uma constante no dia a dia de todos nós. Assim sendo, aproveito a oportunidade para desejar a todos os amigos: cineastas, público e leitores um 78 cheio de Paz, de trabalho produtivo não alienante, de criatividade, de desejo de paixão e de filmes mais significativos, para a nossa REFLEXÃO sobre a condição do ser faminto e antropófago, poeta e delirante, atuado e atuante...

A GUERRA DOS ESFARRAPADOS

José J. Veiga

Com as bolhas de sabão que as crianças de antigamente sopravam para se distrair, literatura não faz mal a ninguém. O que se pode discutir é se faz algum bem. Não faz mal? E os «livros que abalaram o mundo»? Falo de literatura de ficção, que é a minha especialidade, mas se houve mesmo algum livro que abalou o mundo, o abalo certamente foi causado não pelo livro, mas pelas revelações ou verdades nele contidas. O que faz bem ou mal são as verdades da vida quando vêm à toa depois de ocultadas por muito tempo.

Meu pai, homem admirável e meu exemplo em muitas coisas, achava que literatura faz mal, e para não aborrecê-lo eu tinha o cuidado de evitar que ele me apanhasse lendo. Que ele estava errado, eu tinha certeza. Ler, mesmo escondido, me fez muito bem, abriu-se as portas de um mundo grandioso e fez de mim um escritor. E isso foi bom? Claro que foi. Se eu não fosse escritor, nem quero pensar o que seria de mim.

Então todo mundo deve ser escritor? Não. Só aqueles que têm vocação e muita vontade, para não falar em talento, que não é fácil de avaliar. Basta que os escritores escrevam, que os leitores leiam e que os outros não atrapalhem. É como cabelo comprido ou chimarrão: quem gostar, use mas não imponha; quem não gostar, recuse mas respeite.

Um dos grandes problemas do mundo é justamente esse: os que não gostam de uma coisa fazem guerra aos que gostam. Por que essa guerra? Só pode ser por medo. Medo pueril, porque no mundo há lugar para

todos e ainda sobra para os filhos. No caso da literatura, o medo se torna totalmente injustificado. A comparação com bolhas de sabão não é forçada. Literatura é um jogo de armar feito com palavras. Uma vez armadas as palavras e soltas por aí, duram um rápido momento e se desfazem. Se quem as armou tiver sorte, deixam no ar por um instante mais os contornos de uma imagem, uma vaga lembrança.

Ter medo de literatura, ou de qualquer outra coisa inofensiva, é sinal de desconcerto psicológico. Numa cidadezinha do interior havia uma velha cajazeira no largo, pessoa alegre se reuniam debaixo dela para conversar e rir. Um dia o prefeito, que não gostava de rir nem de ouvir risadas, mandou derrubar a cajazeira «para acabar com aquela pouca-vergonha». É o caso também dos moralistas que ficam indignados e agressivos quando vêem namorados se beijando.

É, mas há livros perigosos, que podem até levar ao suicídio. Olhe o caso do Werther. Será? Se alguém se matou depois de ler o Werther é porque já estava a fim de, e procurava um pretexto. E alguém já contou o número de pessoas que se salvaram disso ou daquilo com a ajuda de um livro? Condenar livros pela suposição de que possam causar males psicológicos, morais ou sociais é manobra diversionista. Há no mundo muita coisa que causa males horrendos, e no entanto são aceitas como inevitáveis. Exemplos: pobreza; fome; ignorância; injustiça. A situação do escritor no Brasil já é muito difícil para que ainda o venham acusar de agente do mal.

É difícil mais vai melhorar, dizem alguns. Está aí a explosão literária-editorial, vem aí a distensão política. É mesmo? Meu sismógrafo ainda não captou nenhum sinal de explosão nessa área. Por enquanto o que vejo é edições modestas para uma população de mais de cem milhões, é escritores sem editor, é o número de livrarias diminuindo em vez de aumentar, é escritores importantes sendo obrigados a passar sete, oito horas por dia em outra atividade para poder sobreviver, é bibliotecas (as poucas que existem) sem verbas para comprar livros, quando se sabe que nas grandes



nações as bibliotecas são os maiores clientes das editoras.

Quanto à distensão política, se vier, vai melhorar o moral do cidadão, o que já não será pouco; mas as dificuldades dos escritores continuarão. É claro que como cidadão prefiro viver em um regime de liberdade. Toda ditadura é degradante. Mas como escritor, já sou livre por natureza. Pretensioso? Pode ser, mas é assim que sinto.

José J. Veiga é um dos melhores escritores brasileiros. Autor, entre outros, de «A Hora dos Ruminantes» e «A Sombra dos Reis Barbudos.»

fogo pagu



Patrícia Galvão. Nome-de-guerra: PAGU. Quem já ouviu falar dessa mulher — «musa trágica da Revolução», no dizer de Drummond —, que fez sua primeira aparição pública aos 18 anos de idade, integrada à ala antropofágica do Modernismo de 22, sob o comando do guerrilheiro cultural Oswald de Andrade? E que continuou o trabalho em *O Homem do Povo* — tablóide panfletário que montou com Oswald. «Imprensa nânica» em 1931, que seria empastelada pelos estudantes de Direito do largo São Francisco. Nas páginas do jornal, Pagu se tornaria a primeira mulher, entre nós, a criticar o «feminismo» em nome do materialismo histórico. Não é que desconsiderasse as reivindicações das mulheres, pelo contrário. Mas identificava um desvio na perspectiva «feminista», incapaz de vincular sua ação a uma prática transformadora global. As «feministas» eram malthusianas, dizia ela, e Marx já passara um sabão no celibatário Mathus. De resto, Pagu foi responsável pela conversão de Oswald ao marxismo, ambos trataram o assunto em suas obras literárias. Pagu retratou Oswald em Alfredo Rocha, personagem de *Parque Industrial* («o primeiro romance proletário brasileiro», diria João Ribeiro), livro que lançou em 1933, sob o pseudônimo de Mara Lobo. Oswald aparece aí como o burguês que lia Marx, confortavelmente instalado no Hotel Esplanada. Em *A Escada* (1934), Oswald retrubuiria, encarnando Pagu em Mongol, a mulher que ensina Jorge d'Alvellos (*alter ego* de Oswald) a «descobrir exatos caminhos revolucionários».

Por que, repito, o rastro brilhante da trajetória dessa mulher, talvez a

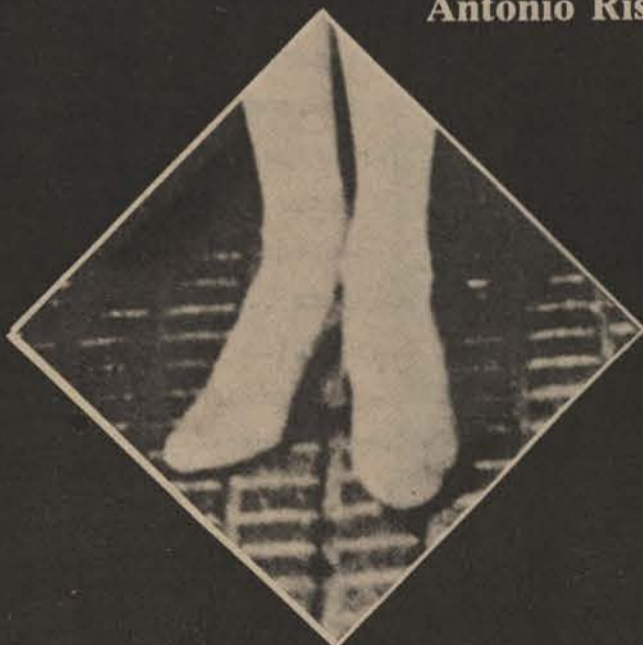
personagem feminina mais fascinante da vida brasileira, neste século, está na própria vida de Pagu. Mas, seja como for, já é tempo de recuperar sua imagem. Quando nada, porque ela está viva por aí.

Tudo começou em 1928, ano da *Antropofagia*, projeto geral de cultura e arte que resultou na formulação de uma utopia literária, tentando, antecipadamente, uma aproximação de Marx e Freud. Além de estampar trabalhos seus na revista do movimento, compôs, nessa época, o livro *60 poemas Censurados*, dedicados ao chefe da censura cinematográfica de então, e o *Album de Pagu*, textos e desenhos de uma arte «árgil e cândida», roteiro sintético de uma adolescência cheia de amor e humor, onde a sensualidade se manifesta espontânea e livremente. O ambiente «antropofágico» marcaria Pagu para sempre, sobrevivendo na prática marxista posterior. Daí que ela tenha sido essa coisa rara no Brasil que é o revolucionário em política ser revolucionário em estética (tema que estaria no centro do discurso de Caetano Veloso em «É Proibido Proibir»). E o que é mais: na prática cotidiana da vida. Por tudo isso, Pagu está a meio caminho entre Maria Bonita e Tarjilla do Amaral. Como a primeira, experimentou o engajamento em ações práticas (Pagu foi a primeira presa política do país; integrou a *jeunesse communiste* do PCF; presa, na França, como militante estrangeira, foi deportada; mal chegou no Brasil e se envolveu com o movimento rebelde de 1935, pagando seu engajamento com cinco anos de prisão; candidatou-se, em 1950, pelo PSB, à Assembleia Legislativa de São Paulo). Como a segunda, que revolucionou as artes visuais brasileiras, sempre

teve uma disposição contestadora no campo da arte e da cultura. Entre outras coisas, foi voz solitária e lúcida na crítica virulenta à «Geração de 45», quando os críticos mais influentes na época, inclusive Tristão de Ataide, saudaram o «neomodernismo». Naquele momento, Pagu previu e afirmou que a nova poesia brasileira nasceria da retomada do diálogo com 22, especialmente Oswald, no que seria confirmada pelos fatos, da poesia concreta ao tropicalismo. O ano de 1967 que o diga. E muitas outras coisas mais. Pagu fez jornalismo, suplemento literário de jornal, romance (*A Famosa Revista*, 1945, parceria com Geraldo Ferraz um retrato da decomposição ética e política do partido stalinista), teatro (escreveu sobre Artaud, traduziu Ionesco, montou, pela primeira vez no Brasil, *Arrabal*), etc. Seu panfleto eleitoral, *Verdade & Liberdade*, é um dos documentos mais impressionantes da história política brasileira (O PCB fez de mim gato e sapato, diz ela, atacando direitistas e a «esquerda totalitária»).

Morreu, em 1962, depois de muito pintar e bordar. Seis anos após sua morte, em 1968, dois fatos a deixariam maravilhada. No campo da arte, no tropicalismo, Gal Costa, descabelada e colorida, dançando sensualmente e cantando como nunca antes uma mulher alguma cantou na música brasileira. Na política, um dado inédito: a participação massiva de mulheres jovens, altamente politizadas, no Congresso da UNE, em Ibiúna. Essas moças, que discutiam e decidiam as diretrizes do movimento estudantil brasileiro descendiam em linha direta, embora não o soubessem, de Pagu.

Antônio Risério



balanço

Jacob Klintowitz

Uma maneira de observar 1977 seria a de considerar o ano pela sua possibilidade criativa. Desse ponto de vista foi um massacre. A idéia de uma criatividade doméstica foi a tônica. O país gastou-se em forças verbais, locais e divulgação com uma Bienal que — é estranho! — pretendeu qualificar e organizar a criatividade. Até o ar — a criatividade foi estabelecido. Qualquer obra deveria ser posterior ao ano de 1972... Antes não houve criatividade... ou tratou-se de uma criatividade antiga, envelhecida, morta. Quem decretou isso? A Bienal. Ora, direis, a Bienal...

Foi um acontecimento marcante. Nunca a ignorância e o despreparo estiveram tão ousados e a serviço das coisas oficiais e, afinal de contas, usaram com tão desmedido orgulho e empáfia o nosso dinheiro, os bens públicos. Por que a criatividade é tão importante a ponto de ser possível, na minha opinião, pensar o ano apenas por esse ângulo?

Em 1950 foi considerado como o principal motivo a vitória aliada na 2ª guerra mundial. Acreditou-se, e é opinião que persiste, que a criatividade foi fundamental no resultado da guerra. A ciência a tem como mola mestra. Na arte nem é preciso comentar, pois é seu reduto tradicional. A sociologia mais avançada estuda as possibilidades de sobrevivência de uma sociedade que reprime a criatividade. Ou que a sufoca sob a forma de especializações. O homem especializado não toma decisões, cumpre um plano. Veja-se, sobre isso, Lucien Goldman. No Brasil, a desesperada necessidade de desenvolvimento e competição num feroz plano internacional, faz com que a necessidade, por seu lado, de criatividade, seja também desesperada. Entretanto, por fatores do conhecimento geral, nem sempre a criatividade tem sido incentivada. Aliás é necessário que se saiba que as características básicas da criatividade são fluência, pensamento divergente e originalidade.

A criatividade não dispensa a dúvida e a pergunta. Como não dispensa a capacidade crítica.

Como catalogar a criatividade em algumas propostas de «vanguarda» estabelecidas e importadas pelos grandes centros internacionais de arte e pensamento estético?

Em compensação, se encarmos o ano visual pelo ponto de vista mercadológico, teremos uma confirmação: nunca tão poucos ganharam tanto de multos... as publicações sucederam-se em ricos álbuns desportivos de pensamento e plenos de louvações reglamente pagas. Foi uma pena para a inteligência. A palavra, suporte do pensamento e da filosofia, esteve a serviço de simples louvadores. Álbuns ricos, fotolitos em até 8 cores, fartas ilustrações, tudo com o objetivo de conferir dignidade, curriculum e bibliografia para maior facilidade mercadológica... é claro que a arte e a criatividade nada têm a ver com esse esquema de compra e venda.

Mas houve um grande e maravilhoso livro *Da Cor a Cor Inexistente*, de Israel Pedrosa, reorganizou as idéias sobre cor, repensou todas as grandes teorias e foi capaz, pelo seu lado, de ousar avançar teses e pensamentos. Na minha opinião o maior acontecimento cultural brasileiro. Com um defeito, entretanto: mal distribuído e a um preço de Cr\$ 1.950,00. Caro, não é?

Para 1978, o que se espera?

Que atendendo as necessidades nacionais se pense em criatividade. E, para isso, haverá a obrigatória troca de homens e idéias em órgãos públicos. E nos organismos que lidam com a cultura.

E que seja pensado o assunto arte-nacionalismo, retirando-o do arrivista terreno onde está. Esse perigoso terreno do separatismo cultural, do ufanismo, do regionalismo pobre, e o elogio baratos. As complexas relações que se estabelecem na cultura não estão restritas a esses pobres e mal informados pensamentos, vereda adiantada para o dirigismo cultural. Uma das mais tristes memórias desse século, como bem podem nos lembrar, entre outros, Mussolini, Hitler, Stalin.

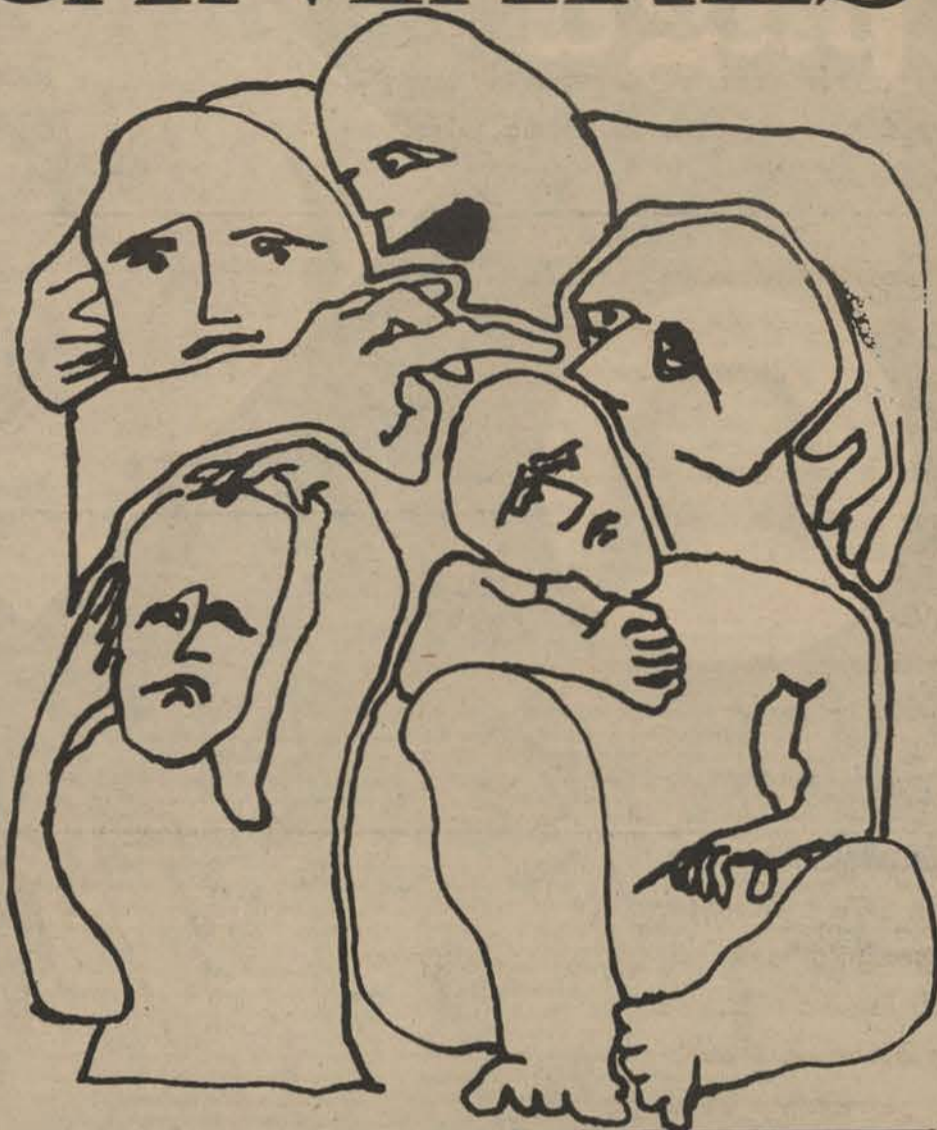
CANTARES

De ...ês anos para cá, nota-se uma presença mais acentuada da poesia em nosso panorama cultural, tanto no que diz respeito à produção e edição, quanto ao interesse por parte do público. São indícios deste fenômeno, entre outros, o sucesso editorial da antologia *26 Poetas Hoje*; a intensa circulação de edições vendidas de mão em mão, como as da *Nuvem Cigana*, no Rio de Janeiro (paralelamente a toda uma série de manifestações e discussões em torno de uma «poesia marginal» que estaria surgindo); as 15.000 pessoas que compareceram à Feira de Poesia e Arte, no Municipal; demais feiras, debates, leituras, etc. que aconteceram neste meio tempo, inclusive as homenagens a Lorca (no calçadão da (tapetininga) e a Neruda (no Largo de São Francisco). Para que não se sociologize o fenômeno em excesso, enquadrando-o como manifestações de uma faixa «jovem», «novíssima», marginal, de vanguarda, etc. cabe lembrar o ingresso na condição de best-sellers do *Poema Sujo* e da *Antologia Poética* de Ferreira Gullar, e um aumento geral da venda de obras poéticas, além do aparecimento de livrarias especializadas no assunto, como a Lorca e a Chris em São Paulo, e a Muro, no Rio de Janeiro.

Esta volta à cena da poesia não é gratuita ou casual. Insere-se em um processo mais amplo, de reestruturação de setores da sociedade civil brasileira, buscando meios de manifestar-se, reivindicando seu direito à participação nas decisões que lhes dizem respeito, defendendo a instauração de uma sociedade mais justa e um regime plenamente democrático. A poesia exerce uma função essencial neste contexto, como veículo de crítica e reivindicação, e como exercício da liberdade criadora. Volta-se, conseqüentemente, para a análise do presente, e para a construção do futuro. Torna-se, acima de tudo, campo de recuperação da linguagem, empobrecida e cerceada por tantos anos consecutivos de uma política educacional tecnocrática e castradora, de uma censura que tenta abarcar todas as formas e setores da nossa vida cultural, pelo jargão mecanicista desenfreadamente veiculado pela indústria da comunicação de massa, sob forma de apoteose irrestrita do mais irracional consumerismo, e da mais absoluta dependência cultural. Em períodos nos quais a linguagem é objeto de repressão, o poema exerce uma função social, torna-se ferramenta revolucionária, pelo simples fato de ser bom, na medida do seu padrão de qualidade, ao restituir o devido peso e dignidade à palavra.

Versus não poderia deixar de se fazer presente neste «front» poético, por uma simples questão de coerência com suas propostas e com o trabalho desenvolvido desde o seu primeiro número. Conseqüentemente, passa a editar regularmente uma seção dedicada à poesia contemporânea, apresentando uma amostra do que se está produzindo atualmente, além de notícias e comentários. Esta seção se caracterizará pela abertura e representatividade, e incluirá obras e autores de diferentes tendências, estilos e filiações literárias, na medida que tragam algum tipo de contribuição efetiva ao nosso panorama cultural, pela sua autenticidade e qualidade de texto.

Estes critérios devem ficar mais claros a partir da leitura dos textos que estamos apresentando neste número. Paralelamente às diferenças evidentes, a partir de um ponto de vista estritamente literário, tem em comum a reflexão sobre o tempo presente: Renata Pallottini expõe um «insight» do momento atual ao deparar-se com uma ponte interrompida; Roberto Bicelli sintetiza as múltiplas facetas do «diktat» da repressão; Ruy Affonso poetisa as contradições do cotidiano; Affonso Henrique refere-se ao presente, e também ao futuro que tentamos alcançar e construir; J.A.A. Torrano tematiza o tempo de um modo mais amplo, em um nível antológico, mostrando-o como um animal mitológico que nos carrega à revelia.



TYCO TICHO NO FUBRAHE

ROBERTO BICELLI

Livrai-nos Deus da Corrupção

Do Chaos da Anarchia

Da Excepcionalidade

Tenhamos Tacto y Tecto

Façamos Gymnástica

Combatamos a Infeção

A Ciência a Sucção

Pas du tout W

Aplainemos a Lingua

De Pycos Phalésyas y Promonthórios

Circumspeto Aspato

Evitemos Italianismos, Francezismos, Españolismos

Y ultimamente o Abril Portucalense

Sejamos fotográficos

Optimistas

Sociológicos

Nostálgidos

Sem Neuroses nem Luizisms

No afã ae que o flautim

Abafe o Uivo

Que vem de Nós

Pra mim.



MUNDICÓRNIO

Jaa Torrano.

*O touro eterno tem a pele cerzida
de despedidas. Atrás de seus chifres sabemos
que, vítimas possíveis de seu furor sem ira,
o touro eterno é besta, nem sabe
que estamos montados em seu dorso
onde se repete a mesma infinita despedida.*

*O touro é uma serpente circunferente
que se movendo engole a si mesma.
Estes dentes somos que se enterram
no próprio corpo da serpente
e ficando os dentes nos despedimos
da vida que montados no touro tivemos.*

*O touro no escuro de nós se despede
como um sol que se põe & se repõe sem ficar
claro quem de quem se despede & somos.*

QUANDO O SOL

Afonso Henriques

quando o sol tornar a colorir a figueira da montanha
aves iluminadas estarão cantando em teu silêncio.

escutarás então o inexistente tempo
fluindo sob o peso morno das lágrimas
sob sob.

quando o sol tocar o vento
e os longos dedos de gelo
coçarem a pele da manhã
incendiando os galos e os cabelos
das árvores e montanhas
dos caracóis e cachoeiras

quando o sol puxar entre os dentes
o interno verbo de todas as galáxias
altas redes de vento e luz e infinito

saberás que atrás de cada tortura
de cada assassinio
de toda a impostura
de trás de cada negação ou falsificação
do humano manancial
o olhar da vida
o permanente olhar da vida
sempre ardeu como um grito saltando do pó do avesso do ódio
dos ossos das sepulturas dos cárceres do rosto vazio e implacável.

PEQUENOS SÉCULOS

RUY AFFONSO PROENÇA

you recolhe os pequenos cacos de nossa aurora
fim de tarde
estamos conversando silenciosamente
o teu cabelo é repartido pelo vento
mesa na varanda sobre a cidade calcário
todos somos repartidos
pelos escândalos que anoitecem caiados
repita o princípio das tuas frases
que o repetir do sono perfumado
já galopamos pelos ares
à procura da porta mais próxima da história
fora das notícias malversadas
fora das línguas sibilinas
fora da consciência policial
Somos o bumerangue carnívoro
longe de mísseis anti-aéreos
paciência de mãos de Korê lavadas em fontes bucólicas
bonecos de louça na vitrine da clandestinidade
o presunto defumado que Nero engoliu e não disse porquê

A PONTE CAÍDA DE BARRA DE SÃO JOÃO

RENATA PALLOTTINI

Ponte para o parado
para o prado
para o campo pardo
ponte que não é passagem
ultrapassada

ponte parada

ponte que desponta ao longe
ponte que desaponta
descomposta

Ponte para o abstrato
sem trato, por findo o contrato
ponte que se partiu

Ponte perdida para o mar
ponte pendida sobre o mar
ponte a se derramar
por sobre o mar

Ponte que não vai nem vem
Ponte que não mal nem bem
ponte que não tem

É ponte? É ponto
final beirando o porto
porto morto

Ponte que o poeta aponta
e depois parte em busca de outras partes
Aqui morreu Casimiro?
Sabe-o Deus. Aqui morreu
a ponte, como tantos outros mitos
neste Brasil
que se partiu.

OS AUTORES

Afonso Henriques Neto, redator, formado em direito, é mineiro e mora no Rio de Janeiro. Tem publicado os livros: *O Misterioso Ladrão de Tenerife* (em co-autoria com Eudoro Augusto) e *Restos & Estrelas & Fraturas* (do qual faz parte o poema *Quando o Sol*); consta também da antologia *26 Poetas Hoje*.

Jaa Torrono é formado em Letras, e professor de Grego na USP. Seu primeiro livro, *Satori Story*, foi publicado na revista *Almanaque Mundicórnio* faz parte de uma nova série de poemas, ainda inéditos, *Hermes Triminimo*.

Roberto Bicelli, formado em Letras e professor de Literatura, acaba de lançar seu primeiro livro, *Antes Que Eu Me Esqueça*, do qual faz parte o poema *Tyco Ticho no Fubrahe*.

Juy Affonso Proença, estudante de História e de Engenharia na USP, ainda é totalmente inédito, apesar de ter uma vasta produção poética. É o mais jovem dos autores selecionados para esta edição.

Claudio Willer é psicólogo e sociólogo.

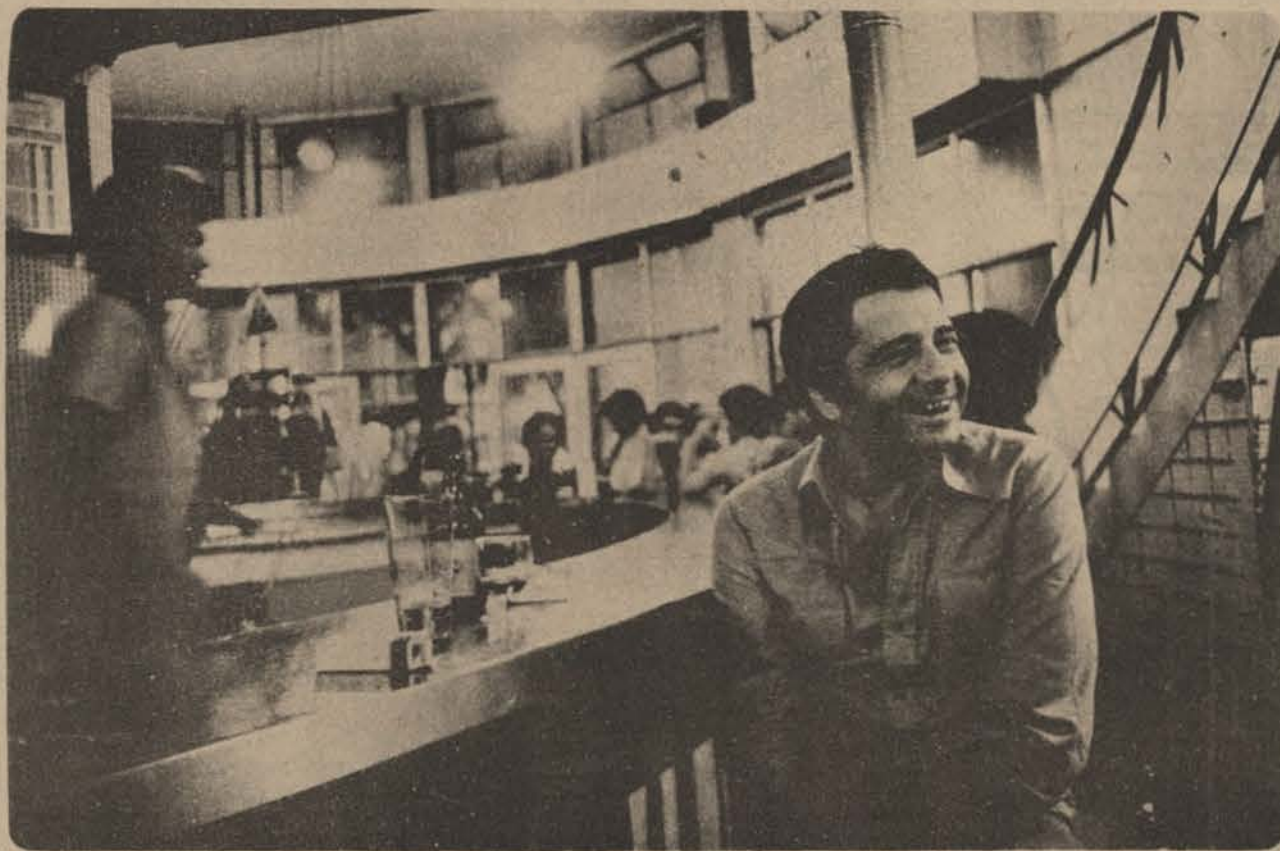
go, além de poeta. Tem dois livros publicados, *Anotações Para Um Apocalipse*, e *Dias Circulares*. Também traduziu e prefaciou a edição brasileira dos *Cantos de Maldoror*, de Lautréamont, e montou (em parceria com Dácio Bar) em espetáculo teatral de poemas da «beat generation», *América*. Participou da organização de manifestações recentes, inclusive a *Feira de Poesia e Arte*, no Municipal, as homenagens a Pablo Neruda e a Garcia Lorca, e vários outras leituras de poesia. É um dos diretores de uma distribuidora e editora que vem se dedicando à divulgação de obras poéticas, a *Feira de Poesia*.

Renata Pallottini. Faz poesia, teatro e novelas. Tem uma vasta produção literária na qual destacam-se *Coração Americano*, *Chão de Palavras*, *Mate é a Cor da Viuvez*, e *Arcos da Memória*.

É professora de teatro na USP, tendo recebido vários prêmios, «Pen-Club» de Poesia, «Molière», «Governador do Estado» e «Anchieta» de teatro.

Foi presidente da Comissão Estadual de Teatro, Diretora da Escola de Arte Dramática. É a atual presidente do Centro Brasileiro de Teatro, filiado à Unesco.

plinio marcos por ele mesmo



retrato e auto retrato

foto
Rosa Gauditano

Sou um homem (homem mesmo, sem nenhuma abertura traseira, como é moda nesses tempos de obscurantismo e de poucas perspectivas), que tem várias profissões. Entre elas, as de funileiro-encanador, autor teatral, jornalista, ator, romancista, anedoteiro. Mas, por motivos de força maior, de força muito maior, acabo sempre tendo que ganhar o arroz-com-feijão à custa de expedientes e cada vez mais vou ganhando notoriedade como camelô, pela atividade de vender meus próprios livros em bares, porta de teatros e nas faculdades. Isso não me constrange, muito pelo contrário. Essa atividade é que

az de mim um imortal. Nunca tenho onde cair morto. E essa imortalidade, por incrível que pareça, deixa meus inimigos picados de raiva e moídos de inveja. Eles acham que eu me benefico das perseguições da Censura. Que, se não fosse a Censura fazer marcação tipo mãe-de-miss em cima de mim, eu nunca teria aparecido. Mas, eu não sou malandro. Malandra é a agulha, que leva atrás e não perde a linha. E para provar isso, sempre dou razão aos meus inimigos. Reconheço que sou um mau autor teatral. Que minhas peças são apenas um retrato da realidade brasileira. E lamento que, mesmo as que

foram escritas há dezoito anos atrás, como *Barrela*, ou as que foram escritas há dez anos atrás, como *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, *Homens de Papel*, *Navalha na Carne*, *Quando as Máquinas Param* e outras, não estejam superadas. Concordo com meus inimigos que elas sejam peças menores e lamento que não estejam superadas, porque esse fato apenas prova que, nesses anos todos, o Brasil não evoluiu

socialmente. E vou mais além. Quando meus inimigos dizem que eu me benefico da Censura para me baladar, sempre proponho a eles que nós deveríamos nos unir e lutar pra acabar com a Censura, nem que fosse apenas pra me desmistificar. Para acabar comigo de uma vez por todas. Eu pagaria de bom grado esse preço, se com isso acabasse a Censura. Isso porque, no meu entendimento é ela, a Censura, a Razão do obscurantismo que envolve nosso país; é ela, a Censura, um braço muito forte do Colonialismo Cultural; e é ela, a Censura, que acoberta tantas injustiças e tanta corrupção. Sem liberdade de expressão, não pode haver direitos humanos em sua plenitude. E por pensar e dizer isso, posso carregar orgulhosamente a divisa de nunca ter pedido demissão de nenhuma atividade jornalística que exerci. Fui mandado

embora sempre. Nos últimos tempos, ganhei um passa-fora do *Jornal Última Hora*, da revista *Veja*, do *Jornal Folha de São Paulo*. E são essas dispensas repentinas que me fazem arrancar parede para comer farofa. Mas, eu não me afobo. Sei que afobedo como cru ou quelmo a boca. E depois, sei também que as maiores injustiças e perseguições contra pessoas, que vêm ocorrendo em nosso país, nem sequer são noticiadas. Muitos professores, políticos, estudantes, jornalistas, médicos, sacerdotes, engenheiros vêm sendo impedidos de exercer suas atividades por não concordarem com a política oficial, por não aceitarem a versão dos que detêm o poder em relação aos fatos que ocorrem em nossa nação. Porém (e sempre tem um porém), quem sofre mais do que todos é a mãe do porco-espinho na hora do parto. E

mais do que a mãe do porco-espinho, sofre o povo brasileiro, totalmente marginalizado da vida nacional, reduzido a um estado de miserabilidade tão grande, que está completamente impedido de participar da sua própria história, de influir no seu próprio destino.

Mas, apesar de tudo, sou um otimista. Acredito que a dignidade humana se manifesta em qualquer circunstância. Acredi-

to na virilidade espiritual transformadora. E tenho visto, com esse meus olhos que a terra há de comer um dia, se levantarem alguns gigantes espíritos em favor dos direitos humanos. Aqui mesmo, na cidade de São Paulo, onde moro, temos gente de muita luz interior, como Dom Paulo Evaristo Arns, como o advogado Hélio Bicudo, que apesar dos muitos riscos que correm, se expõem cada vez mais para servir de farol-guia para nós, outros, que nos debatemos nessa noite escura. E é vendo a luta sem esmorecimento desses iluminados (existem outros como eles) que não desanimam nunca, que não se rendem, que não vacilam, que não descorçoam mesmo quando ficam sozinhos, é que eu teria muita vergonha de mim mesmo, se me sentisse triste, cansado, sem esperança, descrente da humanidade ou desconsolado dos homens, quando soufr algum revertério. Não tenho esse direito. Tiro de letra os pererecos e vou levando. Ganhando com o suor da minha cara feia, com meu riso com dentes de uma só da boca e com mal-traçadas linhas, o gordurante dos que dependem de mim e que são estímulos gratificantes nessa jornada pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus.

<p>O beijo já está nas bancas</p>	<p>DE FATO O MELHOR JORNAL DE MINAS</p>	<p>PINGENTE TÁ PINDURADO EM TODAS AS BANCAS!</p>	<p>EM TEMPO 2 vol não vai saltar</p>	<p>LEIA E ASSINE!</p>
<p>LEIA E ASSINE MOVIMENTO UM JORNAL DEMOCRÁTICO</p>	<p>Posteção DE VITÓRIA(ES) PARA O MUNDO!</p> <p>Saiu! REPORTER autônomo e independente</p>	<p>BRASIL MULHER UM JORNAL A FAVOR DA MULHER LIVRE</p>	<p>AMANHÃ UM SEMANÁRIO DE HOJE</p>	

PARA UM REALISMO CAPITALISTA?

Armand Mattellart

Ao que chamamos imperialismo cultural tem como vocação forjar em toda parte um cidadão conformado com o que o capitalismo deste fim de século espera. Deve, entretanto, procurar fortalecer-se, denunciando o mito de sua onipotência e de sua onisciência. O imperialismo cultural não é tão compacto quanto se poderia crer; e os Estados Unidos, que elaboram as matrizes, não têm a exclusividade.

Assim, países como México, Egito, ou Índia são, todos em níveis diferentes, centros de produção de modelos de melodramas ditos populares. Reagindo como se a imperialismo americano tivesse tomado todas as iniciativas e elaborando todas as criações, em todas as áreas, esquece-se que em continentes inteiros, as produções locais participam amplamente do fenômeno de aculturação. Deve-se um dia debruçar sobre o itinerário das produções mexicanas que, com ajuda de Hollywood, começaram desde os anos 40 a ter um difusão por todo o continente latino-americano, varrendo as expressões cinematográficas nacionais. O cinema argentino, por exemplo, sofre ao mesmo tempo os assaltos do «star system» hollywoodiano e o de sua versão mexicana. Se, hoje em dia, as telenovelas produzidas por numerosos países latino-americanos são de fato concorrentes na televisão, não há como não ver a prova de existência e da importância dos colonialistas internos.

Mas para estas mudas de cavalos do império e para os homens de negócios que as administram, a inspiração comercial, a produção dos produtos culturais e sua revisão ideológica sempre tiveram sua fonte nos Estados Unidos, ponto central da reflexão capitalista. A procura de um proveito rápido cria realmente fórmula novas que são o fruto de alianças naturais, no seio de um mesmo conglomerado, da televisão, do cinema e do livro. Intensificando-se a produção de livros a partir de filmes de seriados e, mais importante ainda, as normas de seleção que regem o mídia audio-visual instalam suas hegemonias na edição. Um bom exemplo é dado com o desenvolvimento do que os diretores americanos chamam de «phony books». Ao lado destas novas produções, os best-sellers dos últimos anos, ultrapassam muitas vezes o milhão de exempla-

res, são todos retomados pela indústria do cinema, como se esta fosse já uma regra estabelecida, mas agora inventou-se o processo e é o filme ou a série de televisão que dá material para livro.

A própria indústria cinematográfica foi abandonada pelos modelos de marketing que exercem sua tirania tanto na determinação de temas como nos canais de distribuição. Assim, em janeiro de 77, a Columbia anunciou sua intenção de «maximizar seus esforços mundiais de produção». Resultado: o primeiro filme que se beneficia desta decisão foi *The Deep*, um rebento de *Jaws*. A receita desta maximização constituiu em procurar «relações mais funcionais entre o tema do filme e os suportes da publicidade». Em lugar de se contentar exclusivamente com camisetas e outras fórmulas de lançamento habituais, tratou-se de estabelecer uma linha de continuidade entre o tema do filme e os produtos que lhe farão publicidade: piscinas, relógios à prova d'água, câmara submarinas, equipamentos de pesca... O magro território que separa a ficção da realidade tende a desaparecer.

Marx deve revisar-se no último, ele que em mais ou menos 1850 escreveu que o pensamento reinante tornar-se-ia cada vez mais abstrato e que esta abstração era uma condição sine qua non para que a burguesia pudesse fazer aceitar suas idéias particulares como universais para o conjunto das outras classes. Se o tomanos como uma observação literária, através do sentido oposto de sua observação, poderia-se dizer que a ideologia dominante é chamada a tornar-se cada vez mais concreta. Estamos entrando na fase do realismo capitalista? Os personagens da ficção saem das telas para formarem-se componentes materiais do mundo. Mas a mistificação que Marx na rua conosco que declinam da identidade de seu produtor.

O projeto cultural do imperialismo então como uma empresa de saturação, os mídia reinjetando mídia, ou melhor, os mídia se reinjetando mutuamente (no centro do império e na sua periferia) de maneira a repetir infinitamente o cerco de sua repetição.

televisão

Theodor Adorno

iluminações

A indústria cultural leva em conta, sem dúvida, o estado de consciência e inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige, mas as massas não são o fator primordial, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; um acessório da maquinaria.

O consumidor não é rei, como queria a indústria cultural, não é sujeito mas objeto. O termo *mass media* que foi imposto à indústria cultural apenas minimiza o fenômeno. Sem embargo, não se trata em primeiro lugar das massas, nem das técnicas de comunicação como tais, mas o espírito que lhes é insuflado através da voz de seu condutor.

Toda a praxis da indústria cultural aplica decididamente a motivação do lucro aos produtos autônomos do espírito.

Os produtos do espírito no estilo da indústria cultural já não são também mercadoria, mas são integralmente mercadoria.

O lucro se objetivou na ideologia da indústria cultural e até se emancipou da obrigação de vender as mercadorias culturais que de outro modo devem ser consumidas.

Em virtude da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a autonomia e a consciência; jamais a ordem que surge disto é confrontada com o que pretenda ser ou com os interesses reais dos homens. Mas a ordem não leva em si nada de bom.

O que a indústria cultural elocubra não são nem regras para uma vida feliz nem um novo poema moral, mas exortações à conformidade no que tem atrás de si os maiores interesses.

Não é em vão que se pode ouvir na América da boca de produtores cínicos que seus filmes devem estar a altura do nível intelectual de uma criança de onze anos. Fazendo isto, se sentem cada vez mais incitados a transformar a um adulto em uma criança de onze anos.

Se desde o alto se difama sem razão as massas como tais, é justamente a indústria cultural que seguidamente a reduz a este estado de massa que depois despreza e que as impede de emancipar-se, já que os homens são tão maduros como lhes permitem as forças de produção da época.

o totem

Eduardo Galeano

Assusta-me a cara de uma criança olhando a televisão. Melhor dito, me assusta a cara de todos, pequenos e grandes, passivos, imóveis frente ao totem, mas nas crianças me impressiona mais. A boca meio aberta, os olhos de hipnotizado; se lhes fala, não te escuta; se lhes toca, não se dão conta. Consome, em transe, não dormido mas tampouco acordado, as emoções fabricadas em série. Horas e horas de aventuras para paráliticos. Os pequenos recebem feitas as imagens que nós - faz tantos anos? - inventávamos ao ler. Sandokan tem a cara, a roupa e os gestos do ator que o interpreta. Quando eu era guri, ficar dentro de casa significava um castigo.

Uma professora conta, aterrada, em Nova York: «Quando leio para eles uma história sem mostrar-lhes figuras, as crianças se queixam: Não vejo, dizem. Então se distraem, se levantam, conversam, não me escutam».

O leitor cria imagens enquanto lê: o telespectador as recebe prontas. A televisão *captura* a imaginação, não a libera, havia dito Bruno Bettelheim, e repete, em um livro recente, Marie Winn (*The Plug-in Drug, Television, Children and The Family*, Viking Press, New York, 1977). Segundo Marie Winn a experiência da televisão perpetua a dependência infantil das fantasias que os adultos fabricam para as crianças. A linguagem das novas gerações é tão pobre como pode chegar a sê-lo sem que se eliminem de todo as palavras. Desde 1964, decaem nos Estados Unidos o aproveitamento dos estudantes de níveis médios e superior. O nível geral dos estudantes é cada vez mais baixo e são cada vez mais excepcionais os altos rendimentos. A «geração da televisão» encontra nas drogas o prolongamento natural, na adolescência, do treino infantil para a contemplação passiva do mundo. Noventa e seis por cento dos lares norte-americanos têm pelo menos um aparelho de televisão. As crianças estão cada vez mais acorrentadas ao aparelho mágico. As crianças de dois a cinco anos de idade, viam 23 horas semanais de TV em 1966 e trinta horas em 1970; os pequenos entre 6 e 11 anos viam vinte horas semanais em 1966. Em 70, viam 26 horas.

Marie Winn cita diversos testemunhos. Entre eles, o de um menino que explica: «Eu gosto da televisão porque ela toma conta de mim. Eu não tenho que responder. Não tenho que dar nada a ninguém».



abr 1977



As fotos de Afro Latino América, editadas no nº anterior, foram feitas por Mário Spinosa. (N.R.)

Coordenação Afro Latino América.
 Redação: Jamú Minka, Nhomulo, NdacarayZulú, Nguxi.
 Visual: Ubirajara Mota, Luiz Cláudio, Jacques, Márcio Black, Clémery.
 Colaboradores: Carlos Alberto Medeiros, José Ricardo D'Almeida, Lélia Gonzales, Tenka.

Organizar. Reorganizar. Mobilizar. Esta a palavra de ordem de diversos setores da sociedade em que vivemos. E como maioria da população, qualquer transformação se reflete diretamente em nossa existência coletiva: somos trabalhadores. A atuação individual sempre foi prejudicial à organização de qualquer grupo humano. Portanto, é necessário rever fatos. É preciso agir. Se por um lado não podemos parar, por outro lado devemos caminhar na direção correta. O Negro vive, no Brasil, a realidade de dois mundos: o de origem, seu, e aquele que o domina, para o qual produz. A transformação de qualquer um deles influi na sua existência, logo, em qualquer atuação é necessária uma análise crítica dos dois. É duro, mas necessário.

RACISMO 77

O PODER NEGRO EM REVOLTA

Revoltar-se, «sair pelas ruas e matar todos os senhores e os brancos da cidade» como planejavam os antigos escravos?

Seria esta a direção da luta dos negros? na atualidade?

Ou entre muitas outras coisas, deveríamos estudar e desmistificar os «fatos históricos» que nos fazem crer que o estágio cultural antigo do negro estava ao nível de uma organização social não muito mais distante e elevada que a do animal, tirando-nos qualquer apoio moral de iniciar uma luta baseada em nossa negritude. Mas que hoje, vendo os africanos desempenharem um importante papel nos assuntos da humanidade, sentimos despertar um sentimento de grande orgulho de nossa própria raça e vêm-nos um profundo desejo de indentificarmos-nos com o nosso passado.

Da desmistificação do conhecimento distorcido e da inteiração de nossa presente realidade; a terçência anterior de «fugir» ao pecado de ser negro é substituída pela ênfase de ser negro.

O que fazer movimento Negro?
 Fica aqui uma sugestão: que se leia o livro «O PODER NEGRO EM REVOLTA» de Claude Lightfoot.



«de janeiro a janeiro o negro destina-se a motivos camavalescos, procurando não um divertimento, mas uma forma de afirmar-se especialmente, sem conseguir libertar suas mentes das algemas do cativo. Esta página negra da História do Brasil, deve ser benida das consciências, não servindo de motivo para subterfúgos e vinganças sutis ou separatismo em forma de protestos folclóricos. Esta desculpa de querer procurar as origens é uma maneira de querer afirmar alguma coisa, que infelizmente não é importante como querem fazer parecer...» (Antonio Mauro de Souza, RJ, Cartas do Lector, Jornal do Brasil — 8.12.77).

Racismo — BH — «O Minas Tênis Clube nunca teve preconceito de raça. No dia 10 de janeiro deste ano, o porteiro Elcio Neves de Oliveira, dizendo cumprir ordens do superintendente, barrou a entrada do agente da Polícia Federal Agílio Monteiro Filho e familiares, todos negros, que iam almoçar no restaurante do clube». (Jornal da Tarde — 10.1.77).

...«As fanfarrônicas do Sr. Idi Amin e a estreia do filme King Kong em São Paulo... O Jornal mostra Idi Amin, comparando-o com o macaco King Kong. Realçando o nariz de Idi Amin com o nariz de King Kong (...). As mesmas crianças que me chamavam de macaco são as que agora fazem esta comparação». (Carta ao Jornal da Tarde 22.6.77).

Jards Macalé — Contrastes... «o resultado é um disco desigual, algumas vezes de mau gosto, a partir da capa que mostra o escuro Macalé beijando uma branca...» (Jornal do Comércio do Recife — 13.7.77).

...«Macalé não fez ainda nenhuma plada a respeito (...) mas o produtor Hélio Rodrigues está vendo que medidas poderá tomar na Justiça. Afinal, racismo é proibido neste país», diz ele. (Folha de São Paulo 28.7.77)

Guazzelli esclarecerá caso de racismo no Sul.

Caçapava — Negro proibido de entrar no Baile da União Caçapavana, onde seria escolhida a rainha estudantil. Estavam programados dois bailes para este dia, mas o Baile dos Estudantes Negros foi suspenso na última hora por intervenção policial. O estudante negro denuncia a

discriminação racial e o prefeito Cleo C. de Mello (Arena) negou e disse: «isso é pura onda, exploração política, coisa de estudentzinho de esquerda», mas reconheceu que alguns diretores «Não deixam os morenos entrarem» (Folha de São Paulo 29.7.77).

Racismo: horror e protesto no Sul.
 Caçapava do Sul — RS — O Ministério da Justiça pediu ao governador determinar urgente inquérito, (...) Um grito geral. Pau nos racistas! Que o governo aplique a Lei Afonso Arinos (...) Rio Grande é um exemplo de como devem viver pretos e brancos, sempre com seus clubes de portas abertas. É verdade que só o desejo dos brancos não resolve. Falta poder aquisitivo aos negros. (Folha de São Paulo 29.7.77).

Racismo em Rio Preto
 Um clube recreativo e popular, o Jóquei, discrimina contra pretos nos bailes pagos. Jóquei Clube já discriminou: Paulinho, Jairzão e lauca, mesmo quando os dois últimos ainda jogavam no América. (Dia e Noite — São José do Rio Preto — 31.7.77)
 Mendonça — ex-favelado luta para ser campeão

...«mas também fala de racismo, da discriminação que os homens da sua cor sofrem (...) pior é quando depois do pouco caso do cidadão que vive falando negão ou lato é coisa de preto, fica sabendo que o negão é o João Mendonça e muda o comportamento (...). A discriminação, no Brasil, é mais na parte econômica. O pobre não é respeitado, como homem. E o negro é pobre, nunca teve oportunidade desde a escravidão (...). A discriminação existe sim...» (Folha de São Paulo 5.8.77).

Não há racismo no prédio. A imobiliária garante.

...Recentemente, o compositor João do vale foi obrigado a utilizar o elevador de serviço, do Edifício da Rua Veiga Filho 435, que está sob a responsabilidade da Lloyd Administradora. O porteiro, homem digno, confessou que recebeu ordens para agir assim, e garantiu que sustentaria até na frente do presidente Gelsel. (Jornal da Tarde — 11.8.77).

O escultor baiano Geraldo Teles, negro, um dia foi visitar a sobrinha de dona Leonor, viúva do ex-governador Ademar

de Barros. O porteiro do Edifício não permitiu que ele subisse pelo elevador social «Pegue o do serviço. Este é reservado aos moradores daqui. São ordens que tenho». (Folha de São Paulo — 12.8.77)

Negritude
 «Entre um operário branco e um negro, o patrão sempre escolhe o primeiro». (Clóvis Moura - Folha de São Paulo — 22.8.77)
 Revoltas? Incêndio? Greve de Fome? Não, diz o delegado.

Macumba. Esta é a única explicação para o revólver tipo Mauser que o preso Geilson dos Reis tinha nas mãos. Provavelmente feito com cera preta das velas destinadas aos «Santos» e modelado com muita habilidade. (Jornal da Tarde — 17.9.77 — a respeito da fuga do preso).

Brasileiros não podem discutir questão do negro.

MEC proíbe viagem ao exterior de onze negros e africanistas que iam participar do I Congresso de Cultura Negra das Américas (Folha de São Paulo 26.8.77).

Mestre Gilberto Freyre, que entende como ninguém de Brasil, escolheu Vera Fischer e Sonia Braga como os tipos genuínos de mulher brasileira. Alguma objeção?

(... Apenas a loura e a morena? E as mulheres de ascendência oriental, a índia, a negra...? Isso sem falar nos autênticos produtos nacionais (...)) as folclóricas mulatas.

—«Quero deixar bem claro que me detive só nas características antropossociais. O andar da brasileira, por exemplo, assume aspecto de dança». (Fatos e Fotos Gente — 28.11.77)

Racismo é denunciado.
 Belém — A bancada do MDB na Assembleia Legislativa vai pedir explicações à embaixada da África do Sul no Brasil, a respeito da atitude de seu embaixador, John Frederick Pretorius, que durante sua estada nesta capital na semana passada, teria se recusado a visitar, mesmo protocolarmente, o prefeito Ajax de Oliveira, por este ser negro (Folha de São Paulo — 28.9.77)

(E este embaixador ainda está no Brasil? N.R.)

Nicolas Guillén

pequena Ode a um boxeur cubano

Tuas luvas
postas na extremidade do teu corpo de esquije
e o punch do teu sorriso.
Boxeur, o Norte é feroz e rude
Essa mesma Broadway,
que se derrama como sangue da veia
p'ra vir assobiar junto dos ringues
em que saltitas como um moderno elástico macaço
sem o apoio das cordas
nem almofadas de clinch;
essa mesma Broadway
que engordura de assombro a boca torpe
perante os teus punhos explosivos
e os teus atuais sapatos de vernis.
é essa mesma Broadway
que estende o seu focinho com língua enorme e úmida
para lamber gulosa
todo sangue de nosso canavia!
Mas é certo que tu
não estás a par de certas coisas nossas,
nem de outras certas coisas deles
porque o training é duro e o músculo traiçoeiro
e é preciso que estejas hecho um toro
como dizes alegremente, para o golpe doer mais.
Teu inglês
um pouco mais precário que teu débil espanhol,
serve-te apenas para ouvir sobre lonas
o que em seu verde slang
mastigam as mandíbulas daqueles que derrubas
jab a jab
Talvez não necessite em verdade outra coisa,
pois, com certeza pensarás,
já tens o lugar feito.
É bom, ao fim e ao cabo,
achar um punching bag,
eliminar gorduras ao sol,
saltar,
suar,
nadar,
e da ginástica suiça ao shadow bosing
bosing
da ducha ao refectório,
sair forte, ágil, apurado
como um bastão recém lavrado
com agressividades de Black Jack.
E agora que a Europa se desnuda
para tostar a carne ao sol,
e procura no Harlem e em Havana
o jazz e o balho popular,
há o orgulho de ser negro enquanto o boulevard aplaude
e frente à inveja dos brancos
falar em negro, de verdade.

Achamos que qualquer ação deve buscar o devido apoio da Comunidade, na ação coletiva. Também não se pode abandonar os que foram arrancados da comunidade. Ainda estes são nossos irmãos e precisamos deles em casa, organizada ou por organizar, mas em casa. É preciso voltar. Não devemos, em nenhum momento, nos esquecer que soluções não saem de cartolas mágicas, de grupos inertes e muito menos do gênio de indivíduos que conseguiram determinados privilégios, inclusive o de ter tempo para pensar (sem negar a importância do pensamento). É da ação organizada e dinâmica, da experiência histórica e da consciência coletiva, que nascerá o futuro.



Steve Biko

AMANDLA

No dia 12 de setembro morreu no cárcere em Pretória, capital da África do Sul, o dirigente nacional do movimento negro Steve Biko, com a idade de 30 anos. Foi preso a 18 de agosto, mas há quatro anos pesava sobre ele a pena de bannishment (proibição): não podia sair de sua cidade de residência, a pequena Kingwilliamstown, nem reunir-se com mais de uma pessoa por vez.

Segundo o ministro da Justiça, James Kruger, Biko morreu devido a uma greve de fome. Mas os médicos que fizeram a autópsia, diante de vários jornalistas, constataram que o peso de Biko era normal; que apresentava queimaduras em diversas partes do corpo; que várias de suas costelas estavam quebradas e tinha um hematoma de aproximadamente oito centímetros na cabeça. Além do mais, havia sofrido um derrame cerebral, provocado por lesões. Conhece-se a brutalidade do governo do apartheid. Seguramente Biko foi torturado até morrer. O próprio regime de Pretória o confirmou a sua maneira. O chefe de polícia, Gert Grinsloo, anunciou a primeiro de outubro a possível aplicação de sanções a policiais e carcereiros que participaram da prisão de Biko. Segundo *The Economist*, de Londres, com isto o regime do apartheid procura um bode expiatório, além de pretender colocar uma pedra sobre o assunto.

Por volta de 68, quando estudava medicina na Universidade de Natal, Steve Biko foi um dos fundadores e primeiro presidente da Organização dos Estudantes Sul Africanos, entidade de estudantes nacionalistas negros. Depois, no bairro negro de Soweto, foi um dos organizadores do movimento pela consciência negra, que reúne atualmente diferentes organizações políticas nacionalistas. Seu objetivo é promover a dignidade do povo negro e o combate contra o racismo e opressão. Em 72 foi um dos fundadores do Congresso do Povo Negro, que atualmente é uma das

organizações políticas negras mais importantes do país.

Após a grande insurreição de Soweto, em junho de 76, foi preso sob a lei antiterrorista que prevê encarceramento por tempo indeterminado, sem direito a julgamento. No cárcere, foi entrevistado pelo jornalista John Burns do *New York Times*. «Ele me esclareceu, diz Burns, que um governo formado pelos grupos de consciência negra aplicaria uma política de socialismo negro, restringindo severamente a empresa privada, e limitando, senão eliminando totalmente, a inversão estrangeira».

Logo depois do assassinato de Steve Biko, uma onda de mobilizações sacudiu a África do Sul. E seu eco foi mundial. Nos EUA, por exemplo, a Coalização Estudantil Nacional Contra O Racismo, formada em Boston no ano passado, emitiu um comunicado.

Mil e quinhentos estudantes da Universidade Sul Africana de Fort Hare participaram de uma mobilização reprimida por policiais e cães. Nos dias posteriores, em toda a África do Sul ocorreram manifestações. No dia 21 de setembro, a polícia atacou uma manifestação com chicotes de couro cru. Foi assassinado o estudante William Mdiadlamba, de 15 anos.

A 15 de setembro, Biko foi sepultado em sua cidade natal. A polícia fechou as vias de acesso a Kingwilliamstown, impedindo que muitos automóveis e ônibus vindos de todo o país, lá chegassem. No ataúde de Biko estavam gravados os símbolos do Movimento pela Consciência Negra; dois braços com correntes e a legenda: «uma Azânia, uma Nação». Azânia é o nome que o movimento nacionalista negro dá a África do Sul. Os manifestantes acompanhavam o caixão e com o punho para o alto gritavam: *Amandla*: (poder).

Um dos oradores disse: «Biko não morreu em vão. Entre nós nascerão outros 100 Steve Biko».

Não existe, para um grupo discriminado e oprimido, meios legais de protesto contra a injustiça racial, já que a Lei não reconhece entidades raciais.

Reorganização

Os negros chegaram em Criciúma com a exploração do carvão das minas. E ficaram, como que escondidos no fundo da terra. Mas, apesar de tudo, os filhos nasceram, cresceram e hoje pensam num futuro melhor.

A juventude da cidade criou o Grupo de Estudos da Cultura Afro-latino-americana, que pretende organizar debates e estudos sobre o negro em Criciúma, no Brasil e na América Latina, «onde as condições gerais se identificam».

Já foi feita uma reunião preparatória em 27 de novembro deste ano, juntamente com o Grêmio dos Jovens da Sociedade Recreativa Sul do Estado, onde foram reunidos cerca de duzentos jovens e alguns «negros velhos», que não se cansam de lutar por nossas causas. Em janeiro, o Grupo vai realizar a Semana de Estudos Afro-latino-americanos.

A semana pretende apresentar todas as atividades comuns em nossas comemorações. Haverá bailes, torneios esportivos — um jogo da Associação Atlética Zaire, contra um time a ser definido — grupos de candomblé e capoeira. Ginkanas com tarefas culturais, apresentação de um grupo de teatro, além de debate e mesa redonda discutindo nossa realidade sócio-cultural.

O Grupo de Estudos Afro-latino-americanos pretende, a partir daí, seguir em novos trabalhos como a edição de um órgão informativo.

Por enquanto, convida todos a participarem da I Semana de Estudos Afro-latino-americanos, a se realizar no Grêmio de Jovens da Sociedade Recreativa do Sul do Estado, em Criciúma. De 1º a 8 de janeiro de 1978.

acacab

A ACACAB — Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira — é a mais jovem entidade paulistana a se engajar na luta dos descendentes de Africanos por melhores condições de vida. Preocupada em alterar os esquemas, segundo os quais o negro só é valorizado pelo vigor e pela destreza física, a nova Entidade entende com a procura de melhor nível cultural a luta negra, o que levará a melhores condições econômicas. E aí, segundo a orientação da entidade, a ênfase deve ser posta no coletivo, no progresso e no bem de todos. O nível individual não interessa porque nele somente alguns elementos isolados conseguem alguma coisa. Para a ACACAB, o que vale é o espírito comunitário, como base de associações fortes e estruturadas para dar ao Negro possibilidades de competir em melhores condições.

Ciente de que a conquista de melhor nível cultural nos levará a uma melhor situação econômica, a entidade se organiza para fornecer a prática. Nesse sentido, estão previstos vários grupos de trabalhos em Teatro, música, loga, dança, capoeira e artes em geral. Na área de cursos estão programados ensinamentos de Yorubá (uma das línguas nativas mais falada na Nigéria) inglês, francês, nundo (falado em Angola). Ainda nesta área de informação, a entidade pretende trabalhar para a criação de cadeiras de estudos Africanos nas escolas secundárias e universidades. Para enfrentar a manutenção e implantar esses projetos, a nova entidade já tem em funcionamento um mini-restaurant servindo almoço durante a semana. Outras fontes de recursos são as mensalidades dos associados e as taxas dos cursos. Hoje, vários artistas plásticos expõem nas dependências da ACACAB: Camilo — escultura em madeira; Bispo — carrancas —; Moacir — desenhos artísticos; Miguel — escultura em madeira; e Cassiano José Neves Fº, participante do Festec 77, que desenha em grafite vultos da história Negra.

ABDIAS NASCIMENTO

DEMOCRACIA RACIAL:

NO INÍCIO DO SÉCULO, O BANCO DO BRASIL FINANCIOU A IMPORTAÇÃO DE SONHOS.



Sob o olhar atento de um funcionário do Banco do Brasil, um grupo de imigrantes se reúne para discutir a possibilidade de adquirir terras no Brasil. O Banco do Brasil financiou a importação de sonhos, financiando a compra de terras e a construção de casas para os imigrantes.

Mito ou Realidade?

2

Um mito amplamente promovido a respeito do regime de escravidão é que a dureza do cativo foi mitigada pela influência humanista da igreja católica. Este mito tenta exonerar a igreja católica de se ter imiscuído no racismo violento em que a escravidão estava baseada. Uma exame dos ensinamentos religiosos do Catolicismo revela rapidamente a verdadeira natureza da igreja em relação ao negro africano. O famoso jesuíta baiano, Antonio Vieira, pronunciou um sermão em Lisboa, em 1662, (...) no qual declara o seguinte:

«Um etíope que se banha nas águas do Zaire torna-se limpo, mas não se torna branco; entretanto, no batismo, sim, uma coisa e outra».

Em outras palavras, as águas do batismo cristão possuíam virtudes de, cristamente, justificar a escravidão do africano e também a erradicação de sua raça — de torná-lo física e espiritualmente limpo e branco. Em 1663, o mesmo padre católico canta loas à escravidão em um sermão dirigido aos africanos na Bahia.

(Vieira, Antonio: Sermão Pregado no Brasil, Lisboa, Agência Central das Colônias, 194, pag 399) **Deveis dar infinitas graças a Deus por ter vos dado o conhecimento de vós mesmos, e por vos ter tirado de vossas próprias terras, onde vossos pais vivem como ateus, e vos ter trazido para esta, onde instruídos na fé, viveis como cristãos e vos salvareis.**

Vieira aconselha: **Escravos, sejais humildes e obedientes em tudo para com vossos senhores, não só para com os bons e modestos, mas também com os maus e injustos... por este estado em que Deus vos pôs, é vossa vocação ser como a de seu filho, que morreu por nós, deixando-vos um exemplo que deveis imitar.**

É curioso que Vieira não tenha pregado o contrário; se o que o cristão aspira é uma elevação através da emulação semelhante a de Cristo, por que este padre não pregou o sofrimento que a escravidão foi para os negros? Pelo menos esta atitude estaria coerente com sua moral religiosa. Mas esta ideologia não é apenas privilégio do Catolicismo. Usando quase as mesmas palavras dogmatizou um pastor protestante:

«A cristandade estabeleceu a autoridade sobre os seus servos e escravos em grande parte como os próprios senhores teriam-no prescrito... exigindo a lealdade mais estrita, exigindo que os servissem com o coração puro, como se estivessem servindo Deus e não homens. E, longe de fomentar resistência, Ele não permite aos escravos contradizer ou responder de forma indevida a seus senhores. Ele lhes permite uma compensação futura nos céus, pelos serviços leais que tenham prestado na Terra».

Tal é a «mitigação» que as Igrejas Católica e Protestantes exerceram sobre a escravidão. É evidente que a ideologia católica expressada pelo senhor Vieira, que pregava aos escravos a aceitação humilhante dos abusos «do mau e do injusto», não faz mais concessões do que o pastor protestante à dureza do cotidiano escravo. A cristandade em todas as suas formas nada mais era do que uma cumplicidade e justificação da brutalidade e desumanidade do senhor branco para com seu escravo africano, e mostrava seu racismo inegável em conceitos tais como o do batismo, que fazia do africano, um branco, que a igreja obviamente via como superior ao negro.

Por suas características inatas de preguiça e rispidez, a classe dominante que importava escravos forçadamente em cadelas e grilhões, utilizava a mesma violência para assegurar a permanente disponibilidade de sua fonte de trabalho gratuito: antes da abolição, as prisões do Brasil estavam repletas de «africanos livres», para intimidar os negros que tivessem qualquer desejo de retornar à África. Após sete anos de trabalho os velhos e aleijados — os não produtivos — eram «libertados» — isto é, jogados na rua para se virar sozinhos.

A falsa liberdade dos «negros forro» era verdade uma forma pura e simples de assassinato coletivo: as autoridades libertavam os escravos idosos, os inválidos, os doentes incuráveis; mas não lhes ofereciam meios de subsistência ou suporte. Eles os marginalizavam da sociedade e neste momento a responsabilidade do senhor, do Estado, da Igreja e de todo o mundo cristão acabava em relação ao «selvagem» africano e seus descendentes.

Como mostra Florestan Fernandes em seu trabalho — **O Negro no mundo dos Brancos**: «O negro foi condenado para sempre a existir num mundo que não o reconhecia como ser humano, como igual». E de fato conforme pergunta Carl Degler:

«O que podemos esperar de uma sociedade fundada na caçada fatal ao índio, na escravidão, na degradação da mulher?»

Acrescentando o insulto à injúria, a classe dominante branca acusava o homem negro, trazido da África em grilhões, sob o açoite do tráfico de escravos, de serem a causa do problema, de acordo com o parecer do escritor Monteiro Lobato:

«Que problemas terríveis nos criou o pobre negro africano, com sua vingança não intencional (miscigenação). Talvez nossa salvação venha de São Paulo e outras áreas que têm grande influxo de sangue europeu».

O Embranquecimento da raça: A estratégia do Genocídio

Depois de 13 de maio de 1888, os negros eram legalmente livres, mas nunca tratados como cidadãos ou seres humanos. A abolição da escravatura, diante dessa história de exploração dos negros, apresentou um grave problema econômico, cultural e social, no relacionamento das raças na nova «sociedade livre».

A classe governante não encarou esse problema em termos de integração de um novo grupo de cidadãos numa cultura. Para eles o problema racial era simplesmente: como salvar a raça branca da ameaça do sangue negro. A ideologia racista da época era tão chocante que o objetivo declarado da classe governante era o extermínio da raça negra através da «salvação» do sangue europeu; o político João Pandiá Calógeras declarou: «A mancha negra tende a desaparecer num tempo relativamente curto em virtude do influxo da imigração branca, em que a herança de Cam se dissolve. Roosevelt tinha observado com exatidão uma grande alegria: a feliz solução de um problema de tremendos, mortais, problemas — problemas de um possível conflito entre as duas raças».

A opressão dos negros no Brasil, depois da abolição, foi mais do que uma simples exploração econômica. Com apoio de um corpo de teóricos, intelectuais, religiosos e sociólogos eminentes, as classes governamentais promoveram, e exerceram, uma política planejada de genocídio físico, cultural e social. Além dos órgãos de poder político (governo, lei Forças Armadas, o Capital), a classe governante tinha a seu dispor elementos poderosos de controle social e cultural: o sistema educacional, as várias formas de mídia, a imprensa, a literatura, todos eles destinados a destruir o negro como pessoa e como transmissor de uma cultura.

A lei, por causa de sua finalidade em ser aplicada, é um dos instrumentos mais óbvios de negócios. As leis de imigração promulgadas na época da pós-abolição eram planejadas para atingir um objetivo: o desaparecimento da «mancha negra» da população brasileira. O decreto de 28 de junho de 1890, permite «entrada livre às pessoas saudáveis e capazes de trabalhar, com exceções de nativos da Ásia e África», que só podem ser admitidos com autorização do Congresso Nacional.

Em várias ocasiões, a Câmara Brasileira discutiu leis que proibiram a entrada no Brasil «de qualquer pessoa de raça negra» (1921/1923).

Esse decreto de 1945, decreto-lei 7967, destaca o objetivo dos legisladores: preservar e promover o caráter europeu branco «superior» na composição racial brasileira. Recentemente, o governo adotou uma política de estímulo à imigração de exilados brancos racistas das colônias africanas recém libertadas: Belgas do Congo, Portugueses de Angola e Moçambique.

**«Dentro de um século a nação será branca».
E os nossos filhos ?**

O choque de conservação intelectual na construção dessa política foi crucial para sua aceitação. Na década de 1920, quando o Brasil estava promovendo, por Lei, a imigração de europeus brancos (raças celtas e nórdicas, ibéricos, eslavos, alemães, portugueses, espanhóis, austríacos, torças Italianas), a justificação «científica» dessa política e o seu objetivo eram amplamente divulgados. Oliveira Viana, mulato cientista, confirmou que: «O grupo étnico que mais contribui para a «miscigenação» tem o potencial para dominar a composição da população, não só no seu tipo morfológico, mas também seu tipo psicológico e cultural».

O escritor Paulo Prado afirma que: «Na constante mistura de nossa vida desde a era colonial, o negro está aos poucos desaparecendo, sendo transformado numa imagem enganadora do ariano puro».

Arthur Neuva elogia, em 1921, a política de imigração: «Dentro de um século a nação será branca».

João Batista de Lacerda, único delegado latino-americano num congresso universal de raças, em Londres, em 1911, predisse que até 2021, a raça negra terá desaparecido no Brasil:

«Devido a esse processo de redução étnica, é lógico esperar-se que no correr de um outro século o mestiço (meio sangue) terá desaparecido do Brasil. Isso irá coincidir com a eliminação paralela da raça negra do nosso meio».

A estatística de população mostra a mecânica desse linchamento social dos negros. De acordo com os cálculos de 1600, a população consistia de : 35.000 índios, 10.000 brancos e 20.000 africanos e descendentes.

A pesquisa demográfica de 1798, (T. Azevedo — Os grupos negro africanos), resultou nos seguintes dados: 250 mil indivíduos civilizados, 1 milhão e dez mil negros livres.

O famoso político Rio Branco mostra que, em 1822; havia uma população de 3.800.000 com: 1.043.000 brancos, 1.930.000 negros e 526 mil mulatos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, a população se desenvolveu de 1872 a 1950 da seguinte maneira:

	1872	1890	1940	1950
Negros	19.68	14.63	14.64	10.96
Pardos	42.18	41.40	21.20	26.54
Branco	38.14	43.97	63.47	61.66

Pardos — de pele marrom, no eufemismo para mulato isto é, negro.

Nesta estatística de percentagem de cada grupo na população, o declínio da

população negra é evidente ao lado de um crescente embranquecimento do país.

Esses dados apresentam uma imagem, retorcida da população, já que as pressões sociais sobre os negros no Brasil produzem uma subcultura que se identifica com os brancos: mulatos claros se consideram brancos, negros como mulatos, mestiços como pardos, ou outro eufemismo qualquer. Essa tendência já vem se mostrando há muitos anos, como observou o visitante francês José Maurício Rugendas, em 1862:

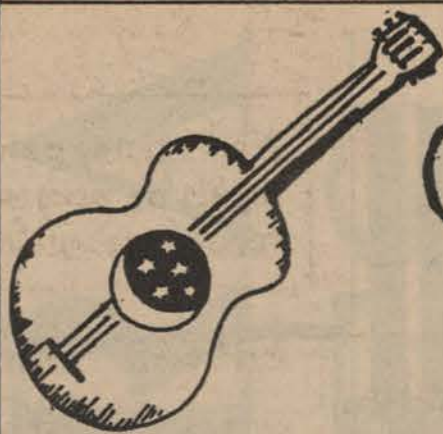
«É verdade que a lei dá aos negros o direito de votar ou ter empregos, mas os oficiais de pele mais ou menos escura não se opõem em reconhecer como brancos a todos que se consideram como tal, providenciam para eles a documentação necessária para estabelecer a pureza das origens».

Em 1889, o ministro das finanças Rui Barbosa ordenou que todos os documentos e estatísticas relativos a escravatura e ao comércio de escravos fossem destruídos. Essa foi uma circunstância que dificultou o entendimento da experiência negra no Brasil.

O mais recente senso demográfico eliminou qualquer referência à origem racial ou de cor, um fato que facilita a manipulação de estatística pela classe governante. Essa situação cria mais um instrumento de controle social. A realidade de nosso relacionamento racial é encoberta e qualquer informação que os negros poderiam usar na sua luta pela libertação do controle social é impossível de obter.

Esse processo ocorre com a justificação de que é baseado num preceito de justiça social: qualquer um é brasileiro, seja ele preto, branco, mulato, índio ou asiático. Na verdade, as classes dirigentes consideram todo movimento negro de conscientização de sua própria situação como uma agressão ou imposição de um negro fictício; o objetivo de melhora a compreensão da sua situação com relação a estrutura de poderes como uma ameaça à unidade nacional.

A justificativa da política das classes governamentais, através dessa ideologia dita igualmente racial ou genética do homem negro, nega-lhe uma identificação racial. Portanto, apesar de na realidade social o homem negro ser discriminado justamente por causa de sua raça e cor, lhe é negado pelos fundamentos legais o direito de autodefesa. A constituição não reconhece entidades raciais; qualquer um é simples brasileiro. Como tal, essa ideologia de «igualdade racial» é simplesmente duplo critério, uma ferramenta usada, convenientemente, no interesse da estrutura de poderes. Não existe, para um grupo discriminado e oprimido, meios legais de protesto contra a injustiça racial, já que a Lei não reconhece entidades raciais.



Café Paris

TODAS SEGUNDAS-FEIRAS
NOITE DO CHORINHO

o seu encontro com gente, café e livros

Rua Waldemar Ferreira nº 149 - butantã - S.P

VERSUS
VERSUS

Coleção encadernada Edição limitada

Quem conhece VERSUS sabe que o jornal é uma fonte permanente de consulta. As coleções completas estão se esgotando.

A coleção do nº 1 ao nº 7 contém uma edição especial em quadrinhos. E a coleção do nº 8 ao nº 14 contém uma edição especial sobre o aniversário da morte de Pablo Neruda e do golpe militar chileno. Comprando uma coleção você ganha como brinde o livro sobre Paulo Pontes «A Arte da Resistência» ou um Livrão de Quadrinhos.

Comprando as duas coleções você ganha os dois livros e mais um disco de Marcus Pereira, Música Popular do Sul.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....CEP.....

Coleção do nº 1 ao nº 7 (Cr\$ 300,00)

Coleção do nº 8 ao nº 14 (Cr\$ 300,00)

cheque nominal

Vale postal

Cores

vermelho

preto

verde

O cheque nominal deve vir endereçado para Editora Versus Ltda. Remeta para Editora Versus Ltda, Rua Capote Valente, 376 - São Paulo, SP. CEP 05409

...VOU TOMAR MEU CAFEZINHO PARAVENTI!

ROBAYAT
JOES & JIM
CLARK'S
AEROPORTO
CASA DO CAFE PARAVENTI
CAFE PARIS

Paraventi
é o que é

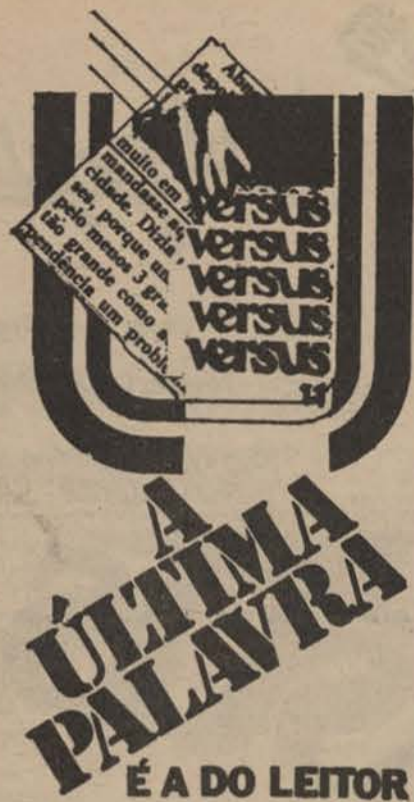
RUA GOMES DE CARVALHO 802-SP-FONE 241-07-26

NAS LIVRARIAS

coleção testemunhos **VERSUS**

Nas livrarias ou pelo Reembolso Postal Cr\$ 50,00
Peidos a Editora Versus Ltda
Rua Capote Valente, 376
CEP 05409 - Pinheiros S. P.

VERSUS



SALVE A MALANDRAGEM

Querido Sebastião Rodrigues Alves

Quase caio da cadeira quando, no Versus-16, sua carta curriculum acusando minha entrevista de tratar com pouca seriedade os problemas do negro no Brasil. Quem já leu meus trabalhos publicados em Visão, Folha de São Paulo, O São Paulo, Tribuna da Bahia, sobre o Festival da Nigéria, o Congresso de Cali, e principalmente, sobre a situação do negro brasileiro, deve ter percebido a preocupação em denunciar o problema. Você mesmo, em Cali, possuía em seu poder recortes de minhas matérias, que você ia entregar ao seu grande amigo Abdias do Nascimento. E foi ele mesmo, Sebastião, ao me apresentar você, que contou das aventuras do tempo da Frente Negra, e da violência que eram obrigados a enfrentar e a usar, contra uma discriminação que os recusava em bares e barbearias. Mas eu pisei nos seus calos, sem querer, ao falar em não academicismo e dizer que você transava a Lapa.

Porque os acadêmicos, Sebastião, estavam lá só para apresentar mais uma tese. Você foi lá para defender sua dignidade e a de seus descendentes. Porque os acadêmicos falavam um sociologuês irrespirável. Você ia lá no X da questão e num tom de chiste, de blague (características suas), denunciava numa frase o que eles demoravam uma hora para dizer. Tenho tudo gravado, Sebastião.

Sei de sua corajosa participação. E não fui por conta própria ou em viagem turística. Fui como enviada especial de uma revista brasileira, convidada que fui pela organização do Congresso. E por favor não diga que deturpo o pensamento de Abdias do Nascimento. Se isso fosse verdade, ele não me teria entregue sua última obra com a dedicatória: «A Mirna, de Lagos, Cali, e de todas as esquinas do mundo, na luta pela liberdade e dignidade humanas».

A entrevista feita a Versus foi toda num tom informal, de bate-papo, nada acadêmica, por sinal. Nisso não há nenhum desrespeito.

Quanto ao item feminista, Sebastião, creio que você não teve consciência histórica no momento em que mulheres negras colombianas e norte-americanas denunciaram a trágica situação da mulher negra — objeto tanto do homem branco como do negro, que na hora de escolher uma companheira escolhe a branca, como se com isso ascendesse de situação social. Você se levantou e disse que isso não ocorria no Brasil, onde «gostamos muito das mulatinhas». Se eu, como repórter, tinha me mantido calada até então, como mulher brasileira presente ao encontro fui obrigada a desmenti-lo, em público, e a narrar fatos que comprovam não só a marginalização da mulher negra (ou empregada ou mulata gostosa) como a proibição de se tocar no assunto (quando realizei com Sílvio Back o Globo Repórter Mulheres Guerreiras, todas as entrevistas com mulheres negras foram cortadas no ar, sabe-se lá porque).

Respeito muito seu trabalho, Sebastião. Sei que você lutou e luta muito pela causa negra no Brasil. Mas não sou racista, nem paternalista. Se o chamei de malandrão, foi porque sua figura, seu discurso, seu improviso saboroso e humorístico me deram essa leitura. Que seu curso de direito, seu curso de jornalismo e todo bacharelado que você cita não conseguiram apagar, graças a Deus.

E a sua participação no I Congresso de Cultura Negra das Américas ficou marcada exatamente por isso - você não permitiu que os scholars americanos enchessem muito o saco. Você não é congressista profissional. Você estava ali, de bolso próprio, lutando pela dignidade do negro brasileiro. Descolonize-se, Sebastião.

E Salve a malandragem, o parangolé, a patuscada, Moreira da Silva, Macalé. Salve o que as multinacionais e o «padrão de qualidade» não conseguiram apagar. E salve-se quem puder.

Mirna Grzych

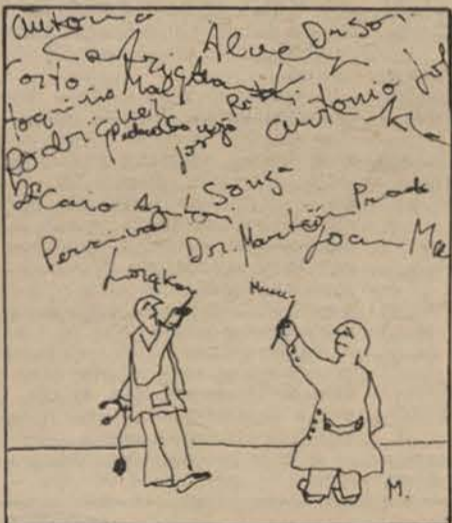
cartas

SAÚDE E DEMOCRACIA

O Dia Nacional de Saúde e Democracia, cujas manifestações foram realizadas em São Paulo na PUC, no último dia 15 de dezembro, contou com a participação de quase todas as entidades ligadas à área de saúde, às quais se somaram muitos dos outros setores que hoje lutam por melhores condições de vida para o povo brasileiro.

As entidades que organizaram tinham recolhido, até o dia 15, mais de 5.800 assinaturas de profissionais de saúde, apoiando o movimento.

No Dia Nacional de Saúde e Democracia, estiveram presentes as seguintes entidades; entre outras: Associação Profissional dos Assistentes Sociais de SP; Associação dos professores da PUC; Nova Diretoria do Sindicato dos Artistas; Sindicato dos Jornalistas SP; Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira; Conselho da Sociedade Amigos de Bairro do Grande ABC; Associação dos Sociólogos SP; IEPES; Frente Nacional do Trabalho; Jornal Brasil Mulher; Movimento Feminino Pró-Anistia; ADUSP; Comissão de Justiça e Paz; CEBES; Cúria Metropolitana SP; Associação Nacional dos Médicos Residentes; AMERESP; Movimento Renovação; DCE-USP; CAOC; DCE-PUC; Associação Paulista de Fisioterapeutas; Associação Brasileira de Estudos do Meio; Ass. Bras. de Defesa da Vivência Urbana; etc. (P.G.)



CARTA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE A POPULAÇÃO BRASILEIRA

As condições de saúde da população brasileira são precárias e tal situação vem se deteriorando em decorrência direta da má distribuição da renda e dos baixos salários, da pobreza e da fome, das péssimas condições de moradia e saneamento, e também de uma inadequada Política Nacional de Saúde.

As doenças infecciosas e parasitárias atingem mais da metade da população brasileira, e a estas se somam as doenças degenerativas, tais como câncer, doenças cardíaco-vasculares e outras, que acometem grande parcela de brasileiros. A mortalidade infantil vem aumentando progressivamente nos últimos anos, a proporção em que vem decrescendo o poder aquisitivo do povo. Assim é que, em São Paulo, a taxa da mortalidade infantil cresceu de 63 óbitos de menores de um ano por mil nascidos vivos, em 1960, para 96 óbitos por mil, em 1976. A vida média do brasileiro é ainda muito baixa, já que cerca de 75% dos trabalhadores recebem mensalmente menos do que 2 salários-mínimos, não podendo assim, conseguir alimentar em quantidade e qualidade suficientes para, pelo menos, gerar a energia consumida pelas horas de trabalho e alimentar adequadamente as suas famílias. A grande maioria da população vive em condições sub-humanas, habitando moradias sem abastecimento de água e sem rede de esgotos. As favelas, córregos e alagados se multi-

placam assustadoramente nos centros urbanos. Assim, em cada cinco habitantes do Rio de Janeiro, 1 é favelado. Em São Paulo, não mais do que 30% possui rede de esgotos e apenas 52% tem água encanada. Acharmos que, os fatores apontados acima são os principais responsáveis pela baixa qualidade de vida do povo brasileiro.

Diante disso, deparamos com a prática de uma Medicina com marcada tendência mercantilista, voltada em grande parte para o lucro e secundariamente para a saúde. Tal prática médica passou a existir no Brasil, significativamente, a partir da última década. O INPS, que possui grandes recursos financeiros, deixou de construir seus próprios hospitais e ambulatórios, e optou por funcionar através de convênios com casas de saúde e hospitais particulares, pelo sistema de pagamento por ato médico realizado, o que, como se sabe, constitui um fator de corrupção. Este sistema incentiva a prática de atos condenáveis, tais como operações desnecessárias, internações prolongadas, exames laboratoriais sem utilidade e tantas outras aberrações, que vem sendo cometidos em nome da Medicina e frequentemente denunciada; pela população, pela imprensa, e pelos próprios profissionais de saúde e suas entidades.

A saúde é um direito inalienável do homem, como consta na declaração Universal dos Direitos Humanos da O.N.U., também assinada pelo Brasil, e portanto, deve ser garantida pelo Estado. Não é justo, assim, que o INPS, sob pressão das empresas médicas, incentive a comemoração da Medicina. Além disso, cabe ressaltar as consequências danosas do excesso de medicamentos, colocados no mercado pelas indústrias farmacêuticas multinacionais, e que são vendidos a preços exorbitantes e sem controle, prejudicando também a saúde.

Temos claro que a atual política imediatista do Ministério da Saúde não é a solução adequada para os graves problemas que afligem a nossa gente. A política oficial de saúde tem se caracterizado por atitudes superficiais, tais como a distribuição de «milk-shakes», a título de suplementação alimentar, o que muito certamente não diminuirá o percentual de brasileiros desnutridos; a distribuição, a pretexto de evitar a «gravidez de alto risco», de pílulas anticoncepcionais como intuito de conter o crescimento demográfico e a distribuição de medicamentos tóxicos, destinados ao tratamento das endemias rurais, sem critérios, e sem a devida preocupação com a melhoria das condições de saneamento e de habitação dos milhões de brasileiros que são acometidos por tais doenças.

O povo exige que seja garantido o seu direito à saúde, isto é, alimentação adequada, melhores condições de habitação e saneamento, assistência médica de boa qualidade sem grandes filas. Nós, profissionais de saúde, por outro lado, reivindicamos melhores condições de trabalho, entendendo-se por isto não apenas salários condizentes, como também liberdades para o exercício de nossas profissões, pois somente assim contribuiremos para elevar o padrão de saúde de nosso país. Constatamos assim que profissionais de saúde e população não têm aspirações contrárias como, rotineiramente, se procura difundir. Portanto, não só nossas reivindicações se complementam como também é profundo nosso sentimento de insatisfação diante da realidade de saúde do Brasil.

O país vive sob regime de exceção, o povo como principal interessado e como verdadeiro financiador do sistema de saúde não pode discutir e colocar livremente suas reivindicações, e, muito menos, lutar por um sistema de atenção médica voltado para suas reais necessidades. Atualmente nossas entidades representativas e a dos demais trabalhadores, não tem sequer o direito de opinar sobre a Política Nacional de Saúde a ser traçada.

Acreditamos, então, que só existe um caminho para a solução dos problemas de saúde que afetam a população. Este é uma tomada de posição, através de amplo debate, que vise reorientar o sistema de saúde em direção ao atendimento que o povo brasileiro necessita. E para isto propomos a democratização em todos os níveis do sistema de saúde. Estes objetivos só serão alcançados numa sociedade democrática e capaz de viabilizar os anseios do povo. Nós, profissionais de saúde, a exemplo de importantes setores da sociedade, vimos publicamente afirmar nossa posição contra o estado de exceção vigente. Ao mesmo tempo, reivindicamos amplas liberdades para que todos os setores da população participem democraticamente na resolução de seus problemas, discutindo e propondo saídas concretas e necessárias, tais como a convocação de uma Assembléia Constituinte, livremente eleita.

NATAL
«que los derechos humanos, los violam en tantas partes, y en America Latina domingo, lunes y martes»
V. Jara
celebrar o Natal é celebrar a luta dos homens e mulheres marginalizados e oprimidos por sua libertação!
Celebrar o Natal deve ser para nós a celebração de nossa luta diária, incansável, ao lado desses homens e mulheres. Os povos indígenas aparecem para nós, como um sinal profético nesta luta - exemplo de resistência e coragem, exemplo de sociedade justa e humana. Celebrando o compromisso que assumimos com estes Povos, desejamos também a vocês, nossos companheiros de luta, um Bom Natal.
Regional Sul do CIMI
dezembro de 1977





LIBERDADE PARA FLAVIO TAVARES

Um manifesto pela libertação do repórter brasileiro preso, pela ditadura uruguaia, foi assinado por 1100 jornalistas e remetido ao governo daquele país. 1977

assine **VERSUS** com seus amigos e ganhe uma coleção de discos **MARCUS PEREIRA**

▶ Versus tem uma proposta para você. É uma proposta boa para os leitores e para o jornal. Preste atenção: você remete três assinaturas para Versus... e ganha UM DISCO da série Música Popular do Sul, gravado por Marcus Pereira. Você remete seis assinaturas... e ganha DOIS DISCOS da mesma série. Você remete nove assinaturas e recebe UMA COLEÇÃO INTEIRA, isto é, quatro discos!

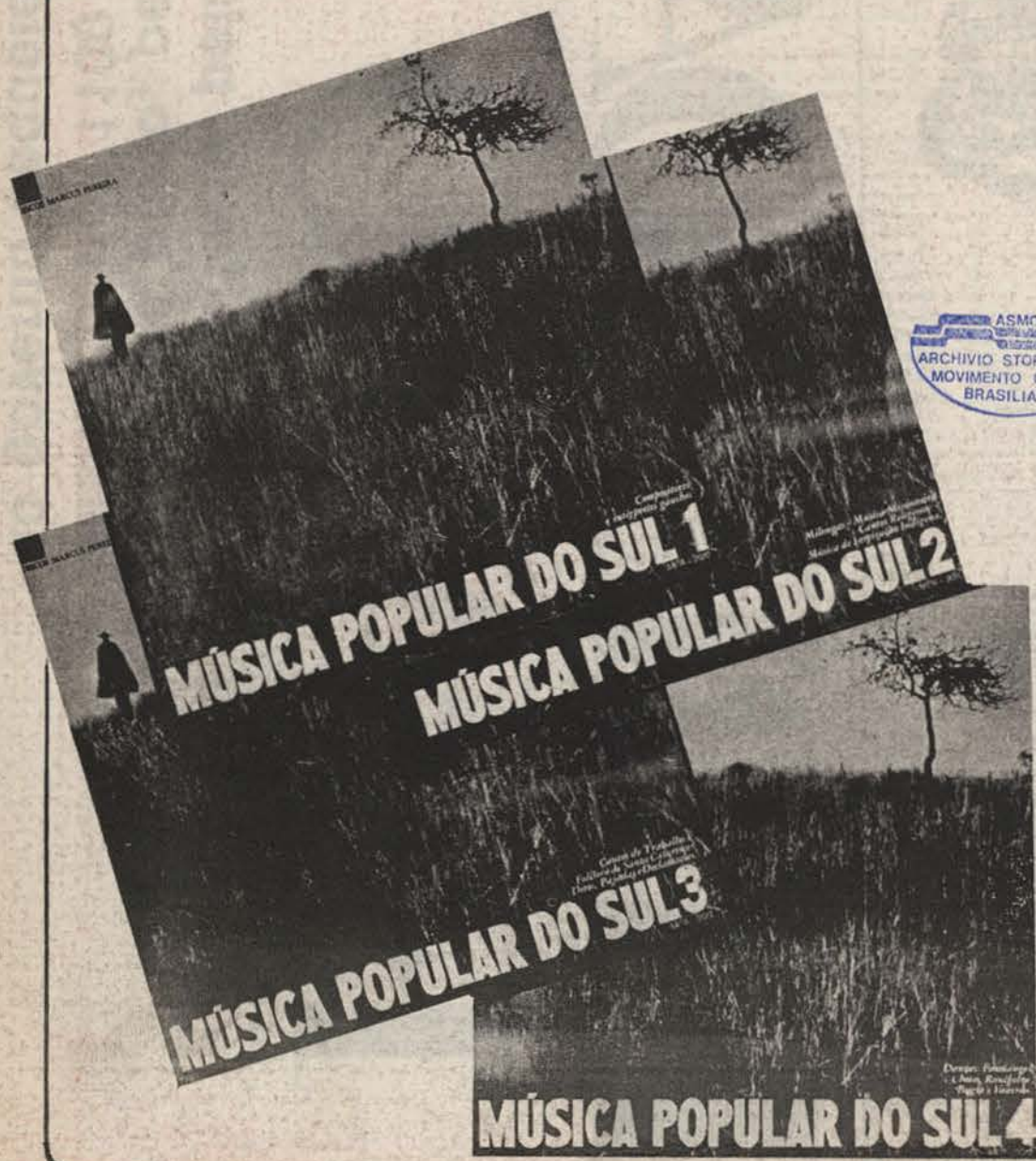
▶ Veja bem, não se trata de nenhum concurso. A remessa dos discos será automática, por via postal, sem qualquer gasto para você.

▶ Cada assinatura do Versus custa Cr\$ 150,00. Você deve remeter todos os dados (preencha os cupons desta página, ou os anote). Envie um cheque nominal ou vale postal para Editora Versus., Rua Capote Valente, 376, Pinheiros, São Paulo, SP - CEP-05409.

▶ A Coleção Música Popular do Sul, de Marcus Pereira, é um trabalho primoroso, a mais perfeita antologia musical desta região do Brasil.

▶ São dezenas de canções e muitos ritmos de nossa gente, que uma cultura «multinacionalizada» escondeu de todos nós.

▶ Ao mesmo tempo você estará assinando uma publicação independente, que conta com alguns dos melhores repórteres e escritores de toda a América Latina.



1
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

2
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

3
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

4
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

5
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

6
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

7
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

8
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....

9
NOME.....
ENDEREÇO.....
BAIRRO..... CEP.....
CIDADE..... ESTADO.....



LIBERDADE PARA FLAVIO TAVARES

Um manifesto pela libertação do repórter brasileiro preso, pela ditadura uruguaia, foi assinado por 1100 jornalistas e remetido ao governo daquele país. 1977